UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

LUANA DE SOUZA LIMA

REFERÊNCIAS MUSICAIS DO PASSADO ENTRE A JUVENTUDE ATUAL: A PRESENÇA DOS JOVENS NO SHOW DO PAUL McCARTNEY EM GOIÂNIA

Goiânia
2013

LUANA DE SOUZA LIMA

REFERÊNCIAS MUSICAIS DO PASSADO ENTRE A JUVENTUDE ATUAL: A PRESENÇA DOS JOVENS NO SHOW DO PAUL McCARTNEY EM GOIÂNIA

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Bacharel em Publicidade e Propaganda.
Orientadora: Profa. Dra. Maria Luiza Martins de Mendonça

Goiânia
2013

LUANA DE SOUZA LIMA

REFERÊNCIAS MUSICAIS DO PASSADO ENTRE A JUVENTUDE ATUAL: A PRESENÇA DOS JOVENS NO SHOW DO PAUL McCARTNEY EM GOIÂNIA

Monografia defendida no curso de Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do grau de Bacharel, aprovada em _____ de dezembro de 2013, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Maria Luiza Martins de Mendonça – UFG
Presidente da Banca

Prof. Dr. Magno Luiz Medeiros da Silva – UFG

À minha mãe, in memoriam, principal incentivadora do
meu aprendizado.

“Meu pai, Jim, que tocava piano numa banda de jazz em Liverpool, costumava cantar várias canções românticas nas reuniões familiares. O repertório do disco lembra diretamente a origem de minha própria maneira de amar e compreender a música.”

Paul McCartney

RESUMO

O presente trabalho busca compreender, a partir do entendimento de como os gostos dos indivíduos são formados, de como os jovens se relacionam e os processos de identificação com referências musicais do passado, e em qual medida a família e a mídia enquanto instituições transmissoras de cultura influenciam esta relação; o que leva os jovens de hoje a apreciar músicas e artistas de décadas passadas. Para tanto, toma-se como objeto de estudo o show do Paul McCartney (artista que esteve no auge do sucesso durante a década de 60 como integrante da banda The Beatles) realizado em Goiânia, no dia 06 de maio de 2013, que atraiu uma grande parcela de jovens. Para obter respostas para a questão colocada, opta-se pela entrevista como método de pesquisa aplicada a uma amostra de informantes composta por jovens que foram ao show. Busca-se nas falas dos entrevistados os motivos que os fizeram ir ao show de um artista que não é atual, e a apreciar músicas antigas. A partir da análise das entrevistas constata-se que a família sobrepõe-se a mídia como a mais influente na formação dos gostos dos jovens, especificamente no que diz respeito a referências musicais do passado.

Palavras-chave: jovens; identificação; referências musicais do passado; família; mídia; show do Paul McCartney;

ABSTRACT

This paper seeks to comprehend, from an understanding of how individuals' tastes are formed, of how young people relate and the identification processes with musical references from the past, and to what degree the family and the media while institutions transmitting of culture influence this relationship; what leads young people to enjoy music from decades past. For both, is taken as the study object the Paul McCartney concert (artist who was at the pinnacle of success during the '60s as a member of The Beatles) performed in Goiânia, on May 6, 2013, which attracted a large portion of young people. For answers to the question, chooses up to interview as research method applied to a sample of informants comprised of young people who were at the concert. Search up in the speech of the respondents the reasons that made them go to the concert of an artist who is not current, and enjoy old songs. From the analysis of the interviews it is verified that the family overlaps the media as the most influential in shaping the tastes of young people, specifically with regard to musical references from the past.

Keywords: young people; identification; musical references from the past; family, media; Paul McCartney concert;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Imagem do game *The Beatles: Rock Band* 24

Figura 2 Banda com a formação final e mais conhecida (Lennon, McCartney, Harrison e Starr) 26

Figura 3 Brian Epstein 27

Figura 4 Beatlemania 28

Figura 5 Apresentação no Ed Sullivan Show 30

Figura 6 Capa do álbum *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* 32

Figura 7 Capa do álbum *Abbey Road* 34

Figura 8 Show em Goiânia 37

Figura 9 Invasão de gafanhotos durante o show 39

Figura 10 Jovens na fila do show 40

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 9

2. MÚSICA 11

3. IDENTIDADE E IDENTIFICAÇÃO, CULTURA E MEMÓRIA 13

3.1 MÍDIA 17

3.2 FAMÍLIA 18

4. MÚSICA POPULAR E MUNDIALIZAÇÃO DA CULTURA 21

5. A MÚSICA DOS BEATLES 23

5.1 TRAJETÓRIA DA BANDA 25

6. PAUL McCARTNEY 36

6.1 PAUL McCARTNEY EM GOIÂNIA 37

7. METODOLOGIA 41

8. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS 44

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS 54

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 60

APÊNDICE A – Roteiro-base das entrevistas 64

APÊNDICE B – Transcrição das entrevistas 65

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda os processos de identificação dos jovens com referências culturais do passado, especificamente as músicas. Procura-se entender a relação que eles constroem com artistas do passado e suas respectivas obras. São jovens que ouvem e são fãs de artistas da época de seus pais, avós. Sendo a música um produto cultural, e sendo todo produto cultural um produto do seu tempo, o que se observa e investiga é, em alguma medida, a presença do passado no presente, a memória. Através da memória – que é reforçada por instituições como mídia, família, e a própria coletividade – o passado entra em contato com o presente. É por meio das lembranças e rememorações que a memória mantém o passado "vivo".

O que determina uma pessoa gostar de uma música, artista, estilo musical ou de qualquer produto cultural é se ela cria uma identificação com o objeto, visto que só se gosta daquilo com o qual se identifica. As pessoas gostam daquilo que conhecem, do que faz parte do seu universo e que de alguma maneira faz sentido em suas vidas. Pensando a partir desta premissa, um fenômeno curioso a ser notado é a predileção que muitos jovens nutrem por músicas antigas, de décadas anteriores ao seu nascimento. Qual seria a explicação para isso? Qual seria a explicação para que os jovens gostem de músicas que não fazem parte diretamente da sua história, músicas que são "fora do seu tempo"? Se as preferências culturais implicam identificação, por que os jovens ainda se identificam com música de décadas anteriores?

Tentar responder estas perguntas é importante, porque permite conhecer como ocorre a construção dos gostos que determinarão os tipos de música que os jovens consomem, e qual o papel das instituições transmissoras de cultura, em maior ou menor grau, neste processo ao mesmo tempo subjetivo, mas ainda social. Consequentemente, possibilita entender também o que faz com que alguns artistas antigos ainda tenham enorme apelo junto ao público jovem, além de como seu sucesso e seu potencial para gerar lucro se mantém, mesmo depois de passado tanto tempo e com todas as novidades e mudanças na sociedade. .

Para pensar sobre o problema apresentado, alguns temas e conceitos foram abordados no desenvolvimento deste trabalho. Inicialmente é tratada a importância da música na vida das pessoas e o lugar que ocupa no cotidiano. Em seguida conceitos como identidade, identificações, cultura e memória são discutidos e relacionados entre si. A partir desse quadro

teórico, discorre-se sobre o papel e atuação da mídia e da família neste contexto e, em seguida, o processo de mundialização da cultura e a música popular neste cenário.

O presente trabalho tem como objetivo compreender a relação dos jovens com a música, em particular com músicas de décadas anteriores. Procura-se saber qual é o espaço que a música ocupa na vida dos jovens, o que significa para eles e o que lhes proporciona; mais precisamente, saber de que forma a música de décadas anteriores faz parte da história de vida destes indivíduos, de que modo ela participa dos seus contextos sociais e, principalmente, como se formaram os gostos musicais e por quais influências. Em síntese, objetiva-se entender essa identificação (dos jovens com músicas do passado), isto é, de que forma e devido ao que ela acontece. Buscando explicações para esta questão, algumas hipóteses podem ser levantadas, como por exemplo, a de que a mídia é a responsável por esse fenômeno. Neste trabalho, considera-se a hipótese de que a família ainda é o principal agente de mediação entre os jovens e as referências musicais do passado. É necessário entender qual é o papel da mídia e da família como instituições transmissoras de cultura e mediadoras de experiência, bem como e a relevância de cada uma para se chegar a respostas.

Com o objetivo de conhecer o porquê da identificação de jovens com músicas de gerações passadas - e retomando a hipótese de que a família ainda é importante na produção de gostos - foi escolhido como objeto de estudo o show do Paul McCartney, realizado em Goiânia no dia 06 de maio de 2013. E por não se tratar de uma pesquisa quantitativa, mas sim qualitativa, como método de pesquisa para averiguar a hipótese levantada, optou-se pela entrevista com jovens que foram ao show.

O músico Paul McCartney foi escolhido como objeto para este estudo por se tratar de um artista que teve o auge da sua carreira nos anos 60, quando era integrante da banda The Beatles, e que, portanto, não se trata de uma referência musical atual, mas que ainda tem um apelo muito forte junto aos jovens, atraindo um grande número deles para os seus shows, como foi notado aqui em Goiânia. Para tentar descobrir o porquê disso foram realizadas entrevistas com dez desses jovens que foram ao show do Paul McCartney em Goiânia. Nas entrevistas buscou-se verificar quais foram às motivações de cada jovem para ir ao show, sua relação com o Paul McCartney, a banda The Beatles, e outras referências musicais do passado; como percebem estes artistas, que sentindo atribuem a eles, e ao que estes jovens atribuem a sua identificação ou não identificação com essas referências musicais.

2. MÚSICA

A música como parte integrante da vida das pessoas serve de base para lazer, fruição, cultura, entre tantos outros. Está presente no ambiente doméstico, na rua, no transito, no trabalho, nos *gadgets*[1] (que as pessoas carregam consigo para todos os lados), nas atrações midiáticas e nos lugares de convívio social. Enfim, nosso cotidiano é permeado de música. As preferências musicais variam de acordo com os gostos pessoais e estilos. Ao pensar especificamente sobre os jovens, a música e a juventude sempre andaram lado a lado, pois que a música parece ocupar um espaço significativo na vida das pessoas em geral, no entanto quando tratamos da juventude percebemos que ocupa um espaço ainda maior em suas vidas. É muito comum encontrar adolescentes que passam, praticamente, o dia inteiro ouvindo música, mesmo que seja como "pano de fundo" para suas atividades diárias; disso pode-se perceber o quão presente e significativa é a música em suas vidas.

Todo esse espaço que as pessoas, e principalmente os jovens, cedem à música em suas vidas é facilmente compreendido, visto o que ela proporciona como experiência nos mais diversos níveis de fruição. A música é capaz de traduzir, evocar, provocar emoções, sensações e pensamentos particulares, ou coletivos. As pessoas se expressam através da música e se sentem representadas por ela. Para alguns, ouvir música é quase que uma experiência subliminar, transcendental.

A música como uma forma de arte relaciona-se com outras formas de arte, como por exemplo, a dança, o cinema, o teatro e a literatura. A relação entre dança e música é bastante intensa. Apesar dos movimentos de dança não dependerem da música para acontecer, o mais comum é assistir passos da dança coordenados por uma música, o que potencializa seu efeito[2]. A relação entre música e cinema também é muito próxima uma vez que o cinema utiliza as músicas, de forma a colaborar para a construção de uma narrativa[3]. Ela atribui sentidos e significados às cenas e suscita emoções. Não são raras cenas em que praticamente todo o seu significado é creditado a uma trilha sonora, pois que, sem a mesma, a cena perderia complemente o sentido. Por essa razão muitas vezes a escolha da trilha sonora de um filme é pode ser tão importante. A relação entre música e teatro também é de colaboração, com a

---

[1] Dispositivos eletrônicos portáteis.
[2] Disponível em: <http://www.brasilescola.com/artes/danca.htm>. Acesso em: 3 set. 2013.
[3] Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=54&id=689>. Acesso em: 3 set. 2013.

primeira colaborando para os sentidos das cenas, similar ao cinema[4]. Na literatura a relação com a música acontece, por exemplo, no gênero lírico, onde o texto é construído buscando uma musicalidade e ritmo. A poesia lírica é a forma de poesia que deu origem ao gênero lírico, era feita para ser cantada e acompanhada por instrumentos musicais (o nome deriva de lira, um instrumento musical). E é do gênero lírico que a métrica das composições musicais derivam, pois que possuem versos, rima, estrofe, musicalidade assim como nas poesias líricas[5].

Outro atributo da música é o de recurso mnemônico. Não raro, ao escutarmos determinada música nos lembramos de um fato ocorrido, de uma ocasião passada, de um lugar onde estivemos ou da emoção que vivenciamos embalados por esta. Associações entre músicas e lembranças são muito naturais para nós e por isso facilmente estabelecidas, sendo a música, portanto, uma excelente auxiliar da memória. Ela está atrelada a existência dos indivíduos, a sua historia de vida e por isso esta associação se faz tão frequente. (ROCHA; BOGGIO, 2013).

Além disso, cumpre algumas funções sociais auxiliando, por exemplo, o processo de socialização ao reunir as pessoas (família, amigos, desconhecidos) para diversas finalidades. A influência musical vai além e, para alguns, o vestuário, o comportamento, os lugares frequentados, etc., são em boa parte definidos conforme seus gostos musicais. Pessoas também podem se identificar umas com as outras de acordo com suas preferências musicais. Dessa forma, a música assume uma função identitária, colaborando na formação da subjetividade do indivíduo (PIMENTEL; GOUVEIA; VASCONCELOS, 2005).

A fruição musical, para qualquer pessoa, está sujeita as múltiplas mediações como por parte da família e da mídia, por exemplo. Assim, a música adquire significados particulares, que foram elaborados a partir do contexto social de cada indivíduo, da subjetividade de cada um e de como o objeto musical é mediado, tornando a fruição musical uma experiência única e subjetiva.

---

[4] Disponível em: <http://www.pucsp.br/~cos/cultura/teatro.htm>. Acesso em: 3 set. 2013.
[5] Disponível em: <http://www.brasilescola.com/literatura/genero-lirico.htm>. Acesso em: 4 set. 2013.

3. IDENTIDADE E IDENTIFICAÇÃO, CULTURA E MEMÓRIA

O conceito de identidade é bastante amplo, pois que está presente em vários campos de estudo, com abordagens variadas e compreensões diversas sendo conceituado de várias formas. Sugere-se então que entenda-se a identidade (o reconhecimento do eu) como algo que se dá a partir do reconhecimento do outro. O outro surge como referencial comparativo para o eu, que ao perceber o outro como um ser singular pode se perceber da mesma forma. Assim, a identidade surge no momento em que o sujeito diferencia-se do outro, destacando-se dele (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 203-4).

O que é importante entender é que a identidade é algo em permanente formação, vai sendo construída, ou seja, ela não surge pronta, acabada e imutável. Não é algo que surge na infância e continua intacta até a morte. A identidade é permanentemente modificada, é fruto de interação social, não é fixa ou imutável, mas sim flexível e mutável. Ela é fruto das experiências pessoais, das interações sociais, do contexto ao qual a pessoa está inserida, de sua carga cultural. Ela surge como um processo em aberto, dessa forma, a identidade vai sendo construída e modificada durante toda a vida do sujeito. Portanto é correto afirmar que o indivíduo não é o mesmo durante toda a vida, porque este passa por inúmeras mudanças desde a infância até a fase adulta, e da fase adulta até a velhice, sendo influenciada pelas experiências que cada período vivido traz; logo a identidade não permanece intacta, ela será "moldada" a partir desses processos que envolvem sempre novos aprendizados, novas experiências. Sobre o caráter de processo da identidade Hall explica que:

> [...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência do momento do nascimento. Existe sempre algo 'imaginário' ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre 'em processo', sempre 'sendo formada'. [...] Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos fala de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento (HALL, 1998, p. 38-39).

Além disso, não se pode falar em uma identidade unificada do indivíduo, – o sentimento de unidade do sujeito não passa de uma ilusão que ele mesmo constrói baseado no reflexo unificado que formou na fase do espelho (HALL, 1998, p. 13 e 38) – mas em múltiplas "identidades" (posições de sujeito) possíveis. Isso quer dizer que o sujeito possui várias identidades com as quais pode se identificar e assumir em determinados momentos.

Ao observar uma pessoa, percebe-se que vários são os “papeis” que ela assume nas diversas situações, de acordo com a demanda social e, da mesma forma, várias são as identidades com as quais ela se identifica. Para exemplificar o que está sendo dito, tome como exemplo um indivíduo do sexo masculino. Esse indivíduo não assume apenas uma posição de sujeito, mas várias, de acordo com suas identificações, como por exemplo, a de brasileiro, a de homem, de filho, de neto, de estudante e/ou de profissional, de pai, de marido, de cristão, etc. É provável que alguma de suas posições de sujeito (identidades) predomine sobre as outras e com a qual tenha uma identificação mais forte, mas as outras identidades poderão tomar o papel central “identitário” dependendo da situação em o sujeito se encontre. Pode-se falar então de um “jogo das identidades”, onde as identidades são negociadas de acordo com as múltiplas identificações do sujeito (HALL, 1998).

A formação da identidade do indivíduo acontece por um processo de identificações. O conceito de identificação “descreve o processo pelo qual nos identificamos com os outros, seja pela ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades” (WOODWARD, 2009, p. 18). A identificação começa logo na infância, com o surgimento da identidade. No processo de diferenciação, a criança passa a selecionar modelos (pessoas) como objetos de identificação, dos quais absorve características para a formação de sua identidade (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 204).

As identificações são bastante mutáveis, por isso não raro deixa-se de gostar de algo de que gostava anteriormente. Isso acontece porque o indivíduo deixa de se identificar com aquilo, ou seja, aquela identificação deixou de existir. Sendo assim as identificações e gostos provenientes delas podem mudar inúmeras vezes. Algumas mudanças são bem aparentes, como a mudança de gostos quando na fase criança para a fase adolescência, e posteriormente para a fase adulta; outras são menos drásticas, mas ao decorrer dos anos mudamos estilos, podemos trocar de artista preferido, de estilo musical, de gosto por comida.

A identidade, bem como as identificações, é mediada pela cultura. A cultura tem um papel-chave na formação da identidade, já que é através da assimilação da cultura que se cria uma base sobre a qual se opta por determinadas identificações e se forma a identidade. A cultura é a fonte de valores, modos de ser, visões de mundo, padrões, assim não há como separar cultura dos processos de identificações ou da identidade, pois eles são regulados culturalmente. O modo que o indivíduo se percebe enquanto sujeito, a noção que ele tem do que é ser sujeito e o significado que ele atribui a isso, tudo isso é culturalmente condicionado.

Laraia usa a definição de cultura por Ruth Benedict (1972) que diz que "[...] a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo" (BENEDICT, 1972 apud LARAIA, 2006, p. 67). Mais adiante Laraia complementa dizendo que "O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura" (LARAIA, 2006, p. 68).

A cultura por ser um sistema de representação fornece as representações com as quais o indivíduo pode se identificar. Mais do que isso, os sentidos que as pessoas atribuem a sua identidade e a sua experiência, ao seu contexto, e ao mundo ao seu redor são fornecidos pela cultura através das representações. Woodward sobre representação:

> A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis repostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2009, p. 17)

Dessa forma, ao oferecer modelos com os quais o indivíduo possa se identificar, a cultura constrói identidades. Tudo que ele é, todo seu comportamento, tudo isso é cultural, tudo isso é aprendido. Assimila-se a cultura por meio da socialização, processo do qual se falará mais adiante.

Memória e identidade também são profundamente interligadas, porque a formação da identidade irá perpassar também por sua história, sua experiência de vida. Sem a memória não é possível compreender-se em sua história. A memória permite que essa história não se perca, permanecendo viva através das lembranças. A memória é a possibilidade de "reviver" determinado momento da vida de um individuo. Consequentemente, sem memória e, portanto, sem conhecimento de sua historia, o indivíduo não saberia quem é, não se reconheceria enquanto sujeito, na sua singularidade – uma vez que sua singularidade também é decorrente de sua história singular –, não saberia sua identidade[6].

[6] Opinião de Gilberto Xavier, professor do Instituto de Biociência da Universidade de São Paulo (USP), em matéria jornalística. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/acao/noticia/2013/03/importancia-da-memoria-na-formacao-da-identidade-do-individuo.html>. Acesso: 14 set. 2013.

A memória possibilita ao indivíduo guardar informações e relembrá-las posteriormente. A palavra “memória” é definida no dicionário como “Faculdade de reter as ideias, impressões e conhecimentos adquiridos”, como também “Lembrança, reminiscência” (FERREIRA, 2010, p. 498), logo a memória se refere tanto a capacidade de armazenar como de recordar.

Interessa saber que a memória não é construída individualmente, mas socialmente. Mesmo a memória denominada “individual”, ou seja, particular do indivíduo, é construída e reforçada na interação com os outros sujeitos e suas memórias, onde um reforça a memória do outro, e no diálogo permanente com a memória coletiva (HALBWACHS, 2006). Halbwachs sobre as lembranças individuais e o seu caráter coletivo diz:

> Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Pelo fato da memória ser construída dialogicamente, entre os indivíduos e os grupos, o que se tem é que “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva [...]” (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Compartilhada pela sociedade, enquanto grupo, a memória coletiva faz com que os indivíduos se identifiquem uns com outros e que desenvolvam o sentimento de pertencimento a um grupo que partilhe as mesmas lembranças. Um exemplo possível é a família, porque ela também transmite e reforça essa memória coletiva.

A mídia e outras instituições também são responsáveis por essa reprodução. Ao pensar em música, certas obras do passado integram a memória coletiva das pessoas, porque marcaram culturalmente sua época. Isso faz com que os jovens não sintam estranhamento em relação a essas obras, que apesar de não pertencerem a sua época, são de certa forma comum a esses jovens, pois fazem parte, mesmo que subjetivamente, do seu universo cultural. Porém, o fato de muitos jovens terem como preferências musicais essas obras, pressupõe uma identificação muito mais forte e que muitas vezes tem origem no núcleo familiar.

A memória coletiva desempenha um importante papel no que diz respeito aos processos de identificação com as referências culturais, afinal, é por meio dela que uma cultura se mantém viva ao longo do tempo, atravessando gerações.

3.1 MÍDIA

A mídia é uma das instituições transmissoras de cultura e, portanto, fonte de modelos de identificação para os indivíduos. No entanto, trata-se de uma das fontes, não sendo a única ou exclusiva. Para lembrar algumas outras fontes de identificação podemos citar a Igreja e a escola, além da família, já mencionada anteriormente, que também é transmissora de valores culturais. Alguns autores, no entanto, acreditam que é a mídia a instituição que exerce maior poder sobre os processos de identificação dos indivíduos. É o caso de Douglas Kellner (2001) que acredita que com a mídia, a família perdeu boa parte de seu poder de influência sobre seus integrantes (inclusive, como principal agente de socialização), colocando a mídia em detrimento da família como influenciadora das identidades. Sobre isso Kellner afirma:

> [...] a cultura veiculada pela mídia transformou-se numa força dominante de socialização: suas imagens e celebridades substituem a família, a escola e a Igreja como árbitros de gosto, valor e pensamento, produzindo novos modelos de identificação e imagens vibrantes de estilo, moda e comportamento (KELLNER, 2001, p.27).

Mais adiante em sua obra, Kellner reitera a citação acima dizendo que “A cultura da mídia constitui vigorosa fonte de novas identidades, substituindo nessa função nacionalismos, religiões, família, e educação” (KELLNER, 2001, p.212).

Contudo, neste trabalho assume-se a hipótese de que a influência familiar seja ainda bastante significativa. Embora não descartemos ou menosprezemos de modo algum a relevância da mídia, a influência da família parece ser ainda muito relevante no que diz respeito aos processos de identificação dos seus integrantes.

De fato, a mídia atua largamente na formação do universo cultural dos indivíduos, muitas vezes, mediando o contato do ser humano com determinado objeto cultural. É, sem dúvida, uma instituição transmissora de cultura poderosa e de largo alcance. Atuando na construção da identidade, é fonte de modelos de identificação, difusora de significados, modos de vida, normas, padrões de comportamento, padrões culturais e de referência que influenciam na constituição da subjetividade do sujeito e interferem em seus processos de identificação, no modo como eles enxergam a si mesmo e os outros, no modo como querem ser vistos, e como percebem tudo que os cerca. Nesse sentido, a mídia pode influenciar nos

gostos musicais dos jovens ao fazer com que eles se identifiquem com determinadas referências culturais, com que gostem de músicas antigas, de acordo com seus interesses mercadológicos. Levando em consideração tudo que foi dito, a mídia se posiciona como importante agente na construção das identificações dos indivíduos e, por conseguinte, dos gostos.

3.2 FAMÍLIA

Sendo uma das unidades mais básicas da sociedade, a família é crucial para o desenvolvimento do indivíduo e sua inserção na sociedade (GOODE, 1970). É nela onde ele se reconhece primeiramente enquanto sujeito, e é o primeiro grupo com o qual ele se identifica e passa a pertencer. Prado (1985) ressalta a importância singular da instituição familiar para o indivíduo: "[...] a família, no entanto é 'única' em seu papel determinante no desenvolvimento da sociabilidade, da afetividade e do bem-estar físico dos indivíduos, sobretudo durante o período da infância e da adolescência" (PRADO, 1985, p. 13-14). Goode estende essa importância singular da família para a sociedade ao dizer que:

> [...] na medida em que todas as outras instituições dependem de sua contribuição, a família é a base instrumental mais importante da estrutura social inclusiva, pois o desempenho de um papel que é aprendido na família se torna o modelo ou protótipo do desempenho dos papeis exigidos nos outros segmentos da sociedade (GOODE, 1970, p. 17).

A principal importância da família para o sujeito se dá por ser a responsável pela socialização primária da criança, pois é a partir da socialização que o indivíduo aprende a ser sujeito, assimila sua cultura para conviver em sociedade, forma sua identidade pessoal e cultural e se relaciona com o seus semelhantes. Socialização é "[...] um processo social global, através do qual o indivíduo se integra no grupo em que nasceu, assimilando o conjunto de hábitos e costumes característicos do grupo. Participando da vida em sociedade, aprendendo suas normas, valores e costumes, o indivíduo está se socializando" (OLIVEIRA, 1996, p. 18).

No que diz respeito à cultura, a família mantêm sua importância ao ser responsável por manter a cultura viva. Isso porque "O conteúdo do processo de socialização são as tradições culturais do grupo; transmitindo-as à geração seguinte, a família age como

adutora ou cabo de transmissão através do qual a cultura é mantida viva" (GOODE, 1970, p. 17).

É, sem dúvida, uma das principais instituições transmissoras de cultura, tradições, e propagadora de práticas culturais através das gerações. A reprodução familiar é eficaz e as práticas culturais da família são de grande importância e significado para o sujeito por ser o seu primeiro núcleo de convivência. É neste convívio que o indivíduo recebe e assimila as primeiras normas, padrões, referências culturais, modelos de identificação, etc. (OLIVEIRA, 1996).

A percepção do sujeito – ou seja, o modo como o sujeito irá perceber a si mesmo e tudo a sua volta, incluindo as referências culturais que recebe – como parte de sua subjetividade também é fruto da convivência familiar. Isso porque identidade e os processos de identificação dos quais deriva são formados por meio de socialização, uma vez que a identidade é construída a partir da relação com o outro, e a família, como já dito, é o primeiro grupo com o qual o indivíduo se socializa e se percebe enquanto sujeito. Logo, a família é a primeira a oferecer modelos de representação e identificação.

Ao pensar na família em comparação com outras instituições sociais sabe-se que "Entre o indivíduo e o conjunto da sociedade existem os vários grupos profissionais, de identidade, ideológicos, religioso, raciais, educacionais, etc. Estes não englobam, no entanto, os indivíduos enquanto indivíduos, em toda a sua história de vida pessoal" (PRADO, 1985, p. 9). Isso faz com que a grupo familiar seja único e de uma importância também única para os integrantes.

Desta forma, ela pode e influência nos gostos musicais dos jovens, e o faz por ser a primeiro grupo social a colocar o indivíduo em contato com a música e a dar sentido à fruição musical. As preferências culturais muitas vezes são herança familiar. Nas reuniões familiares, a música pode desempenhar o papel secundário, como quando familiares se reúnem para festejar uma data especial, aniversário, por exemplo, e acabam "embalando" o encontro com música, ou quando os mais velhos mostram para os mais jovens suas preferências musicais. Experiências como essas agregam afetividade e significados particulares à fruição musical do indivíduo, influenciando nos seus gostos musicais, pois estimulam a lembrança daquele bom momento vivido com sua família.

Talvez, os jovens consigam se identificar com músicas "fora do seu tempo", porque essa preferência musical tornou-se parte de suas identidades por meio de seus familiares. Além disso, sendo a família o primeiro grupo social do indivíduo responsável pela

sua socialização primária, também é responsável por boa parte da forma como ele percebe e assimila a memória coletiva da qual faz parte.

4. MÚSICA POPULAR E MUNDIALIZAÇÃO DA CULTURA

É certo que quase nenhuma cultura existe isoladamente, sem ter qualquer contato com outras culturas, mas o que vemos hoje é diferente, pois existe um código cultural que é entendido mundialmente e existe uma cultura compartilhada em nível global. Por isso as pessoas passaram a compreender e se identificar com símbolos e referências culturais que não fazem parte da sua cultura nacional ou local (ORTIZ, 1994).

Certas referências culturais ultrapassam as fronteiras da cultura do país de origem, tornando-se parte de uma cultura mundial. A mídia tem papel fundamental nesse processo, ao construir e difundir símbolos transnacionais por meio de seus produtos culturais mundializados; através de suas múltiplas ferramentas (televisão, cinema, música, etc.) as mesmas referências culturais vão sendo inseridas no cotidiano das pessoas de diferentes partes do mundo. Estas consomem os mesmos produtos, inclusive culturais. A mídia consegue então compor um imaginário desterritorializado, que se encaixará em qualquer lugar, não dependendo de um território específico para fazer sentido.

Os indivíduos passaram a se identificar com referenciais culturais que não fazem parte de suas origens, ou mesmo sem nenhuma aproximação com sua cultura nacional, isso porque passaram a fazer parte de uma cultura maior. Em decorrência disso as pessoas podem se sentir integradas umas a outras, em nível mundial, ao partilharem da mesma cultura mundializada.

Para entender melhor essa questão cabe falar da mundialização da cultura, termo cunhado por Renato Ortiz (1994). “Mundialização da cultura” é usado por Ortiz para denominar um processo onde a cultura foi impelida do nível nacional ao nível mundial, expandindo-se, graças ao modo de produção industrial (ORTIZ, 1994, p. 56). O autor nos coloca como cidadãos mundiais, o que significa dizer que compartilhamos e nos identificamos com referências culturais do mundo todo e por isso podemos ser considerados cidadãos do mundo. No entanto, Ortiz esclarece que:

> Somos todos cidadãos do mundo, mas não no antigo sentido, de cosmopolita, de viagem. Cidadãos mundiais, mesmo quando não nos deslocamos, o que significa dizer que o mundo chegou até nós, penetrou nosso cotidiano. [...] A mundialização da cultura se revela através do cotidiano (ORTIZ, 1994, p. 8).

Canclini (1995), ao descrever um panorama de uma cultura mundializada, exemplifica e descreve o que Ortiz fala e o que já foi dito sobre a mídia:

> Várias décadas de construção de símbolos transnacionais criaram o que Renato Ortiz denomina uma "cultura internacional-popular", com uma memória coletiva feita com fragmentos de diferentes nações. Sem deixar de estar inscritos na memória nacional, os consumidores populares são capazes de ler as citações de um imaginário multilocalizado que a televisão e a publicidade reúnem: os ídolos do cinema hollywoodiano e da músicas pop, os logotipos de jeans e cartões de crédito, os heróis do esporte de vários países e os do próprio que jogam em outro compõem um repertório de signos constantemente disponível. Marilyn Monroe e os animais jurássicos, Che Guevara e a queda do muro, o refrigerante mais bebido no mundo e Tiny Toon podem ser citados ou insinuados por qualquer desenhista de publicidade internacional confiando em que sua mensagem terá sentido ainda para aqueles que nunca saíram do seu país (CANCLINI, 1995, p. 63).

Então, pensando a relação entre cultura e memória, pode-se concluir que a partir desse processo de mundialização da cultura uma memória coletiva, também a nível global, naturalmente foi sendo composta como uma ferramenta necessária para que essa cultura internacional-popular se perpetue por gerações, agregando novos indivíduos, e se fortaleça. Ao lado de Marilyn Monroe e Che Guevara, exemplos de ícones mundializados citados por Canclini, podemos inserir também os Beatles. Os Beatles são um dos maiores ícones (para alguns o maior) de música popular mundial há várias décadas. Fazem parte da memória coletiva da cultura mundial, logo são conhecidos e familiares em todo mundo. Não existem fronteiras nacionais para os Beatles, porque, apesar dos Beatles não serem parte da cultura francesa, ou brasileira, por exemplo, eles integram uma cultura mundial, com a qual os jovens se identificam e fazem parte. Por isso, a banda Beatles não é estranha a eles, muito pelo contrário, são extremamente familiares, pois são referência nessa cultura mundial. A música popular mundial, da qual os Beatles fazem parte, é um exemplo de produção cultural, do processo mundialização da cultura, e que, simultaneamente, o reforça.

Entende-se aqui por "música popular" a música produzida para distribuição e consumo massivo, ou seja, música para fins comerciais, sujeita aos interesses mercadológicos, visando amplo consumo[7]. Sujeita à lógica industrial, a música popular é beneficiada pela mundialização da cultura que amplifica o seu mercado consumidor em escala global, ao mesmo tempo, a música popular se torna também um agente de mundialização da cultura ao ser amplamente difundida e inserida no cotidiano das pessoas de todas as partes do mundo.

---

[7] Cabe esclarecer que nem sempre o popular é massivo e vice-versa. Desta forma, música popular não é, necessariamente, o mesmo que música massificada.

5. A MÚSICA DOS BEATLES

The Beatles foi uma banda britânica de rock da década de 60 formada por John Lennon, George Harrison, Paul McCartney e Ringo Starr. Alcançaram sucesso mundial na década de 60, quando também surgiu o termo "beatlemania" para descrever o imenso sucesso que a banda fazia em todo o mundo e sua popularidade. É considerada a maior banda de todos os tempos e suas canções são tidas como marco na história da música. Sua obra definiu novos parâmetros musicais, tornando-se uma referência para artistas posteriores.

Lançaram treze discos no total, sendo o álbum *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (1967) considerado a obra-prima do grupo. O término da banda se deu definitivamente em 1970. Todos seguiram carreira solo. Dos quatro, apenas Paul MacCartney e Ringo Starr continuam vivos e na ativa – John Lennon morreu em 1980, vítima de assassinato, e George Harrison morreu em 2001, de câncer.

Mais de 40 anos após o término da banda, os Beatles ainda conquistam novos fãs ao redor do planeta. Fãs que não eram nascidos na época em que a banda existiu. De fato, os Beatles fizeram parte diretamente da juventude das pessoas que eram jovens na década de 60 e que hoje já são avós, e agora fazem parte indiretamente da juventude dos netos dessas pessoas.

É intrigante o fato de os jovens de hoje ainda se identificarem com a banda de Liverpool de quatro décadas atrás. Os Beatles ainda fazem sentido para a geração atual. Prova disso é que os Beatles fazem sucesso até hoje, possuindo vídeos no Youtube (colocados e compartilhados por fãs) com grandes visualizações, sendo que um desses vídeos possui quase vinte oito milhões de visualizações[8]. Em 2010, quando catálogo de canções dos Beatles foi lançado no iTunes[9] em menos de 24 horas já lideravam as vendas, com vários discos ocupando o "top 20" dos mais vendidos.[10]

Os Beatles foram um fenômeno cultural, cuja influência é percebida não apenas na música (a qual revolucionaram) ou na cultura pop da época, mas em toda a cultura popular mundial que veio depois até agora. A banda estava na ativa quando grandes acontecimentos históricos estavam acontecendo e tornou-se a trilha sonora destes momentos, além do talento

---

[8] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ONXp-vpE9eU>. Acesso em: 12 set. 2013.
[9] iTunes Store é um serviço online de comercialização de música e vídeo da Apple Inc.
[10] Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/11/albuns-dos-beatles-dominam-top-20-do-itunes-em-menos-de-24-horas.html>. Acesso em: 12 set. 2013.

inegável do quarteto responsável por produzir canções que figuram nas listas das melhores e maiores músicas de todos os tempos.

O quarteto de Liverpool continua conquistando novas gerações, em parte, porque ainda está na "ativa", quer dizer, de tempos em tempos algo deles é lançado ou relançado mantendo tanto a imagem da imagem da banda, bem como sua obra, "vivas" na memória das pessoas e presentes na mídia, não caindo no esquecimento, além de reforçar a relação dos fãs (principalmente os novos) com a banda. Para tanto, migraram para os meios digitais. Por exemplo, em 9 de setembro de 2009 foi lançado o jogo de vídeo game *The Beatles: Rock Band*, jogo que faz parte da série de videogame Rock Band e que permite ao público simular estar tocando a música do Beatles. O jogo conta ainda com materiais inéditos da banda como um atrativo a mais[11]. Para completar, foi escolhido o mesmo dia para o lançamento de todo o catálogo dos Beatles remasterizado (digitalizado).

Figura 1: Imagem do game *The Beatles: Rock Band*[12]

Ainda está previsto para 11 de novembro deste ano de 2013 o lançamento do *On Air - Live At The BBC*, segundo volume das gravações ao vivo que os Beatles fizeram na BBC em 1963 e 1964 (o primeiro volume foi lançado em 1994), no formato de CD duplo ou LPs de

[11] Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/noticia/comercial-de-the-beatles-rock-band-mostra-banda-em-abbey-road/>. Acesso em: 15 set. 2013.
[12] Disponível em: <http://jogos.uol.com.br/playstation3/galerias/the-beatles-rock-band.htm#fotoNavId=as899700>. Acesso em: 15 set. 2013.

duplos e contará com 23 gravações inéditas em estúdio, 37 canções gravadas ao vivo, e outros documentos sonoros como conversas entre os integrantes e os apresentadores da BBC[13].

5.1 TRAJETÓRIA DA BANDA

A banda britânica de rock The Beatles, segundo Davies (1968), surgiu em Liverpool, Inglaterra, em 1960. A primeira formação da banda contava como integrantes John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Pete Best, mas a formação que os levou ao estrelato e pela qual ficaram conhecidos como *The fab four*[14] foi composta por John Lennon (guitarra rítmica e vocal), George Harrison (guitarra solo e vocal), Paul McCartney (baixo e vocal) e Ringo Starr (bateria e vocal).

Em 1956 John Lennon formou com os colegas de escola Eric Griffiths, Pete Shotton, Bill Smith e Rod Davis a banda The Quarry Men, que mais tarde daria início aos Beatles. No mesmo ano Paul McCartney após ver uma apresentação da banda em uma quermesse juntou-se ao grupo. No ano seguinte, 1958, foi a vez de George Harrison, trazido por Paul, entrar para a banda.

O grupo trocou de nome várias vezes (para The Rainbow, The Moondogs, The Silver Beatles) até passarem a se chamar Beatles em 1959. Os integrantes também mudaram muitas vezes até chegar a formação composta por Lennon, McCartney, Harrison e Best como The Beatles. Ringo Starr só entraria na banda em 1962 quando o grupo consegue um contrato com a gravadora Parlophone.

---

[13] Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/noticia/confirmado-o-lancamento-de-gravacoes-ineditas-dos-beatles-na-bbc-em-novembro/>. Acesso em: 15 set. 2013.
[14] Os quatro fabulosos.

Figura 2: Banda com a formação final e mais conhecida (Lennon, McCartney, Harrison e Starr)[15]

A banda cresceu na cena de Liverpool entre 1960 e 1962 se apresentando em pubs, e foi através de uma apresentação no Cavern Club em 1961 que conhecerem Brian Epstein, futuro empresário da banda e grande colaborador para seu sucesso. Sobre a primeira vez que viu os Beatles Brian comenta:

> ‘Foi quando os Beatles entraram e eu os vi pela primeira vez. Não eram muito arrumados, nem muito limpos. Fumavam enquanto tocavam e comiam, falavam e fingiam bater uns nos outros. Viravam de costas para a platéia, gritavam para os espectadores e riam entre si de suas piadas’. [...] ‘Era evidente que havia uma enorme excitação. Êles pareciam irradiar um magnetismo pessoal. Fiquei fascinado com eles’ (DAVIES, 1968, p. 204).

Brian foi fundamental para a carreira dos Beatles, sendo considerados por muitos como o “Quinto Beatle”. Foi ele o idealizador da imagem da banda, convencendo-os a substituírem as roupas de couro pelos famosos ternos, criando um padrão de vestimenta que ia

[15] Disponível em: <http://anosognostic.blogspot.com.br/2012/04/as-cookie-crumbles-1962the-end-of-old.html>. Acesso em: 15 set. 2013.

desde o sapato ao corte de cabelo, e que, sem dúvida, foi essencial para que a banda ganhasse o grande público. Além disso, Brian tornou o comportamento da banda mais profissional com os shows, além de fazer com que parassem de falar palavrões, tornando a banda simpática aos olhos da plateia (DAVIES, 1968).

Figura 3: Brian Epstein[16]

Em 1963 os Beatles ultrapassaram as fronteiras de Liverpool e alcançaram o sucesso na Inglaterra com o disco *Please Please Me*[17] e a partir de então foram tomando conta da mídia inglesa (rádio, televisão, jornais), com direito a show para a rainha da Inglaterra ainda no mesmo ano, dando-se inicio a "beatlemania":

> 'Depois de algum tempo', lembrou Bernstein, 'comecei a ver nas páginas de entretenimento o nome 'Beatles'', primeiro em letras pequenas, depois em manchetes. Então surgiu a palavra 'beatlemania''. [...] os Beatles permaneciam em constante movimento. Durante cinco semanas, fizeram uma série infindável de apresentações – todas com lotação esgotada –, numa cansativa maratona em que pulavam de cidade em cidade. Em todas encontravam surtos recentes de beatlemania, que se alastrava com gripe. [...] 'Garotas estão desmaiando nas ruas', reportou a Melody Maker pouco antes da turnê. 'Grande número de pessoas se machuca nos tumultos'. [...] Perto de Birmingham, notícia de 'fãs fora de controle' obrigaram os Beatles a trocar de roupa com os policiais, para que o disfarce lhes

[16] Disponível em: <http://beatlescollege.wordpress.com/2011/07/13/os-10-maiores-mitos-%E2%80%93-e-verdades-%E2%80%93-sobre-os-beatles/>. Acesso em: 16 set. 2013.
[17] *Please Please Me*, The Beatles, 1963.

> permitisse entrar na cidade. 'Colocá-los dentro da cidade', de acordo com o jornal, 'foi quase uma operação militar'. [...] 'Então é isso a beatlemania', brincou Alistair. [...] 'Foi como se a rainha estivesse chegando – só que eram quatro músicos de Liverpool' (SPITZ, 2007, p. 438-440).

Figura 4: Beatlemania[18]

O segundo álbum da banda, *With the Beatles*[19], foi lançado ainda no mesmo ano e só confirmava o poder da beatlemania. O sucesso dos Beatles nos Estados Unidos se deu um pouco depois, em 1964. Sem dúvida o grupo já fazia um sucesso estrondoso na Europa, no entanto, as tentativas de alcançar a América haviam falhado até então. Mas Brian não desistiu,

---

[18] Disponível em: <http://britishbeatlemania.tumblr.com/post/26587690139/beatlemania-at-melbourne-june-14-1964>. Acesso em: 16 set. 2013.
[19] *With the Beatles*, The Beatles, 1963.

viajando aos Estados Unidos em 1963 onde peregrinou até conseguir que a gravadora Capitol Records concordasse em lançar os discos dos Beatles. Na mesma viagem Brian conseguiu também a grande oportunidade para que os Beatles se apresentassem no famoso *The Ed Sullivan Show*[20] em dois shows (nos dias 9 e 16 de fevereiro de 1964) que marcariam a carreira da banda.

O início do sucesso na América se deu com a música *I Want To Hold Your Hand*[21], que em janeiro de 1964 chegou a parada de sucessos dos Estados Unidos figurando o octogésimo terceiro lugar, pulando para o quadragésimo segundo lugar após duas semanas. Quando alcançou o primeiro lugar, algumas semanas depois, toda a mídia americana voltou sua atenção para os Beatles. Crescia a vendagem de discos da banda, com o LP *Please Please Me* caminhando para o primeiro lugar do mais vendidos. A canção *She Loves you*[22] seguia o mesmo caminho da precursora na parada de sucessos. Em meio a isso, a Capitol Records foi persuadida por Brian a aproveitar a mídia gratuita que a imprensa estava dando ao grupo para investir fortemente na divulgação da banda e da sua vinda aos Estados Unidos. Ingressos eram vendidos "aos montes" para os shows no The Ed Sullivan Show e no Carnegie Hall[23], a tal ponto que não estavam conseguindo atender a demanda: "Fãs dos Beatles nos Estados Unidos, [...] cercaram o Carnegie Hall e o Ed Sullivan Show tentando obter ingressos. [...] O Ed Sullivan Show não conseguia atender todos os pedidos de entradas — cinquenta mil pessoas estavam disputando 728 lugares" (DAVIES, 1968, p. 320-321).

Quando finalmente chegaram aos EUA em 7 de fevereiro de 1964 para se apresentarem, a banda foi surpreendida ao ser recepcionada por três mil fãs no aeroporto. A beatlemania havia chegado a América, e a apresentação no Ed Sullivan Show foi a consagração do sucesso dos Beatles em solo americano:

> Os gritos ecoaram através da América. A exibição teve uma audiência recorde de setenta e três milhões de espectadores. [...] Em Nova York, nenhuma tampa de radiador de automóvel foi roubada, durante a apresentação. Disse-se que em toda a América, pelo menos, nenhum crime de importância foi cometido por adolescentes (DAVIES, 1968, p. 324).

---

[20] The Ed Sullivan Show foi um programa televisivo de variedades apresentado por Ed Sullivan, e exibido aos domingos pela CBS, entre 1948 e 1971. Era um programa muito popular, o maior do seu gênero, onde vários artistas consagrados se apresentaram, entre eles, os Beatles.
[21] *I Want To Hold Your Hand*, Lennon/McCartney, The Beatles, 1963.
[22] *She Loves you*, Lennon/McCartney, The Beatles, 1963.
[23] O Carnegie Hall é uma das mais famosas salas de espetáculos dos Estados Unidos, localizada em Manhattan, Nova Iorque.

Figura 5: Apresentação no Ed Sullivan Show[24]

O primeiro filme *A Hard Day's Night*[25] foi lançado em julho do daquele ano e o LP de mesmo nome foi lançado em agosto. E foi com que este filme que os Beatles alcançaram o Brasil por meio do cinema, também em 1964, dando início a beatlemania também por aqui. Era o auge da beatlemania no mundo.

Ainda no mesmo ano, em dezembro, a banda lançou seu quarto disco *Beatles for Sale*[26]. Lançado no mesmo mês que o primeiro filme, o segundo filme do grupo, *Help!*[27], foi lançado em julho de 1965 e o álbum com o mesmo nome foi lançado em agosto. Em dezembro de 1965 foi lançado o *Rubber Soul*[28], sexto disco da banda.

Em agosto do ano seguinte (1966) os Beatles lançam o disco *Revolver*[29], marcando o início de uma nova fase da musicalidade da banda (que já dava indícios nos disco

[24] Disponível em: <http://slicethelife.com/2013/02/09/the-beatles-first-appearance-on-the-ed-sullivan-show-this-day-1964-video/>. Acesso em: 18 set. 2013.
[25] *A Hard Day's Night*, Richard Lester, UK, 1964.
[26] *Beatles for Sale*, The Beatles, 1964.
[27] *Help!*, Richard Lester, UK, 1965.
[28] *Rubber Soul*, The Beatles, 1965.
[29] *Revolver*, The Beatles, 1966.

antecessor), mais complexa, com inovações, experimentações e sua aproximação do psicodelismo:

> A primeira fase do *rock and roll* terminou na primavera de 1964, depois de *Can't Buy Me Love*. Assim, também, o fim da simples linha do conjunto veio em agôsto de 1965, com *Yesterday*, com a introdução de novos instrumentos. As experiências reais de nova série começaram em agosto de 1966, com a última faixa em *Revolver*, sendo seguida pelo *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (DAVIES, 1968, p. 432, grifo do autor).

Também em agosto de 1966 os Beatles realizaram o seu último show pago, dando fim as turnês, permitindo que passassem a se focar apenas em produzir músicas. O resultado foi o lançamento do oitavo disco da banda *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*[30], em junho de 1967, que é considerado a obra-prima do grupo, sendo o álbum mais famoso e mais aclamado pela crítica e público. O disco é considerado inovador em muitos aspectos. Os Beatles lançaram mão de diversos instrumentos e recursos de gravação que até então nunca haviam utilizados em suas músicas, saindo de canções simples executadas com duas guitarras, um baixo e uma bateria, para canções como *A Day in the Life*[31], por exemplo, que parece contar com uma orquestra de 160 instrumentos. É notável ainda a influência da música indiana trazida por George Harrison para sonoridade do grupo na época. Outra inovação foi a capa de *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*. O conceito inicial foi pensado por Paul e aperfeiçoado pelo artista plástico Peter Blake, o responsável pela colagem de rostos de várias personalidades presentes na capa. Além disso, inovaram mais uma vez ao imprimir pela primeira vez as letras das músicas no encarte do disco, o que passou a ser copiado desde então.

---

[30] *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* , The Beatles, 1967.
[31] *A Day in the Life*, Lennon/McCartney, The Beatles, 1967.

Figura 6: Capa do álbum *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*[32]

Infelizmente, no mesmo ano em que lançaram sua obra prima, a banda também enfrenta uma grande perda. Em 27 de agosto de 1967 Brian Epstein é encontrado morto em seu quarto. A causa da morte foi uma overdose acidental por acumulação de medicamento para insônia misturado a álcool. Os integrantes dos Beatles ficaram sabendo da morte enquanto estavam na Índia, em um retiro de meditação transcendental de Maharishi Mahesh Yogi[33], ficando profundamente abalados.

O terceiro filme da banda, o *Magical Mystery Tour*[34], é lançado em dezembro de 1967 acompanhado pelo lançamento do álbum, de mesmo nome, com a trilha sonora do filme. Ao contrário dos dois filmes anteriores que foram lançados no cinema, este filme foi feito para ser exibido na televisão. Também, diferentemente dos anteriores, *Magical Mystery Tour* não obteve sucesso de público, além de ser arrasado pela crítica.

---

[32] Disponível em: <http://www.somvinil.com.br/a-historia-por-tras-de-uma-capa-classica-sgt-peppers-lonely-hearts-club-band/>. Acesso em: 18 set. 2013.
[33] Maharishi Mahesh Yogi foi um guru indiano fundador da Meditação Transcendental.
[34] *Magical Mystery Tour*, George Harrison, Bernard Knowles, John Lennon, Paul McCartney, Ringo Starr, UK, 1967.

Em julho de 1968 os Beatles lançam o filme de animação *Yellow Submarine*[35]. O álbum, de mesmo nome, com a trilha sonora do filme só foi lançado seis meses depois, em janeiro de 1969. O filme fez grande sucesso tanto com o público quanto com a crítica, enquanto o disco foi considerado o pior da banda. O décimo álbum da banda, *The Beatles*[36], mais conhecido como *The White Album* (devido sua capa ser composta apenas por um fundo branco e o nome da banda), foi lançado em novembro de 1968. Este álbum, apesar de ter feito enorme sucesso, é considerado o "início do fim" dos Beatles.

No ano seguinte (1969), em setembro, o grupo lança seu décimo segundo e "penúltimo" disco, *Abbey Road*[37], considerado um dos melhores da banda, sendo o disco mais vendido deles até hoje. A capa deste álbum, feita por Iain Macmillan, tornou-se uma das mais famosas e também mais imitadas imagens do mundo da música. Em 8 de maio de 1970 os Beatles lançam seu décimo terceiro e "último" álbum *Let It Be*[38], juntamente com o seu quinto filme (um documentário) de mesmo nome. O filme *Let It Be* era, na realidade, um filme documentário que tinha por objetivo mostrar o processo de criação da banda, mas, ao invés disso, mostra as discussões, o desinteresse, e por isso ficou conhecido como um documentário sobre a separação dos Beatles. A saber, apesar de ter sido o último álbum a ser lançado, *Let it be* foi gravado antes de *Abbey Road*, logo, *Abbey Road* foi o último álbum a ser produzido pelos Beatles.

---

[35] *Yellow Submarine*, George Dunning, UK/EUA, 1968.
[36] *The Beatles*, The Beatles, 1968.
[37] *Abbey Road*, The Beatles, 1969.
[38] *Let It Be*, The Beatles, 1970.

Figura 7: Capa do álbum *Abbey Road*[39]

O fim da banda é cercado de controvérsias e especulações. Inúmeras hipóteses são levantadas, mas nenhuma é dada como certa. Algumas elegem uma causa principal para a separação do grupo, enquanto outras apontam para uma soma de diversos fatores. Entre as mais famosas estão a de que Yoko Ono[40] seria a responsável fim da banda por afastar Jonh dos outros integrantes, além de ser o motivo de brigas entre eles; a de que a morte de Brian Epstein seria decisiva para o fim da banda, pois Brian era quem mediava os conflitos entre os integrantes, mantendo o grupo unido, além disso, era quem gerenciava a banda, logo, com sua morte muitas brigas começaram a ocorrer em relação à parte gerencial, bem como sobre a escolha de um novo empresário; a de que se por um lado o fim das turnês possibilitou aos Beatles concentrarem-se na música, por outro lado, eles passavam menos tempos juntos, o que permitia que cada um buscasse seus interesses musicais particulares, não compartilhado enquanto grupo, dificultando a colaboração musical entre eles quando se reuniam.

[39] Disponível em: <http://frasesdavida.wordpress.com/2013/02/21/policia-indiana-usa-album-abbey-road-dos-beatles-para-educar-motoristas/>. Acesso em: 21 set. 2013.
[40] Yoko Ono é uma artista plástica, ela e John se conheceram em uma de suas exposições em 1966. Logo depois, eles engataram um intenso romance.

O que se sabe é que desde o disco *The Beatles* (*The White Album*) a banda não estava bem. A gravação deste álbum ficou marcada pelos atritos, discordâncias e brigas entre John, Paul, George e Ringo. Logo que começaram a gravá-lo, começaram também as desavenças. A presença da nova namorada de John Lennon, Yoko Ono, nos estúdios contra a vontade de Paul, George e Ringo só aumentava a tensão no ambiente, afinal, eles nunca haviam permitido a presença de outras pessoas no estúdio. O clima era péssimo, tendo Ringo, inclusive, abandonado as gravações uma vez, retornando apenas duas semanas mais tarde depois de muitos pedidos da banda. A divergência de interesses se mostrava ao máximo pelo modo individualista de gravação que adotaram em boa parte da produção do álbum, com cada um deles em um estúdio diferente gravando músicas separadamente. Apesar do tortuoso processo de produção, o resultado foi um ótimo disco e o mais diversificado devido a expressão da individualidade criativa dos integrantes.

As coisas nunca mais voltaram a serem as mesmas entre Paul, John, Ringo e George. Realmente, a relação entre eles estava desgastada, e os embates decorrentes de questões financeiras e empresariais com que tinham que lidar (por conta da morte de Brian Epstein) acabou afetando sua amizade. *Abbey Road* foi o último trabalho dos Beatles e a última vez que os quatros se reuniram para fazer música ou tocarem juntos. Assim, mesmo antes de *Let It Be* ser lançado a banda já tinha acabado, com cada integrante seguindo carreira a solo. O fim dos Beatles, no entanto, só foi anunciado em abril de 1970.

6. PAUL MCCARTNEY

Um dos últimos Beatles vivos, Paul McCartney é o mais midiático. Ainda na época dos Beatles, Paul sempre foi o mais simpático e carismático dos quatro, tanto com a imprensa como com os fãs (era ele quem sempre recebia os fãs banda). De fato, ele foi o que melhor soube cuidar de sua imagem pessoal, associando-a sempre a coisas positivas como trabalhos humanitários e obras sociais. Além disso, o ex-Beatle sempre soube contornar muito bem quando algo negativo sobre ele saia na mídia, não permitindo que nada disso manchasse sua imagem. Assim, Paul McCartney há mais de quarenta anos, sustenta praticamente intacta a imagem de "bom-moço", carismático, correto e sempre muito educado com todos.

Após o fim conturbado dos Beatles, Paul conseguiu construir ao longo dos anos uma carreira solo estável e bem-sucedida, mantendo-se na ativa até hoje, lançando trabalhos inéditos e realizando turnês mundiais. É inegável o seu talento, além de suas múltiplas habilidades como compositor musical (é considerado um dos maiores compositores da música pop, e o de maior sucesso), multi-instrumentista (Paul sabe tocar baixo, bateria, guitarra, guitarra solo, piano, etc.), produtor musical, empresário, entre outros. Ao todo, em sua carreira pós-Beatles, Paul produziu vinte e sete álbuns de estúdio, sendo que oito deles foram como integrante da banda Wings[41].

Os Beatles nunca chegaram a se apresentar no Brasil, porém Paul McCartney em sua carreira solo já se apresentou no país seis vezes. A primeira delas aconteceu em 1990, durante sua turnê *The Paul McCartney World Tour*, com duas apresentações no estádio Maracanã, no Rio de Janeiro. Em 1993 Paul volta ao país para duas apresentações em São Paulo e Curitiba. A terceira vinda ao Brasil ocorreu somente dezessete anos depois, em 2010, quando se apresentou em São Paulo e Porto Alegre. E já em 2011 Paul volta ao país pela quarta vez para duas apresentações no Estádio do Engenhão, Rio de Janeiro. No ano seguinte (2012) ele se apresenta no Brasil pela quinta vez, em Recife e Florianópolis. A sexta e última vez foi em maio deste ano de 2013, com apresentações em Belo Horizonte, Goiânia e Fortaleza da sua turnê *Out There*[42].

---

[41] Wings foi uma banda de rock formada e liderada por Paul McCartney. Alcançando bastante sucesso, a banda esteve na ativa entre 1971 e 1981.

[42] Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/musica/2013-06-18/paul-mccartney-completa-71-anos-veja-sua-carreira-em-imagens.html> Acesso: 22 set. 2013.

6.1 PAUL MCCARTNEY EM GOIÂNIA

Paul McCartney se apresentou em Goiânia para mais de 40 mil pessoas na noite de 06 de maio deste ano no Estádio Serra Dourada. Os preços dos ingressos para quem pagou meia-entrada, como no caso dos estudantes, variavam de R$80,00 até R$300,00 [43], dependendo do lugar escolhido. O show, segundo da turnê *Out There* em solo brasileiro, teve quase 3 horas de duração, começando com 35 minutos de atraso. O *setlist* da apresentação contou com 38 músicas[44], sendo que boa parte delas eram canções dos Beatles, para a alegria dos fãs.

Figura 8: Show em Goiânia[45]

[43] Disponível em: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2013/04/comeca-venda-de-ingressos-para-show-de-paul-mccartney-em-goiania.html>. Acesso em: 24 set. 2013.
[44] Disponível em: <http://www.rock-o-rama.com.br/2013/05/07/confira-o-setlist-do-show-de-paul-mccartney-em-goiania/>. Acesso em: 24 set. 2013.
[45] Disponível em: <http://www.aredacao.com.br/cultura/27682/paul-mccartney-impressiona-pela-simpatia-e-repertorio-impecavel>. Acesso em: 24 set. 2013.

Foi um show histórico para a cidade de Goiânia, que não é habituada a receber artistas deste porte. A cidade nunca fez parte, ou pelo menos não fazia, do roteiro de grandes shows internacionais. Nesse contexto Paul McCartney foi sua grande estreia.

Com exatos 70 anos na época do show, Paul impressionou pela vivacidade e energia com que se apresentou. Também deixou a plateia maravilhada pelo talento demonstrado, pela impecabilidade da performance, e é claro, pelo enorme carisma e simpatia pelos quais já é conhecido. O jornalista Jales Naves, que estava presente no show, sobre a performance de McCartney escreveu:

> Na verdade, a partir do início da apresentação, tudo somou para tornar aquela noite realmente uma data para ficar na memória de todos. O carisma, a simpatia e a tranquilidade dele no palco o mostraram de uma forma cativante e que todos aplaudiram, do início ao fim das quase três horas no Serra Dourada, que estava completamente tomado, com mais de 42 mil pessoas (NAVES, 2013).

Um fato inusitado aconteceu durante a apresentação, tornando-a marcante também para Paul. Todos foram surpreendidos por uma nuvem de gafanhotos que invadiu o palco. O cantor, no entanto, reagiu muito bem ao episódio, não permitindo que isso atrapalhasse a o show, inclusive apelidando um gafanhoto que não saia do seu ombro de "Harold". A invasão foi noticiada em vários veículos de comunicação e também foi reportada no blog do site oficial de Paul McCartney[46]. O próprio cantor mencionou a invasão de gafanhotos como um fato marcante na sua despedida do Brasil: "Brazilian audiences are incredible so that's why we keep coming back. All of the shows this week were incredible. The crowds were just amazing and of course in Goiânia we had the grasshoppers join us, which was unbelievable. No one could see that coming!"[47]. Um vídeo[48] com cenas da invasão foi adicionado ao seu canal no Youtube. O episódio também está presente no *lyric video*[49] de sua música *New* que mostra imagens dos bastidores e shows da turnê.

---

[46] Disponível em: <http://www.paulmccartney.com/news-blogs/news/27531-the-movement-you-need-is-on-your-shoulder>. Acesso em: 24 set. 2013.
[47] Disponível em: <http://www.paulmccartney.com/news-blogs/tour-blog/27533-paul-pays-tribute-to-brazil-plus-exclusive-video>. Acesso em: 24 set. 2013.
[48] Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=68T_XeFS_08>. Acesso em: 24 set. 2013.
[49] Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=BkbbP0ozyMs>. Acesso em: 24 set. 2013.

Figura 9: Invasão de gafanhotos durante o show[50]

Um ponto interessante, e o que interessa aos objetivos deste trabalho, foi a observação de uma plateia formada em grande parte por adolescentes e jovens adultos. Paul McCartney é conhecido por atrair plateias multi-geracionais e isso se repetiu em seu show em Goiânia.

> Outra surpresa foi quanto à presença, esperada, apenas de jovens grisalhos, e eis que lá estavam, em sua expressiva maioria, em torno de 80%, jovens na faixa dos 20 aos 30 anos, pessoas que não conheceram The Beatles e só tiveram contato com os quatro integrantes do conjunto inglês pelos seus pais e avós (NAVES, 2013).

Haviam jovens acampados nas imediações do estádio já na madrugada da segunda-feira, dia da apresentação, para garantir estar mais perto do ídolo. Inúmeros fãs, entre eles muitos beatlemaníacos declarados, que não passavam dos 30 anos estavam em estado de êxtase, sem acreditar que veriam de perto um ex-Beatle.

---

[50] Disponível em: <http://www.paulmccartney.com/news-blogs/news/27531-the-movement-you-need-is-on-your-shoulder>. Acesso em: 25 set. 2013.

Figura 10: Jovens na fila do show[51]

[51] Disponível em: <http://musica.terra.com.br/acampados-fas-consideram-show-de-paul-mccartney-um-marco-para-goiania,29bdc127c3b7e310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 25 set. 2013.

7. METODOLOGIA

Como já dito, este trabalho tem por objetivo compreender o porquê da identificação dos jovens com referências musicais do passado. Ao que é devido, como se dá e qual a participação da família e da mídia na construção dessa identificação. Como hipótese considera-se que a família é um forte agente no estabelecimento desta identificação entre o jovem e músicas do passado.

Para verificar o exposto acima, foi escolhido o show do Paul McCartney realizado na noite do dia 06 de maio de 2013, na cidade de Goiânia, como objeto de estudo pela grande presença de jovens em seu show, como já mencionado. Para averiguar a hipótese levantada foram realizadas dez entrevistas individuais com dez jovens universitários que estavam presentes no show. Através das entrevistas busca-se entender as motivações que levaram estes jovens a irem ao show de um artista que não faz parte de sua época , mas de seus pais e avós, como se relacionam com referências musicais do passado e sob quais influências.

Na metodologia desta pesquisa foi utilizada a técnica de entrevista em profundidade como procedimento para a obtenção de informações; visto que não se pretende realizar simples generalizações – "Não se busca generalizar ou provar algo com entrevistas em profundidade [...]" (DUARTE, 2009, p. 67) –, mas identificar a motivação dos jovens em relação a uma apresentação pretensamente voltada para um público de uma faixa etária mais alta.

O objetivo principal da entrevista como técnica de pesquisa, independente da sua tipologia, é "[...] a obtenção de informações importantes e de compreender as perspectivas e experiências das pessoas entrevistadas" (MARCONI; LAKATOS, 2009, p. 278). A escolha da entrevista em profundidade se mostrou adequada a esta pesquisa porque permite ao pesquisador ter acesso a informações que partem das experiências subjetivas dos entrevistados (DUARTE, 2009, p. 62). O que, neste caso, significa ter acesso às experiências e percepções subjetivas dos informantes em relação ao show do Paul McCartney.

Marconi e Lakatos (2012, p. 80) definem a entrevista como um encontro de duas pessoas que estabelecem um diálogo (de natureza profissional) para que uma delas (o entrevistador) obtenha informações sobre um tema específico. Ao falar especificamente da entrevista em profundidade, de seus atributos e aplicações, Duarte explica que:

> A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido. É uma pseudoconversa realizada a partir de um quadro conceitual previamente caracterizado [...] (DUARTE, 2009, p. 64).

O entrevista utilizada neste trabalho pode ser classificada como semi-aberta, caraterizada por questões semi-estruturadas (DUARTE, 2009). Este tipo de entrevista conta um roteiro de perguntas previamente definido, mas não rígido. Sendo assim, o entrevistador tem a liberdade para adequar as perguntas de acordo com as respostas de cada entrevistado, ou com o que se mostrar conveniente no momento. Nesse sentido, a entrevista pode ser conduzida como uma conversa informal. Este modelo de entrevista é o meio termo entre entrevista aberta e entrevista fechada, pois há uma liberdade e uma flexibilidade que não é permitido na entrevista fechada, ao mesmo tempo em que se utiliza um roteiro de questões para controle, o que não existe na entrevista aberta (DUARTE, 2009).

No que diz respeito à amostra, na metodologia desta pesquisa optou-se por uma amostragem não probabilista (não aleatória) por conveniência, e composta por poucos informantes, dado que:

> A amostra, em entrevistas em profundidade, não tem seu significado mais usual, o de representatividade estatística de determinado universo. Está mais ligada à significação e à capacidade que as fontes têm de dar informações confiáveis e relevantes sobre o tema de pesquisa. [...] É possível, entrevistando pequeno número de pessoas, adequadamente selecionadas, fazer um relato bastante consistente sobre um tema bem definido (DUARTE, 2009, p. 68-69).

A amostragem por conveniência se dá quando a seleção dos elementos que compõe a amostra, no caso os entrevistados, apoia-se na viabilidade, ou seja, “Ocorre quando as fontes são selecionadas por proximidade ou disponibilidade” (DUARTE, 2009, p. 69). Dessa forma, os 10 entrevistados que compõe a amostra desta pesquisa não foram selecionados aleatoriamente, mas por conveniência já que também fazem parte do meio universitário, como a pesquisadora deste trabalho.

Como critérios para a seleção de elementos para a amostra, determinou-se que todos os entrevistados deveriam ser jovens (entre 18 à 25 anos), universitários, e terem ido ao show do Paul McCartney realizado em Goiânia em 6 de maio deste ano. Como já colocado, a entrevista em profundidade não exige um grande numero de informantes, sendo assim, as dez entrevistas foram suficientes para indicar a existência de uma tendência entre elas, isto é, à

medida que as entrevistas se procederam se pode observar que as respostas caminharam em direções semelhantes.

8. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

As entrevistas aconteceram entre maio e agosto deste neste ano de 2013, foram gravadas em áudio (aproximadamente 199 min. de gravação) e posteriormente transcritas integralmente, de maneira literal[52]. O roteiro guia das entrevistas[53] era composto de onze perguntas-base, de forma a orientar as entrevistas que foram conduzidas como uma conversa entre entrevistador e entrevistado. A utilização de uma linguagem informal e a condução como uma conversa, tinha por intenção deixar o informante à vontade para que a respostas fossem dadas da forma mais natural e sincera possível. As perguntas foram pensadas e formuladas para contemplar questões como: as motivações dos jovens para ir ao show do Paul McCartney; a relação dos jovens com os artistas do passado, em especial os Beatles e o Paul McCartney, e suas respectivas obras; sob quais influências essa relação foi construída; como enxergam o passado de onde esses artistas vieram; etc. Buscou-se nas falas dos entrevistados as razões que os levaram a ir ao show e a aparentemente apreciar o Paul McCartney e os Beatles, como também outros artistas do passado. Segue abaixo as partes mais representativas das entrevistas.

Ao serem perguntados sobre o porquê foram ao show do Paul McCartney, em geral, todos os entrevistados transmitiram a ideia de que consideraram uma grande oportunidade um show de um artista como McCartney na cidade onde vivem, Goiânia, onde não acontecem shows deste porte. Inclusive, quatro entrevistados usaram a mesma expressão, “oportunidade única”, para descrever o show, ou seja, estes jovens reconheceram este evento como algo imperdível, especial, algo que não se repete, algo exclusivo, único e singular.

Alguns fatores correlacionados responsáveis por atribuir essa importância ao show puderam ser percebidos, como o fato de Paul ser uma grande celebridade, o que o torna inacessível e intocável aos olhos do publico (FIGUEIREDO; TUZZO, 2011, p. 97); o show, portanto, era a oportunidade do público estar mais próximo dessa celebridade, onde ao menos a distância física que os separava até então seria reduzida a metros. Outro fator diz respeito a Paul ser um artista renomado, ou seja, ele é reconhecido e famoso por sua qualidade, competência e contribuição como artista desde os Beatles, e, finalmente, como um ex-Beatle, é parte da história da música mundial, o que agrega grande valor cultural ao seu show. Além

[52] As entrevistas foram transcritas de maneira literal como forma de manter fidedignas as informações prestadas pelos entrevistados à esta pesquisa. A transcrição integral se encontra no Apêndice B.
[53] O roteiro das entrevistas se encontra no Apêndice A.

de tudo o que foi mencionado, soma-se o fato da cidade de Goiânia não fazer parte do circuito de cidades brasileira que comumente recebem grandes shows internacionais, por esse contexto o show se tornou um evento totalmente inesperado e excepcional para os habitantes da cidade, com Paul (que já havia se apresentado no Brasil várias vezes anteriormente)[54] se apresentando pela primeira vez em Goiânia. Em resumo, o fato de Paul ser uma grande estrela da música, atrelado ao fato de Goiânia ser uma cidade até então improvável para receber um show como esse, reforçaram o caráter imperdível do evento:

> [...] a possibilidade de conhecer um Beatle aqui em Goiânia né, não precisar sair pra, por exemplo, São Paulo, Rio, que é onde esse tipo de show acontece, eu acho que foi uma **oportunidade única**, então isso me motivou muito a querer ir [...] (S.C., 20 anos, estudante de direito, sexo masculino, grifo nosso).
>
> E quando eu fiquei sabendo do show aqui em Goiânia eu achei muito massa, sabe? Porque Paul MacCartney, ele é uma estrela internacional, ele é famoso e ele é uma lenda viva mesmo, sabe? E eu achei que era uma **oportunidade única**, muito difícil ter um show desse aqui em Goiânia [...] (L.Q., 19 anos, estudante de Jornalismo, sexo feminino, grifo nosso).
>
> Eu fui porque eu acho que foi uma **oportunidade única**, não acredito que ele volte aqui em Goiânia apesar do show ter rendido muito. [...] Mas eu acho que foi uma **oportunidade única** ver os ídolos que eu não, um dos ídolos que eu imaginava que eu nunca veria na minha cidade. Ele já veio aqui no Brasil, já tem uns três anos que ele vem direto, mas eu não tenho condições de ir nas outras cidades. Então, por isso que eu quis ir aqui em Goiânia, achei uma **oportunidade única** (I.M., 24 anos, estudante de Publicidade, sexo feminino, grifo nosso).
>
> [...] quando eu fiquei sabendo que tinha o show do Paul McCartney achei que era uma **oportunidade única**. Cê imagina Paul McCartney em Goiânia? Uma coisa que eu acho que a gente nem imaginava. Então eu achei imperdível, achei que era uma **oportunidade única** (J.R., 24 anos, estudante de Psicologia, sexo feminino, grifo nosso).

Apesar de nem todos os entrevistado serem fãs do Paul, ou mesmo dos Beatles, todos reconheciam a grandiosidade de McCartney como artista, principalmente de seu legado com os Beatles, sendo isso fator determinante para irem ao seu show. A grande maioria afirmou que não acompanhava a carreira solo de Paul McCartney, logo, era o fato de ele ser um ex-Beatle o que mais atraiu os entrevistados ao evento:

> [...] a possibilidade de conhecer um Beatle [...] me motivou muito a querer ir [...]. Eu não conheço muito o trabalho dele, só dele mesmo, fora dos Beatles. Tanto é que no show as músicas só dele, eu praticamente eu não conhecia nenhuma, só acho que "My Valentine". [...] como eu disse, eu conheço mais o trabalho dos Beatles, o dele eu quase não conheço. [...] eu posso dizer também pelos meus amigos, a maioria

[54] Em 1990, no Rio de Janeiro; em 1993, em São Paulo e Curitiba; em 2010, em São Paulo e Porto Alegre; em 2011, no Rio de Janeiro; em 2012, em Recife e Florianópolis.

> deles também conhece mais o trabalho dos Beatles do que do Paul [...] (S.C., 20 anos, estudante de Direito, sexo masculino).

> Era o que eu sempre brinquei com os meus amigos, eu falei 'Gente, eu to indo porque ele é um ex-Beatle', sabe? [...] Então eu fui mais por esse fator de ser um ex-Beatle, porque eu não conheço a carreira do Paul McCartney depois do fim da banda. [...] Foi esse [a playlist do show ser formada em boa parte por músicas dos Beatles] um dos motivos também de eu ter ido no show, porque se ele cantasse a maioria das músicas dele só, talvez eu poderia não ter ido (M.A., 20 anos, estudante de Letras, sexo masculino).

Com as declarações dos entrevistados nota-se que apesar de McCartney ser um grande artista ainda hoje, e, como já foi mencionado, com um carreira a solo estável e de sucesso, é a sua condição de um ex-Beatle que prevalece, permeando, em alguma medida, sua carreira a solo. Não se pode generalizar, mas ao menos para o público pesquisado ele é mais reconhecido e percebido como um ex-Beatle do que como o artista Paul McCartney em si. Da mesma forma, o apelo que ele tem junto ao público se deve mais por ter sido um integrante da banda do que pelo artista que é hoje e o que construiu em sua carreira solo. A partir disso, pode-se considerar que o sucesso de bilheteria do show foi em grande parte por conta de se tratar de um ex-Beatle, já que muitos foram ao show como forma de entrar em contato com a banda por meio de Paul.

Retomando o objetivo da pesquisa, que é entender o porquê da identificação dos jovens com referências musicais do passado e em que medida a influência das instituições familiar e midiática são determinantes na construção desta identificação, foi perguntando aos jovens entrevistados desde quando eram fãs dos Beatles e, mesmo no caso de não serem fãs, desde quando conheciam a obra da banda, e como esse contato ocorreu (mediado pelo o que ou por quem). As respostas assinalaram que o primeiro contato de quase todos os entrevistados com a música dos Beatles aconteceu entre a infância e pré-adolescência. Tal contato foi mediado pela família de sete dos entrevistados. Destes sete, para os que são fãs da banda, a família não apenas mediou o primeiro contato, como reforçou este contato ao longo do anos, e influenciou diretamente estes jovens a se tornarem fãs dos Beatles. Logo abaixo, alguns entrevistados contam que idade tinham quando tiveram o primeiro contato (de que se lembram) com a obra dos Beatles e falam da influência de suas famílias:

> Tem tempo já, é uma coisa de família mesmo. Meu pai tem um gosto musical assim, que ele passou pra mim, e eu conheço muitas músicas dos Beatles, os álbuns deles. Eu tenho até um pôster no meu quarto dos Beatles, então. [...] Foi meu pai que me influenciou muito nessa questão. [...] Desde a infância que eu escuto. [...] A gente sempre escutava, [...]. Eu lembro exatamente do dia que ele me mostrou a música "Yesterday", dos Beatles, que eu tinha uns 10 anos de idade, e eu escutei junto com ele [...] (L.M., 21 anos, estudante de Relações Públicas, sexo feminino).

> [...] eu sou muito fã dos Beatles, sempre fui. E isso minha mãe me passou, essa vontade de gostar dos Beatles, porque ela ouve desde de sempre, então eu cresci ouvindo os Beatles [...]. Foi influência familiar. [...]minha mãe [...] ela sempre gostava muito de MPB e os Beatles era a única banda de língua estrangeira que a minha mãe ouvia. [...] [Começou] na infância. Eu lembro, eu lembro de ter por volta de 7, não, de 9 à 10 anos, a primeira música que eu ouvi deles foi "Yesterday", e a primeira vez que eu ouvi eu já gostei, minha mãe também gostava muito [...] (M.A., 20 anos, estudante de Letras, sexo masculino).

Pensando nestes entrevistados, cujo contato com a obra dos Beatles foi mediado e reforçado pela família, vale relembrar o que foi dito anteriormente neste trabalho, com base nos autores vistos, sobre alguns conceitos trabalhados, de que a identificação é entendida como o processo pelo qual o indivíduo forma sua identidade, adotando modelos com os quais se identifica para compô-la. Afirmou-se que os gostos se estabelecem por meio de identificações, gostar de algo implica identificar-se com aquilo. Como já foi explicado, a cultura é o plano de fundo onde tudo isso ocorre, é a partir dela que o sujeito dá sentido a tudo que vive e entende o mundo ao seu redor, portanto, as identificações e os gostos provenientes são circunscritos e concebidos culturalmente. Como também foi dito, o processo de identificação se inicia logo na infância para a formação identitária, neste contexto, temos a família que é o primeiro e principal grupo de convívio do indivíduo e também o principal responsável por sua socialização. A instituição familiar, como importantíssima transmissora de cultura, fornece modelos de identificação. Como as identificações se estabelecem no convívio com o outro, por meio da socialização, fica clara a importância e a influência fundamental que a família exerce sobre as identificações do indivíduo, o que pode abranger seus gostos musicais.

Considerando tudo que foi dito, não é surpreendente que as preferências musicais de membros da família influenciem os membros mais jovens, como também não é surpreendente que para boa parte dos entrevistados a família tenha sido a responsável pelo primeiro contato que tiveram com a música dos Beatles, afinal, é no ambiente e no convívio familiar que a criança passa considerável parte do seu tempo, por isso, muitas trocas culturais acontecem neste contexto. Os próprios familiares são modelos nos quais as crianças se espelham (identificam-se), por isso se o pai, por exemplo, ouve algum artista e aprecia, é bem possível que o filho também reconheça o mesmo como algo bom e tenha tendência a se identificar com sua música. Há ainda, para muitos, o peso do aspecto emocional, pois, como já mencionado, em algumas famílias a atividade de ouvir música constitui-se como um momento de convivência familiar, um momento de reunião entre os membros ou um momento entre pai e filho, por exemplo, afetando positivamente através de lembranças

(memória) a fruição desses artistas e músicas que eram ouvidos nesses momentos. O modo como se vive, o que se escolhe consumir, e nisto está incluso a música que se escolhe ouvir, tudo isso, como já foi repetido, é cultural. Acima de tudo, reiterando, grande parte da cultura do sujeito é assimilada na conivência familiar, e fixada por meio da memória que, como se sabe, é reforçada entre os integrantes do grupo. Os gostos também são culturalmente aprendidos, logo é muito comum adquirir por aprendizagem os gostos presentes na família, o que inclui o gosto musical.

No entanto, para dois dos entrevistados o primeiro contato de que se lembram com a música dos Beatles foi mediado pela mídia (televisão, videoclipes, filmes, internet):

> Então, [conheci as músicas dos Beatles há] alguns anos atrás, assistindo filme mesmo. Há uns 3 anos, eu acho. Mas assim, é bem aleatório, não é uma coisa, realmente eu não sou fã [dos Beatles], é uma coisa mais aleatória mesmo. Eu conheço algumas músicas, que leva a conhecer outras, e assim vai. [...] eu comecei a ouvir Beatles por causa de um filme que chama "Across the Universe" que é tipo um musical [...], ele é todo feito com músicas dos Beatles, [...] é bem legal o filme e ele trouxe pra mim essa curiosidade de ir atrás, de ouvir mais esse tipo de música, porque assim cê sempre ouve 'Ah, os Beatles não sei o que', mas eu nunca tinha tido a curiosidade mesmo de ouvir, sabe? Eu achava que era meio lá, sei lá, mas depois que eu vi o filme eu vi que era legal e aí eu tive essa curiosidade de ir atrás [...] (L.Q., 19 anos, estudante de Jornalismo, sexo feminino).

> Eu sou fã dos Beatles deve ter uns... Ah, acho que uns 8 anos já que eu acompanho, que eu descobri o que era Beatles e tinha idade o suficiente pra entender o que era a música, coisas assim. [...] Foi sozinha mesmo, assistindo MTV, que as vezes ele falavam, aí a partir disso eu ia pesquisar, ouvir músicas, assim. [...] eu acho que eu tinha uns 16 anos mais ou menos (I.M., 24 anos, estudante de Publicidade e Propaganda, sexo feminino).

Como já foi abordada neste trabalho, a mídia também é uma fantástica transmissora de cultura, influenciando o processo de identificação do indivíduo por meio dos modelos que fornece em suas representações. Isso porque a mídia passou a atuar na socialização do sujeito, ou seja, na forma como ele assimila o mundo ao seu redor, e daí advém seu poder de influência, pois a partir disso o que ela transmite tem grande e forte aceitação e aderência. A mídia tornou-se tão presente no cotidiano, incluindo o ambiente familiar, que, como já mencionado, é frequentemente a responsável por mediar o contato do sujeito com diversos produtos culturais.

É importante relembrar que a instituições sociais não isoladas umas das outras. A mídia, principalmente, não pode ser enxergada dessa forma já que passou a integrar o cotidiano de outras instituições, especialmente da família. Dito isso, é importante entender e ressaltar que a mídia foi a responsável por os Beatles chegarem aos avós e/ou pais dos jovens de hoje. Dessa forma, a mídia foi de importância crucial para que a música dos Beatles viesse

a fazer parte do universo destes jovens influenciados pela família. Em outras palavras, o que se tornou uma reprodução entre gerações (de gostos musicais), em algum ponto da trajetória foi um primeiro contato com um artista através da mídia. Então, ela também é indiretamente em parte responsável e influente pelas preferências musicais dos jovens influenciados pela família. Assim sendo, onde o primeiro contato com a música dos Beatles não foi mediado pela família, nada mais natural do que ser mediado pela mídia, e possivelmente reforçado também por ela.

Ainda referente ao aspecto cultural da mídia, outro ponto que merece ser relembrando é a sua atuação como agente na mundialização da cultura. A música dos Beatles como um produto cultural mundial é primordial para explicar a presença dos Beatles entre os jovens de hoje, ou até mesmo em suas famílias, que também participam dessa cultura mundializada e da sua memória coletiva, tendo referências culturais em comum que não dizem respeito a sua cultura produzida localmente.

Contudo, para um entrevistado o primeiro contato com a obra dos Beatles foi mediado pela escola, por meio de um projeto musical que era realizado:

> Desde que eu escutei "Imagine", então foi... e nem é dos [Beatles], é do John né, mas a partir daí que eu fui procurar e tal. E é há muito tempo, desde que eu era criança, então coloca aí mais de 10 anos. [...] Gente, eu não lembro como foi. Assim, eu imagino que tenha sido na escola porque eu estudei no Externato São José e lá eles tinham esse trabalho com música assim, sabe? Eu comecei a escutar MPB por causa da escola. Então eu acho que deve ter sido na escola que eu escutei "Imagine" (S.L., 20 anos, estudante de Engenharia Civil, sexo feminino).

Apesar de não ser esperada a menção da escola nas entrevistas, esse acontecimento não foi surpreendente. A herança cultural se perpetua através da educação, a socialização do indivíduo exige, primeiramente, uma assimilação, um aprendizado das regras de comportamento do grupo a que pertence. De fato, quando se fala reprodução de cultura a escola figura entre as principais instituições, como a Igreja, a família, a mídia, etc. Todas essas atuam na educação do sujeito, porém, a escola é uma instituição organizada especificamente para este fim. Depois da família, a escola é uma grande responsável pela socialização da criança (OLIVEIRA, 1991, p. 128-130). Assim, tudo que é vivido no ambiente escolar exerce forte impacto sobre o indivíduo. Como os gostos são aprendidos por meio da socialização, é muito coerente que a escola os influencie. Além disso, a criança, o pré-adolescente e o adolescente, em geral, passam considerável parte do dia na escola (em muitos casos a maior parte do dia), então é claro que esse ambiente escolar se tornar altamente influenciador, e também palco de muitas trocas culturais, por ser tão presente no dia-a-dia do

indivíduo. Por isso acaba sendo também a responsável por mediar o contato do sujeito com muitos objetos culturais.

A influência familiar foi reafirmada durante as entrevistas, quando os informantes revelam gostar de determinados artistas do passado – mesmo que não dos Beatles – e estilos musicais por influência da família. Como pode ser conferido: "Assim, a maioria dos artistas antigos que eu escuto é tudo influência do meu pai" (L.M., 21 anos, estudante de Relações Públicas, sexo feminino).

> Eu sou fã do Chico Buarque. Assim esses sim, meu pai e minha mãe assim, acho que minha mãe colocava pregado na barriga dela né as músicas. Então assim, é meio que eu já nasci fã do Chico Buarque. [...] U2 minha mãe e meu pai curtem também, eu gosto muito. [...] Assim, o ídolo é Chico Buarque, mas eu gosto muito do Gilberto Gil, gosto do Caetano, adoro a Bethânia também. Mas assim o top pra mim é o Chico Buarque. [...] essa aí foi total [influência familiar] (J.R., 24 anos, estudante de Psicologia, sexo feminino).

> Meu pai sempre foi muito fã de rock, é o estilo de música que ele mais gosta mais. Aí acaba que a gente vai crescendo ouvindo aquilo, ou ouvindo um pouco de cada coisa que rolava somente na década de 60, 70... Aí acabo que a gente pega o gosto mesmo. [...] tem o Pink Floyd, também da década de 60, tem o Rolling Stones [...]. Essas bandas mesmo, dos anos 60 e 70, é... The Doors, esse pessoal mais... Black Sabbath, Led Zeppelin. Tudo que meu pai, tudo que meu pai me ensinou a ouvir, basicamente (A.C., 21 anos, estudante de Relações Públicas, sexo masculino).

Isso permite considerar que a família é muito influente no gosto musical dos jovens; com o que se identificam musicalmente. Mesmo não sendo responsável pelo o gosto musical do jovem em sua totalidade, ela é muito frequentemente responsável por alguma parte ou por boa parte deste.

Em maio deste ano de 2013, mesmo mês do show de Paul McCartney em Goiânia, os filmes nacionais *Somos Tão Jovens*[55] e *Faroeste Caboclo*[56] foram lançados. O primeiro filme conta a trajetória do cantor brasileiro Renato Russo até a formação da banda Legião Urbana, enquanto o segundo filme narra uma história inspirada na música *Faroeste Caboclo*, do mesmo grupo musical. Por ambos os filmes abordarem a obra de uma banda de rock brasileira muito famosa nos 80, foi perguntado aos entrevistados se eles haviam assistido a estes filmes, ou se houve algum interesse em vê-los, e por quê.

Como resposta obteve-se que apenas três dos entrevistados assistiram a algum dos dois filmes. No entanto, a maioria dos que não assistiram demostraram interesse em assistir algum deles, principalmente *Somos Tão Jovens*, ou ambos futuramente. Em geral, a maior

---

[55] *Somos Tão Jovens*, Antonio Carlos da Fontoura, Brasil, 2013.
[56] *Faroeste Caboclo*, René Sampaio, Brasil, 2013.

motivação dos entrevistados para terem assistido aos filmes ou ter a intenção de assisti-los está no desejo de conhecer melhor a história do artista, a origem de sua obra, o contexto da época, enfim, aprofundar seu conhecimento sobre o artista e sua obra, e por isso o maior interesse em ver *Somos Tão Jovens*. Inclusive, por conta desta motivação, os entrevistados que já haviam assistido ao filme *Somos Tão Jovens* relataram terem ficado decepcionados pelo fato do filme não abordar a trajetória completa de Renato Russo, mas apenas até a formação da banda Legião Urbana.

Procurando entender melhor a relação dos jovens com referências musicais do passado, foi perguntando que o que eles pensam sobre a música de antigamente em comparação com a atual, se consideram a música atual de menor qualidade, de alguma forma quando comparada com a de antigamente. As opiniões divergiram, com alguns entrevistados tendendo a colocar a música de antigamente implicitamente como superior, apesar de tentarem não generalizar a música atual como ruim; outros não enxergavam uma superioridade ou inferioridade entre as músicas de épocas diferentes; muitos disseram que tanto antigamente quanto atualmente existem músicas boas e ruins, mas para alguns a quantidades de músicas ruins é maior atualmente, enquanto que outros não veem essa discrepância. Mas apesar das divergências, em geral, os entrevistados consideram que a letra das músicas de antigamente eram melhores, sendo a letra das músicas atuais o aspecto mais criticado:

> O que tá em evidência é o que é de menor qualidade, mas que existem coisas boas por aí, existem. Mas o que hoje está em evidência em mídia, na mídia né, e nas ruas, na boca do povo, é de menor qualidade do que antigamente. [...] Não, assim, não em questão de sonoridade, não de estilo musical, mas de letras, de profundidade, de ser mais superficial, raso. Ás vezes as pessoas cantam e não sabem nem o que que tão falando, é mais sobre isso a questão mesmo (L.M., 21 anos, estudante de Relações Públicas, sexo feminino).

> Não, depende do tipo de música [...]. Então eu acho que depende do tipo de música, a questão de ser atual ou antiga eu não sei, mas com certeza sem dúvida nenhuma hoje em dia existem muito mais música tosca do que no passado. [...] Bom, assim, na minha humilde opinião [em relação a música massificada] eu acho que as antigas eram melhores, assim as letras eram melhores, porque o que toca hoje na radio é esses Lady Gaga né, esses troço, eu não vejo sentido nas letras daquelas músicas, então eu não gosto. Então assim eu acho que as antigas são de melhor qualidade, em questão das letras né (T.B., 23 anos, estudante de Letras, sexo feminino).

Uma entrevistada que declarou não gostar muito de músicas antigas – diferentemente dos outros entrevistados que preferem a música de antigamente, ou gostam dela tanto quanto da atuais –, teve um postura ainda mais defensora da música atual:

> Mas eu acho que a música de hoje em dia é feita pra quem vive no dia de hoje, entendeu? Quando você escuta uma música de antigamente, cê ouve porque conta uma história e tal, mas não é pra você, tipo, as músicas de hoje em dia são feitas pros jovens de hoje em dia, então eu acho que é mais fácil ouvir as músicas de hoje, até pelo acesso e também pela mídia, mas é feita de uma forma diferente, é feita pro mundo de hoje e pro jovem de hoje [...]. Claro que tem música ruim, mas eu acho que naquela época também devia ter, mas as músicas que ficam são as músicas boas, sabe? As músicas que a gente conhece hoje são as músicas boas do passado, porque as músicas ruins do passado se perderam no tempo. Então eu acho que sempre vai ter música boa e música ruim, mas depende do gosto mesmo (L.Q., 19 anos, estudante de Jornalismo, sexo feminino).

Apesar do foco das entrevistas ter sido o show do Paul McCartney e a relação dos jovens como referências musicais do passado, algumas questões foram formuladas com o propósito de ir além desta pesquisa, fornecendo material para pesquisas futuras. Assim, foi perguntado aos entrevistados se eles consideravam algum aspecto do passado, fora a questão musical, superior ao presente. As respostas não foram unânimes, mas de forma geral os jovens entrevistados reconhecem que tanto o passado quanto o presente possuem aspectos negativos e positivos. No entanto, um ponto que foi colocado por mais de um deles era relacionado a postura da pessoas, especialmente os jovens, diante a sua realidade política. Os entrevistados mencionavam a ditadura e a postura ativa dos jovens da época em comparação com a postura dos jovens atualmente, considerada por eles passiva e decepcionante, pelos menos até as manifestações deste ano[57].

Ainda com o objetivo de fornecer material para novas pesquisas foi perguntado também aos entrevistados se já sentiram vontade de viver em outra época e por que. As repostas mais uma vez não foram unânimes, mas entre os que afirmaram já ter tido esse desejo havia uma motivação em comum, que era viver o aspecto cultural de um ou alguns períodos. Isto quer dizer que, na verdade, os entrevistados não desejavam viver, de fato, em alguma outra época e toda a sua realidade, mas sim viver o que admiravam sobre a mesma. O que significa, baseando-se nas respostas, presenciar a produção cultural do período, ser um fã enquanto seus ídolos ainda eram vivos ou estavam na ativa, ir aos shows, ouvir as músicas quando estavam sendo lançadas; e ainda, para alguns, adicionalmente presenciar e participar do engajamento politico de um momento, por exemplo.

Entre as respostas obtidas para as perguntas das entrevistas surgiram elementos inesperados – o que é comum em entrevista em profundidade pela riqueza das respostas que se pode obter com este método – e não considerados na hipótese como: houve quem relatasse

[57] O período em que as entrevistas foram realizadas coincidiu com o período das grandes manifestações que ocorreram em diversas partes do território brasileiro. Estes acontecimentos acabaram influenciando as opiniões dos entrevistados sobre a postura política dos jovens atualmente.

sentir nostalgia (em relação a um tempo que não se viveu); saudosismo para e além da música; houve quem afirmasse sentir não pertencer a atualidade, mas ao passado, sentindo-se deslocado do tempo em que vive. Outros temas ainda como a questão da celebridade, do pertencimento, o papel da escola na construção de gostos, todos estes elementos juntamente com os citados acima são exemplos de questões interessantes, proveitosas e pertinentes que não foram contempladas neste trabalho devido aos objetivos delimitados, mas que constituem campo fértil para novos estudos, podendo ser aproveitados em pesquisas posteriores.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o estudo, a explicação para que os jovens gostem de músicas que não fazem parte diretamente da sua história e do seu tempo; começa na existência de agentes que atuam como “pontes” entre as músicas de décadas passadas e as novas gerações, fazendo com que essas músicas cheguem até os mais jovens. Contudo, isso não pode ser feito de qualquer forma, é preciso que faça sentido. Logo, estes agentes também são responsáveis por fornecer uma rede de significados para que essa música seja algo inteligível e não um objeto estranho e inapreensível, portanto este suporte é culturalmente construído ao longo do tempo, possibilitando que a música seja entendida, assimilada, desfrutada, que construa significados que a tornem apreensível e que, por fim, agrade.

Com base na pesquisa e na análise das entrevistas, temos a família como o principal e mais influente destes agentes. Para entender sua enorme influência sobre com o que o jovem se identifica, é necessário ter em mente tudo o que foi dito sobre a família no início do trabalho (sobre ser o primeiro grupo de socialização, sua importância afetiva, etc), e que foi se confirmando no seu decorrer. Nas entrevistas foi observado, por exemplo, uma afetividade associada à experiência musical vivida em família, aumentando a relevância e a influência do que foi vivido, compondo uma memória afetiva. Confirmando o que havia sido dito sobre a música como um recurso mnemônico, alguns entrevistados relataram que as músicas que tocadas no show de Paul McCartney fez com que eles se lembrassem do passado, de suas infâncias e até de momentos em família. Deste modo, apesar das músicas antigas não fazerem parte diretamente da história do jovem, ou seja, de não pertencerem ao seu tempo, elas se tornam parte de sua história indiretamente através da família. Por seu intermédio, músicas de antigamente são colocadas em contato com o jovem desde sua infância, inclusive passando a compor suas memórias deste período. Por isso, estes agentes, dentre os quais a família demonstrou ser o preponderante, constituem um elo entre os jovens de hoje e as músicas do passado; um elo não só de contato, mas de sentido, atrelando essa música às suas histórias por meio da memória. Assim, tal elo permite que haja identificação dos jovens com estas músicas.

Existem fontes de representações que fornecem modelos com os quais o indivíduo pode se identificar. Se os jovens ainda se identificam com músicas de décadas anteriores é porque existem instituições que promovem tal identificação. Uma vez que só se pode se identificar com algo que lhe é apreensível (culturalmente), esta identificação significa, de

antemão, que tais músicas fazem parte de um repertório cultural há décadas e que, portanto, já constituem parte da memória coletiva de alguma forma. A família age, então, como uma transmissora dessa cultura, reforçando está memória que é construída socialmente. E visto que a construção de gostos é um processo cultural, é admissível concluir que a família pode transmiti-los.

Com o estudo ficou claro que a música ocupa um espaço significativo na vida dos jovens. Eles empenham esforços para procurar por músicas, para escutá-las, para ir a shows, etc. Como foi exposto no início do trabalho, a música é muito presente no cotidiano das pessoas, especialmente no do jovem; é algo que toca as pessoas, capaz de mexer com suas emoções, com seus sentidos, de marcar momentos (inclusive em família), constituir lembranças. Conforme observado nas entrevistas, ela participa de diversos contextos sociais, por exemplo, estando presente no ambiente familiar (em uma reunião familiar, como trilha sonora para qualquer atividade, etc), no ambiente escolar (com atividades e projetos que envolvem músicas), entre amigos (que trocam indicações musicais e se influenciam mutuamente), etc.

Outro ponto observado, e digno de menção, foi o grande número de artistas antigos internacionais citados nas entrevistas. Isso mostra como a mundialização da cultura é uma realidade da qual gerações já fazem parte há algumas décadas, transmitida de uma geração para a outra por diversos meios (mídia, família, etc.) e se valendo, ao mesmo tempo que constituindo, de uma memória coletiva de outro nível (global). A identificação então também se estabelece através do compartilhamento dessa cultura mundializada.

A família e a mídia foram duas possibilidades consideradas como possíveis principais responsáveis por essa identificação. No entanto, apesar da reconhecida importância de ambas as instituições, admitiu-se o pressuposto de que a família ainda é elemento crucial na construção de gostos dos jovens, especialmente no que diz respeito a artistas de antigamente, prevalecendo sobre a mídia. Adotou-se como hipótese a família ainda como o principal agente de mediação entre os jovens e as referências musicais do passado. Com as entrevistas foi possível confirmar a hipótese levantada e, por conseguinte, concluir que a família ainda é muito importante na construção de gostos, porque foi a mais influente e determinante na formação das preferências musicais dos jovens entrevistados.

Cabe esclarecer, no entanto, que não houve pretensão de colocar família e mídia com esferas distantes e separadas, afinal, o ambiente familiar é permeado pela mídia. Apesar de principal, a família não é a única a influenciar os gostos dos jovens. A mídia está sempre presente no cotidiano, de maneira massiva. Passou a fazer parte da memória e da história de

vida das pessoas, bem como na sua formação cultural. Assim, a mídia também constitui um elo que permite essa identificação do jovem com a música antiga. Devido ao seu poder de alcance, é o principal agente de mundialização da cultura, que há décadas faz com que a mesmas músicas e artistas sejam reconhecíveis em todo globo. Ao rememorar e trazer a tona músicas de antigamente, a mídia vai atribuindo sentido e tornando essa música assimilável para o jovem, além de atraente. E ainda, ao se pensar no papel da mídia na divulgação das músicas, é razoável considerar que a influência que ela teve sobre os jovens de décadas anteriores, apresentando-lhes músicas e artistas, é também responsável pela influência que estes exerceram posteriormente sobre seus filhos.

Com base na análise das entrevistas é concebível afirmar que foi uma reunião de fatores responsáveis por atrair jovens dispostos a pagar para assistir ao show de Paul McCartney. A começar pelo status que Paul McCartney carrega como um ex-Beatle. Os Beatles são um ícone musical mundializado e, por consequência, o Paul também é. A banda é parte da cultura mundial e sua memória coletiva. São reconhecidos por toda a importância e relevância que tiveram na história da música, considerados parte essencial da mesma. Paul McCartney, como um ex-integrante da banda também contribuiu para essa história e é parte dela; por isso o status de lenda e de ícone. Ele é lembrado pelo que realizou com os Beatles, tornando-se uma representação viva desse legado musical, o que agrega muito valor ao seu show, tanto em termos de status quanto em termos de relevância cultural. Isto foi um grande atrativo para os jovens irem ao show, mesmo para os que não são fãs dos Beatles.

Estar presente em um show de um músico que contribui tanto para música, ouvindo suas músicas, de certa forma torna esses jovens parte da história da música. Para os fãs da banda, a condição de ex-Beatle de Paul McCartney é ainda mais significativa. Para eles, estar no show do Paul é como estar mais próximo da própria banda, pois ele é parte do que os Beatles foram, e ir ao seu show é um resgate daquilo que esses jovens não puderam viver na época que a banda existia. Ainda, o *setlist* do show, que foi composto em grande parte de músicas dos Beatles, fez com que os jovens, através da memória, revivessem aquela época que não presenciaram, mas que de certa forma, naquele instante, estavam vivenciando. Além disso, a *setlist* também foi um forte atrativo para os jovens irem ao show porque as músicas do Beatles são muito mais conhecidas do que as do Paul em carreira a solo.

Outro fator atrativo do show é que devido toda sua trajetória artística ao lado dos Beatles (os Beatles foram um fenômeno midiático, imensamente famosos muldialmente), Paul é uma celebridade, uma grande estrela, e, como já foi colocado, a celebridade é visto pelas pessoas como algo intocável e inacessível. Ademais, o fato de Paul não ser uma celebridade

apenas por ter fama, de ele ser um artista renomado por sua obra, sendo famoso também pelos seus feitos, faz dele uma celebridade ainda mais respeitada e admirada. Para o público, poder estar na presença de uma grande celebridade como esta é um privilégio, uma grande oportunidade a ser aproveitada.

O show em questão teve um apelo adicional por não se tratar de um evento corriqueiro na cidade, mas um acontecimento extraordinário. Foi considerado um show histórico para a cidade, tornando-se muito mais atraente, principalmente para aquelas pessoas que não tinham condições financeiras de ir aos shows do Paul em outras cidades brasileiras. Sobretudo, para essas pessoas, o show em Goiânia foi enxergado como talvez a única oportunidade que teriam na vida de assistir ao show desse artista.

Todos os fatores mencionados nos parágrafos acima como atrativos para que os jovens fossem ao show, somaram-se, atribuindo tamanho valor a este evento que geraram um outro fator ainda mais amplo e poderoso: o de pertencimento. Criou-se uma necessidade de pertencer, de fazer parte do que estava acontecendo, de não ficar de fora de um evento histórico com tantos valores agregados. Até mesmo quem não aprecia tanto música antiga, além de não ser fã dos Beatles ou Paul, esteve presente no show por considerar algo grandioso e imperdível.

Ademais, o preço do evento também foi um atrativo. No que diz respeito ao investimento financeiro, os preços dos ingressos do show para os estudantes variavam de R$80,00 à R$300,00. Foi um preço que os entrevistados consideraram relativamente “barato” por se tratar de Paul McCartney, além de afirmarem que shows internacionais geralmente custam mais do que isso, bem como alguns shows de artistas brasileiros também chegam a custar mais.

Paul é conhecido pela qualidade das suas apresentações, constantemente elogiadas. Sempre muito carismático, deixa o publico encantado e o conquista com sua boa performance ao vivo. Seus shows tem bastante credibilidade, as pessoas vão esperando desfrutar de um excelente espetáculo e é isso que elas conseguem. E, tendo como base os relatos dos entrevistados que descreveram o show como “fantástico”, “muito grandioso”, “bom demais”, Paul McCartney reforçou sua credibilidade ao presentear o público de Goiânia com um show, de fato, impecável, que nem mesmo uma invasão de insetos conseguiu abalar. Com uma ótima e animada performance, Paul mostrou muita habilidade em conduzir e emocionar o público, digno do integrante mais carismático da maior banda da história. De tal maneira que os entrevistados relataram que ficaram extasiados com a experiência, mesmo alguns dias depois do show.

Em estudos qualitativos elementos não previstos podem surgir, como foi o caso do conceito de celebridade. A influência da celebridade na ida dos jovens ao show não havia sido considerada ou trabalhada previamente, e, no entanto, ela apareceu. Além de que sua influência se mostrou real, como relatado acima. De fato, a questão da celebridade, enquanto mito, pode ser considerada de importância equivalente a da família na ida dos jovens ao show. A condição de Paul (e dos Beatles) enquanto celebridade e mito musical foi tão influente quanto a influência familiar. Outro conceito que não havia sido trabalhado era o de pertencimento. A necessidade de pertencer também não havia sido considerada como um fator influente para os jovens irem ao show, mas também se mostrou verdadeira, exercendo enorme influência e atração sobre o evento.

Ao pensar na condição de celebridade não é possível desvinculá-la da mídia. É esta que fornece os meio e as condições necessárias para que a pessoa se torne célebre, logo, a mídia é responsável pela condição de celebridade alguém. Falando de uma personalidade como Paul McCartney, que não é apenas famoso por ser, mas também por suas contribuições enquanto artista; independente dos feitos e de seus méritos, apenas através da mídia e de seu reconhecimento estes feitos atingem o grande público e passam a ser reconhecidos também. Se os Beatles são o que são até hoje, se se tornaram ícones mundializados, parte de uma cultura internacional popular, se são conhecidos pela família dos entrevistados, ou se até hoje são rememorados nos veículos e comunicação, e até mesmo nas escolas, é graças à mídia. Ela os fez presente em todo o globo e os colocou nesse patamar. Enfim, a celebridade não é nada sem a mídia, logo, o poder como celebridade que Paul exerce em seu público, só é possível devido a mídia.

Retornando aos elementos inesperados que surgiram em meio as repostas dos entrevistados; foi observado nos jovens um desejo de poder viver certo períodos do passado, no que diz respeito a produção cultural. Para os que apreciam música antiga, eles nutrem um certo pesar em não poder desfrutar de um determinado período cultural que admiram, de não poder ir aos shows dos artistas que são fãs, por exemplo. Então há um certo saudosismo musical que faz com queiram viver uma época que não é a sua, essencialmente no que diz respeito a produção musical.

Outra coisa encontrada nas entrevistas foi a desapontamento que alguns jovens sentem em relação ao engajamento politico das pessoas, principalmente dos jovens de hoje. Eles olham com saudosismo para épocas como a ditadura, aonde, de acordo com eles, as pessoas eram engajadas e lutavam por aquilo que queriam. Então, alguns dos entrevistados gostariam de viver no passado, não apenas pela música, mas para viver esse engajamento

político também. No entanto, nota-se que os jovens só gostariam de viver aquilo que admiram e idealizam sobre o passado.

Entre os entrevistados que demonstraram um saudosismo musical, é perceptível que eles enxergam a música atual como inferior a de antigamente. Na sua visão, acham que o interesse mercadológico passou a ser a única coisa importante, que falta empenho dos artistas em fazer música hoje em dia. Eles enxergam a música de antigamente de uma forma mais artística e, consequentemente, mais respeitável. O principal elemento das músicas atuais que os incomodam são as letras: eles acham que as letras atuais são muito inferiores às de antigamente, muito "pobres", pouco trabalhadas. Em contrapartida, olham com saudosismo para a forma como eles imaginam e idealizam que os artistas de antigamente produziam música; com mais empenho, mais emoção, mais cuidado, mais trabalho. Não somente pelo dinheiro, mas buscando uma satisfação como artista, o que, para os entrevistados, resultava em músicas de maior qualidade.

Neste trabalho foi abordada a relação entre a música de décadas passadas e os jovens de hoje. Ao entender o processo de construção de gostos, por meio de identificações, como um processo cultural e social mediado e influenciado por instituições transmissoras de cultura, buscou-se averiguar quem ou o que estava por trás da identificação dos jovens de hoje com músicas antigas, que não fazem parte diretamente da sua juventude.

A família e a mídia foram duas possibilidades consideradas como possíveis principais responsáveis por essa identificação. No entanto, apesar da reconhecida importância de ambas as instituições, admitiu-se a hipótese de que a família ainda é elemento crucial na construção de gostos dos jovens, especialmente no que diz respeito a artistas de antigamente, prevalecendo sobre a mídia. Com as entrevistas foi possível confirmar a suposição levantada e, por conseguinte, concluir que a família ainda é muito importante na construção de gostos, porque foi a mais influente e determinante na formação das preferências musicais dos jovens entrevistados.

Considera-se que o objetivo estabelecido para este trabalho foi atendido, uma vez que foi possível compreender melhor o que o jovem pensa sobre as referências musicais do passado e como as percebem. Também foi possível entender melhor em que medida a família influência a formação do gosto musical dos jovens e como isso ocorre. No entanto, o tema abordado neste trabalho não foi esgotado, podendo ser aprofundado e ampliado (inclusive, para além da música) em outros estudos sobre a relação da juventude atual com o passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A importância da memória na formação da identidade do indivíduo. **Globo Ação**, 2 mar. 2013. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/acao/noticia/2013/03/importancia-da-memoria-na-formacao-da-identidade-do-individuo.html>. Acesso em: 14 set. 2013.

Álbuns dos Beatles dominam top 20 do iTunes em menos de 24 horas. **G1 Pop & Arte**, 17 nov. 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/11/albuns-dos-beatles-dominam-top-20-do-itunes-em-menos-de-24-horas.html>. Acesso em: 20 set. 2013.

BARROS, Jussara de. Dança. **Brasil Escola**. Disponível em: <http://www.brasilescola.com/artes/danca.htm>. Acesso em: 3 set. 2013.

BOB, Spitz. **The Beatles:** a biografia. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, A. L. T. Identidade. In: _____. **Psicologias:** Uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999. Cap. 14.

CANCLINI, Néstor García. O consumo serve para pensar. In: _____. **Consumidores e cidadãos:** Conflitos multiculturais da globalização. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p. 51-70.

CARNEGIE HALL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Carnegie_Hall&oldid=36527282>. Acesso em: 17 set. 2013.

CARRASCO, Ney. Trilhas: o som e a música no cinema. **ComCiência**, 10 mar. 2010. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=54&id=689>. Acesso em: 3 set. 2013.

Comercial de The Beatles: Rock Band mostra banda em Abbey Road. **Rolling Stone Brasil**, 1 set. 2009. Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/noticia/comercial-de-the-beatles-rock-band-mostra-banda-em-abbey-road/>. Acesso em: 15 set. 2013.

Confira o setlist do show de Paul McCartney em Goiânia. **Rock-O-Rama**, 7 maio 2013. Disponível em: <http://www.rock-o-rama.com.br/2013/05/07/confira-o-setlist-do-show-de-paul-mccartney-em-goiania/>. Acesso em: 24 set. 2013.

DAVIES, Hunter. **A vida dos Beatles:** a única biografia autorizada. Rio de Janeiro, 1968.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. Cap. 4.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio:** o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. p. 498.

FIGUEIREDO, Lívia Marques F. de; TUZZO, Simone Antoniaci. Celebridades e Opinião Pública. In: _____. **Célebre Sociedade**. Goiânia: Kelps, 2011. Cap. 3.

GOODE, William J. A Família Enquanto Componente da Estrutura Social. In: _____. **A família**. São Paulo: Pioneira, 1970. Cap. 1.

HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. In: _____. **A Memória Coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006. Cap. 1.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

IRENE, Mirelle. Acampados, fãs consideram show de Paul McCartney um marco para Goiânia. **Terra**, 6 maio 2013. Disponível em: <http://musica.terra.com.br/acampados-fas-consideram-show-de-paul-mccartney-um-marco-para-goiania,29bdc127c3b7e310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 25 set. 2013.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia** – Estudos culturais: identidade política entre o moderno e o pós –moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia Qualitativa e Quantitativa. In: _____. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009. Cap. 8.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Técnicas de pesquisa. In: _____. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012. Cap. 3.

LARAIA, Roque de Barros. A cultura condiciona a visão de mundo do homem. In: _____. **Cultura:** um conceito antropológico. 20. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 67-74.

LIMA, Gabriela. Começa venda de ingressos para show de Paul McCartney em Goiânia. **G1 Goiás**, 1 abr. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2013/04/comeca-venda-de-ingressos-para-show-de-paul-mccartney-em-goiania.html>. Acesso em: 24 set. 2013.

LOPES, Yuri. Paul McCartney impressiona pela simpatia e repertório impecável. **A Redação**, Goiânia, 7 maio 2013. Disponível em: <http://www.aredacao.com.br/cultura/27682/paul-mccartney-impressiona-pela-simpatia-e-repertorio-impecavel>. Acesso em: 24 set. 2013

MAHARISHI MAHESH YOGI. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Maharishi_Mahesh_Yogi&oldid=37413426>. Acesso em: 18 set. 2013.

NAVES, Jales. O histórico show de Paul McCartney. **A Redação**, Goiânia, 14 maio 2013. Disponível em: <http://www.aredacao.com.br/artigos/27980/o-historico-show-de-paul-mccartney>. Acesso em: 28 set. 2013.

OLIVEIRA, Pérsio Santos de. Conceitos básicos para a compreensão da vida social. In: _____. **Introdução à sociologia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991. Cap. 2.

OLIVEIRA, Pérsio Santos de. Educação e escola. In: _____. **Introdução à sociologia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991. Cap. 10.

OLIVEIRA, Elinês de A. V. e. Teatro como sistema modelizante. **PUC-SP**, dez. 1998. Disponível em: <http://www.pucsp.br/~cos/cultura/teatro.htm>. Acesso em: 3 set. 2013.

ORTIZ, Renato. Introdução. In: _____. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 7-11.

ORTIZ, Renato. Advento de uma civilização. In: _____. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. Cap. 2.

Paul McCartney completa 71 anos; veja sua carreira em imagens. **Último Segundo**, 18 jun. 2013. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/musica/2013-06-18/paul-mccartney-completa-71-anos-veja-sua-carreira-em-imagens.html>. Acesso em: 22 set. 2013.

Paul Pays Tribute To Brazil Plus Exclusive Video! **Paul McCartney Official Website**, 10 maio 2013. Disponível em: <http://www.paulmccartney.com/news-blogs/tour-blog/27533-paul-pays-tribute-to-brazil-plus-exclusive-video>. Acesso em: 24 set. 2013.

PIMENTEL, Carlos Eduardo; GOUVEIA, Valdiney Veloso; VASCONCELOS, Tatiana Cristina. Preferência musical, atitudes e comportamentos anti-sociais entre estudantes adolescentes: um estudo correlacional. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 22, n. 4, Dec. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2005000400008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 ago. 2013.

PRADO, Danda. Introdução. In: _____. **O que é família**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. P. 7-34.

ROCHA, Viviane Cristina da; BOGGIO, Paulo Sérgio. A música por uma óptica neurocientífica. **Per musi**, Belo Horizonte, n. 27, jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-75992013000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 jul. 2013.

Saiba mais sobre o disco de gravações inéditas dos Beatles. **Rolling Stone Brasil**, 12 set. 2013. Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/noticia/confirmado-o-lancamento-de-gravacoes-ineditas-dos-beatles-na-bbc-em-novembro/>. Acesso em: 20 set. 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** A perspectiva dos Estudos Culurais. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

THE ED SULLIVAN SHOW. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=The_Ed_Sullivan_Show&oldid=36461978>. Acesso em: 17 set. 2013.

“The Movement You Need Is On Your Shoulder…". **Paul McCartney Official Website**, 8 maio 2013. Disponível em: <http://www.paulmccartney.com/news-blogs/news/27531-the-movement-you-need-is-on-your-shoulder>. Acesso em: 24 set. 2013.

Tudo Sobre Portáteis. **Canaltech**. Disponível em: <http://canaltech.com.br/tag/Portateis/>. Acesso em: 2 set. 2013.

VILARINHO, Sabrina. Gênero Lírico. **Brasil Escola.** Disponível em: <http://www.brasilescola.com/literatura/genero-lirico.htm>. Acesso em: 4 set. 2013.

WINGS (BANDA). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Wings_(banda)&oldid=36379893>. Acesso em: 22 set. 2013.

YOKO ONO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Yoko_Ono&oldid=36905271>. Acesso em: 21 set. 2013.

APÊNDICE A – Roteiro-base das entrevistas

Perguntas:

1 – Por que você foi ao show do Paul McCartney? O que te fez querer ir?
2 – Você se considera um fã do Paul McCartney?
3 – Há quanto tempo você é fã desse artista ou há quanto tempo gosta dele e acompanha o seu trabalho?
4 – Você se emocionou no show? Por quê?
5 – Você gosta de outros artistas de antigamente?
6 – Você gosta das músicas das décadas passadas (anos 60,70 e 80)? Por quê? O que você sente quando ouve?
7 – Você gosta da música atual?
8 – Você acha que a música atual tem menos qualidade em comparação com a música de antigamente?
9 – Estava em cartaz o filme “Somos tão jovens” sobre Renato Russo e Legião Urbana, e também o filme “Faroeste Cabloco”. Você assistiu ou teve interesse em assistir algum deles? Por quê? O que achou?
10 – Você acha que alguma outra coisa, além da música, era melhor antigamente?
11 – Você já sentiu vontade de ter vivido em outra época? Por quê?

APÊNDICE B – Transcrição das entrevistas

Entrevista com o A.C., 21 anos, estudante de Relações Públicas, sexo masculino:

P: Você foi ao show do Paul McCartney, certo?
R: Fui ao show do Paul McCartney.

P: Por que você foi ao show do Paul McCartney? O que fez você querer ir?
R: De início eu não iria, mas vai chegando a época do show cê vai pensando né: ... "Essa é a única, talvez a última e única chance que eu vou ter de ver o Paul McCartney, ainda mais na minha cidade"... Aí acabou que eu decidi, faltando uma semana, falei: "Não, eu tenho que ir, não posso perder"... Aí dei um jeito e consegui pra ir pro show.

P: Então pra você era importante por que era o Paul McCartney?
R: R: É... Era o Paul McCartney, e na minha cidade ainda, eu resolvi ir.

P: Mas você já era fã do Paul? Você se considera um fã?
R: Eu me considero um fã do estilo de música, que é o rock and roll mesmo... Mas... Conheço muito os Beatles, mas não sou aqueles super fã que ficou um dia na fila, mas acompanho a música em geral.

P: E já tem quanto tempo que você gosta dos Beatles?
R: É mais por uma influência familiar mesmo. Meu pai sempre foi muito fã de rock, é o estilo de música que ele mais gosta mais. Aí acaba que a gente vai crescendo ouvindo aquilo, ou ouvindo um pouco de cada coisa que rolava somente na década de 60, 70... Aí acaba que a gente pega o gosto mesmo.

P: E você passou a acompanhar também o trabalho do Paul a solo ou não?
R: Menos... Menos do que os Beatles, mas a gente sabe as principais músicas. Essas coisas mais antigas, que ele fez até a década de 80, eu conhecia basicamente tudo.

P: Então, desde de criança? Começou na infância?
R: Desde de criança eu conheço.

P: Você se emocionou no show?
R: Sim. Quando começa, cê começa a ver o Paul MacCartney, você começa a ver, a estrutura do show também ajuda muito, tudo é muito grandioso. Eu não sou muito acostumado a esse tipo de coisa, aí quando cê acaba vendo, cê acaba emocionando... Cê escuta uma música que cê escutava no disco do seu pai ou no Youtube mesmo. Cê tá vendo aquilo acontecendo, é muito... É emocionante de verdade. Eu emocionei sim.

P: Eu ia perguntar por que você se emocionou, mas então é por tudo isso que você falou mesmo?
R: É o geral, não só por ser o Paul MacCartney, não só por ser as músicas dos Beatles, a maioria, não só pela grandiosidade do show, é um misto de tudo que faz a gente gostar e se emocionar bastante durante o show.

P: Dos artistas de antigamente como o Paul, tem outros artistas que você gosta?
R: Tenho, tenho bastante. Tenho, se eu fosse citar alguns tem o Pink Floyd, também da década de 60, tem o Rolling Stones, que eu li o livro que conta a história da banda... É sensacional. Essas bandas mesmo, dos anos 60 e 70, é... The Doors, esse pessoal mais... Black Sabbath, Led Zeppelin. Tudo que meu pai, tudo que meu pai me ensinou a ouvir, basicamente.

P: Os Dinossauros do rock?
R: É... É o que a gente curte, é o que a gente curte mais.

P: Chega a ser, de certa forma, uma "celebração familiar"? Música era uma coisa que vocês ouviam juntos, na sala, por exemplo?
R: Foi, foi exatamente isso, porque de última hora chegou um primo meu de São Paulo, chegou primo meu do interior, o meu pai resolveu ir faltando 4 horas pro show, minha mãe também foi. Então acabou que virou... Um tio meu que eu encontrei lá do nada foi com a gente. Então foi uma celebração familiar com certeza, foi muito.

P: O show, então, foi o ápice?
R: Foi épico, foi épico, foi épico.

P: Então desde sua infância tinha aquela coisa de reunir com os pais, ouvir música na sala, uma coisa meio pai e filho, no caso?
R: Sim. Era uma coisa meio familiar mesmo.

P: Eu ia perguntar se você gosta das músicas das décadas passadas, mas você já me respondeu que sim, que ouve o rock dos anos 60, 70. Então eu queria saber: por que você gosta? O que você sente quando você ouve essas músicas?
R: Eu não sei, é... A questão de cê ter nascido ouvindo aquilo. Eu sou meio antigo quanto a música assim, eu não escuto muito música atual... De nenhum estilo, nem do rock... Eu sou bem saudosista mesmo. Escuto mais música bem antiga assim. Não é só de rock também, de MPB, essas coisas... Parece que quanto mais antigo melhor. Não sei se é, porque eu não sou um grande conhecedor da música, mas é o que o meu gosto prefere, então é o que eu escuto sempre.

P: E você acha que isso se deve a questão familiar? Você acha que é por causa da sua formação musical mesmo?
R: É extremamente, acho que é. Pelo menos, no meu caso, foi extremamente isso. Foi o que mais me levou a gostar do que eu gosto hoje é a questão familiar.

P: Eu ia perguntar se você também gosta da música atual, mas você mesmo falou que não escuta muito...
R: Não é que eu não gosto, é que eu prefiro outros estilos, então, não é.

P: Do que que você gosta da atualidade se fosse pra falar?
R: Se fosse pra falar de hoje, tem algumas, tem o Jack White, que é do, que também foi do White Stripes, que é um cara que eu acho muito bom, muito bom mesmo. Eu gosto mais do trabalho dele mais antigo, mas se você ver ele tocando até hoje, é muito bom mesmo. Deixa eu ver... De nacional eu gosto mais da bandas locais, escuto mais banda independente de Goiânia, tal, essas coisas... É basicamente isso, mais banda local.

P: Você acha que a música atual, se a gente for comparar com a música de antigamente, é de menor qualidade?
R: Eu acho que se for olhar pelo estilo que eu mais escuto, que é o rock e a MPB, eu não sei se ela é pior, mas ela é menos abrangente, com certeza. Até pela ascensão de outros estilos, e por esses estilos terem praticamente tomado o cenário. De certa forma, ela é melhor e mais marcante.

P: Você acha que a antiga é melhor?
R: Ela é melhor e ela é mais... Porque todo mundo escutava basicamente isso naquela época, então ela, o rock, ele era, o que se pode dizer, a música massificada dos anos 70 até 80, até os anos 90. Aí com a emergência de outros estilos, acabou que ele perdeu um pouco de espaço. Aí acaba que, que por tudo que eu já te falei, por eu escutar mais daquela época, eu acho de maior qualidade, maior expansão, assim, mais expandível, mais universal.

P: Você chega a ouvir alguma coisa, fora MPB, de rock brasileiro de antigamente, anos 80?
R: Com certeza, com certeza. O rock brasileiro dos anos 80 pra mim foi tão marcante quanto os Beatles, sabe?

P: Você “curte” o que dos anos 80, em termo de rock?
R: Eu curto muito, tô com a camisa do Ultraje a Rigor, que é a, acho que é minha banda preferida de todas. Ultraje, Titãs e Legião Urbana, são as três bandas mais marcantes, pra mim. Mas aí também tem outras, tem o Camisa de Vênus, que eu gosto muito, Paralamas, Barão Vermelho. Eu amo o rock dos anos 80 brasileiro também.

P: E, no caso, pra você é pelos mesmos motivos que te levam a gostar do rock estrangeiro ou não?
R: Sim. Sim, sim. É, primeiro, alguns pontos: ele foi marcante, ele foi marcante em diversos aspectos por ter, até pela época, por tudo que rolou. E, acho que pelo meu pai ter vivido isso intensamente, ele passa até com mais força do que o rock dos anos 60, que foi do show do Paul. Então, é como se ele tivesse mais dentro ainda do meu contexto de vida, da onde eu vivo. Quando cê escuta Legião, quando cê escuta o Ultraje, o Titãs, você se vê mais dentro daquilo. Então, isso é marcante.

P: Foi lançado o filme "Somos Tão Jovens", do Renato Russo, e tem agora também o "Faroeste Caboclo". Você viu algum deles ou se interessou em ir ver?

R: Eu fui no cinema duas vezes tentar ver o "Somos Tão Jovens", aí não deu porque eu fui nas primeiras semanas, na primeira semana, aí tava todos lotados, aí eu acabei que não vi, mas eu fiquei revoltadíssimo de não ter visto. O "Faroeste Caboclo" eu já vi, esse eu já garanti, já fui ver mais rápido, mas o "Somos Tão jovens" eu pretendo ver o mais rápido possível também, que eu quero muito ver.

P: Por que você quer ver?
R: É me ver ali, pra mim é meio isso. É eu ver da onde saiu uma banda brasileira, de um lugar, até certo ponto inóspito assim, de Brasília, e ter saído o que saiu, e ser o que virou, e o Renato Russo com toda a áurea que tem envolta dele, e do movimento daquela época. É basicamente isso, eu me vejo ali, eu vejo minha turma ali, eu queria ver pra realmente saber se era tudo isso mesmo, sabe?

P: O "Faroeste Caboclo" você assistiu. Você gostou? O que você achou do filme?
R: Eu vi muito amigo meu criticando, tal, falando, mas eu, eu gostei muito. Porque o filme, ele não tem muito diálogo, aí eu criei na minha mente que isso foi até bom, pra mim, porque é como, a cena sem diálogo, onde você só via a cena acontecendo, é como se a música tivesse tocando na minha cabeça e eu tivesse acompanhando a música o tempo inteiro, aí eu achei, eu adorei, eu gostei muito.

P: Você acha que alguma outra coisa, além da música, era melhor antigamente? Algum aspecto cultural, alguma de comportamento, não sei?
R: Eu acho que se você for contar tudo que eu gosto e tudo que eu tento viver hoje, acho que, antigamente, anos 80 pra trás, eu estaria mais inserido, eu como muito gente aqui que prefere esse estilo de música, esse estilo de vida que eu tenho. Então eu acho que, de certa forma, sim, mas eu... Ao mesmo tempo que eu falo que eu sou saudosista, parece ser meio ruim, né? Porque é como se eu não vivesse na época que eu tô. Mas eu acho que, se eu for pensar pra falar sim ou não, é sim, com certeza. Eu acho que antigamente eu estaria bem melhor inserido.

P: Então, pessoalmente, você acha que muitas coisas eram melhores antigamente?
R: Não. Eu acho que muitas coisas eram piores e isso melhorava. Tipo, se você for viver no contexto do Brasil, era ditadura militar, você tinha porque lutar, você tinha porque viver, seu sangue de jovem, ele tava mais elétrico. Hoje em dia, pelo menos no contexto que eu vivo, é tudo meio acomodado. Aí eu não sei o que seria melhor, eu também não tava lá pra sofrer como eles sofreram, né? Tipo, muito fácil pra mim falar agora, pra eu falar agora que eu queria viver naquela época porque eu tinha porque lutar. Mas, de certa forma, era melhor porque era pior.

P: E você já sentiu, quando você ouve essas músicas, por exemplo, quando você pensa sobre isso, você já sentiu vontade de ter vivido em outra época e por quê?
R: Fatalmente. Cê pega, por exemplo, "Tempo Perdido", é uma música que muita gente acha super clichê, chata, hoje em dia. Mas se toca ela, ela é maravilhosa, saca? É uma das músicas que eu mais gosto, porque ela te dá toda a energia de jovem que você quer ter e que você, às vezes, você perdendo e tudo mais... E eu acho que escutar ela naquela época era mais isso ainda.

P: Mas então você sente essa vontade mais em relação aos anos 80, no Brasil, ou anos 60, época dos Beatles?
R: Se eu pudesse pegar um pouquinho de cada né. Se eu pudesse pegar um pouquinho de cada, mas eu preferiria viver no meu contexto, onde eu pelo menos sei mais da história. Então, eu preferiria viver no Brasil dos anos 80, sofrendo, vendo várias coisas que aconteceram, não só na música, mas no esporte, em outras coisas. Mas sem desmerecer também, é claro que eu queria tá em Woodstock, sabe? Que eu queria tá num festival, eu queria tá num pub vendo os Beatles tocando, sabe?

P: Mas chega a ser uma vontade de ter nascido em determinada década e, de fato, viver essa década?
R: Eu queria ter 18 anos em 82, saca? 18 anos em 82 acho que seria legal. Foi quando teve o boom das primeiras bandas brasileiras, o Barão Vermelho, essas bandas assim... Blitz, tal. Aí viver os 18 assim nessa época e pegar todo o resto que veio... Depois o Ultraje, Titãs, próprio Legião.

P: Você acha que você sente essa vontade por quê?
R: É uma vontade. Não é tipo uma necessidade, sabe?

P: Mas você acha que você sente essa vontade por quê? Por causa dos seus gostos mesmo? Por que você se sente meio deslocado, entre aspas, do período atual?
R: É basicamente isso, porque eu acho atualmente muito chato, muita coisa chata rolando, então... Acho que naquela época a galera toda era meio, gostava das mesmas coisas e vivia o mesmo contexto. Hoje em dia é tudo muito, muito nicho, é muito nicho né, tipo, cada um vive um pouquinho do seu pequeno mundo e tal.

Antigamente, eu acho que era mais, a galera mais unida. Eu não sei se era realmente, sabe? Mas me passa essa impressão... De ser um negócio mais estável.

P: Os Beatles são da época dos nossos pais, avós. Você sabe se Beatles foi uma coisa também passada do seu avô pro seu pai ou se foi uma coisa mais só do seu pai mesmo?
R: Eu acho que a minha avó, acho que ela viveu, ela não viveu tão intensamente porque era algo muito novo no Brasil nos anos 60. Acho que a maioria nem tinha acesso. Muita pouca gente tinha acesso, sabe? Início dos anos 60 e tal, essas coisas. E acho que meu pai puxou mais dos tios, meus tios, pouco mais novos que minha vó, que é um pouco mais da idade dele, que começou a viver e que começou a viver isso mais intensificado. E, como eu falei, o rock naquela época era a música do momento né. Foi durante mais de 25, 30 anos, aí acabava que ele ia na onda mesmo.

P: Mas então você acha que tem também uma certa influência familiar?
R: Teve, teve, com certeza.

P: Então é uma coisa bem de vocês mesmo?
R: Eu considero que música, esporte, futebol, essas coisas, a questão familiar, se ela não se faz presente, se ela se faz presente, ela se torna, acho que um fator quase que preponderante maior, porque você imagina você com 10 anos, cê tá consumindo aquilo, acaba que aquilo é o que vai ser seu gosto, provavelmente.

P: E seu pai também se emocionou no show?
R: Bastante, bastante.

P: Toda a família?
R: A minha mãe que não é muito, que é menos que meu pai, meu pai era bem rockeiro mesmo, ela se emocionou. Meu pai então, foi demais. Ele não arrependeu de ter ido, de ter gastado uma grana, pra ir, tipo, no dia, na hora. Foi extremamente emocionante pra todo mundo.

Entrevista com L.M., 21 anos, estudante de Relações Públicas, sexo feminino:

P: Por que você foi ao show do Paul? O que te fez ir no show?
R: Então, é... Minha história é engraçada porque desde que saiu a notícia de que o Paul iria vir a Goiânia eu me interessei em ir, só porque eu num tava, eu tava muito sem dinheiro. Então aí eu peguei e não ia. Cheguei a conclusão de que eu não ia. E aí no dia do show, eu não tinha ingresso, não tinha nada, eu tava no meu trabalho, isso era 4 horas, e eu peguei e vi a playlist dele, dos outros shows, e eu falei: "Cara, eu não posso perder". E eu falei assim: "Vou pra lá. Vou tentar um ingresso lá na porta". E foi, foi, fui. E cheguei lá, tinha ingresso na bilheteria ainda, eu ia comprar no cartão porque eu não tinha um centavo, falei: "Não, vamo mete o pé nisso daí, vamo compra"... E aí tinha um pessoal ainda vendendo de cambista lá na porta, consegui comprar mais barato, ainda no cartão, de cambista, olha só o tanto que os cambistas tão evoluído. E foi assim... E eu não me arrependo porque realmente foi um show assim, histórico mesmo.

P: Então o que te fez ir foi a playlist?
R: Foi, porque era... É... Ele cantou muitas músicas dos Beatles mesmo, e eu gosto muito, muito. Eu assim, não tinha, às vezes eu falei: “Ah, eu acho que eu não vou porque eu não conheço tantas músicas do Paul, só do Paul”. Conheço algumas que são dele, mas não conheço tantas, e ele, inclusive, cantou, quase não cantou músicas dele, cantou mais músicas dos Beatles, do conjunto né.

P: Eu ia te perguntar se você se considera uma fã do Paul MacCartney. Mas, no caso, você já era fã dos Beatles? Há quanto tempo?
R: Tem tempo já, é uma coisa de família mesmo. Meu pai tem um gosto musical assim, que ele passou pra mim, e eu conheço muitas músicas dos Beatles, os álbuns deles. Eu tenho até um pôster no meu quarto dos Beatles, então.

P: Então foi assim? Foi seu pai que te influenciou muito?
R: Foi meu pai que me influenciou muito nessa questão.

P: Isso desde a infância?
R: Desde a infância que eu escuto.

P: Mas você se considera uma fã do Paul, carreira a solo? Ou você foi mais no show porque ele é, de certa forma, o que restou dos Beatles?
R: Ah, eu tenho que confessar que foi o que motivou mesmo assim, por ele ser um ex-Beatle, e foi por isso que eu fui no show. Porque é aquela coisa né, não tem como você ir no show dos Beatles, mas ele fez parte disso, então já é muita coisa.

P: Então você se considera fã dos Beatles?
R: Sim.

P: Seu pai também é fã?
R: Meu pai, ele é. Ele gosta muito também.

P: Ele foi ao show?
R: Não, não foi, e se arrependeu.

P: Se arrependeu muito de não ter ido?
R: Aham, de não ter ido. Ainda mais depois que eu falei que eu paguei mais barato.

P: E vocês tinham o hábito de ouvir juntos Beatles?
R: Sim.

P: Era uma coisa meio familiar mesmo?
R: A gente sempre escutava, até falei pra ele que eu lembrei muito dele no show, porque é... Eu lembro exatamente do dia que ele me mostrou a música "Yesterday", dos Beatles, que eu tinha uns 10 anos de idade, e eu escutei junto com ele, então assim me lembrou muito meu pai e assim as pessoas que, a família mesmo que convive com a gente, porque a gente tem muito esse costume de escutar música junto, sabe? A gente gosta muito, é um hábito que nós temos.

P: É um hábito familiar mesmo?
R: Isso.

P: Tem outras pessoas na sua família que gostam dos Beatles também ou é mais só você e seu pai?
R: É, assim, todo mundo gosta assim porque acaba que participa também, mas não é tanto quanto a gente.

P: Você se emocionou no show?
R: Nossa, muito, muito.

P: Por que você acha que você se emocionou tanto?
R: Ah, eu... Porque assim, muitas músicas que ele cantou foram músicas em homenagem, por exemplo, ao John Lennon. E, enfim, foram e são músicas bonitas que tem uma, todo um, e também que me fizeram lembrar, como eu falei, dos momentos que eu passei com a minha família e, assim, até a própria vida mesmo assim, porque quando você tem uma banda que te acompanha por muito tempo, você começa a relacionar né, as músicas com os momentos que você já viveu, então foi muito emocionante o show, muito mesmo.

P: Você gosta de outros artistas do passado?
R: Então, tem muitas outras bandas e cantores da época dos Beatles que eu gosto também. É uma geração musical muito importante pra própria música, é... Deixa eu ver algumas bandas, tem... Janis Joplin, por exemplo, que fez muita diferença também no cenário musical nessa época, Led Zeppelin... Que mais?... Ai, são muitos artistas, eu fico pensando na pastinha das minhas músicas que tem no meu computador, meio que, vamo lá no B, qual que tem? Mas, enfim, uma banda que eu gosto muito, que ela veio um pouquinho depois, mas que ela também já é bem antiga, mas que eu sou muito fã, é do U2. Já fui no show deles, inclusive. E eu gosto muito.

P: Se emocionou?
R: Nossa, essa eu... Não, chorei também porque eu gosto demais assim. Eu gosto mais do que dos Beatles.

P: Sua banda preferida mesmo é U2?
R: É. Mas assim, é as duas assim que eu mais gosto assim, que eu tenho a referência mesmo.

P: U2 também foi influência do seu pai?

R: Foi. Foi influência do meu pai. Assim, a maioria dos artistas antigos que eu escuto é tudo influência do meu pai.

P: Não foi uma coisa que você descobriu sozinha, foi uma coisa que ele já introduziu na sua infância?
R: Isso. Guns N' Roses também, muito bom. Tem muitas bandas aí.

P: Você gosta das músicas das décadas passadas, como 60, 70 e 80?
R: Inclusive, acho que não se fazem mais músicas como antigamente. Existem, claro, se você procurar, existem muitas coisas boas. Mas o que você vê na... É, porque antigamente isso era visível né. Esse cenário musical do rock dos anos 60, 70, e assim por diante, era visível, as pessoas escutavam nas ruas e hoje você vê que o hábito musical, ele é diferente, parece assim. Não sei se é impressão minha, mas... E também parece que é mais difícil encontrar pessoas que escrevam músicas que fale, por exemplo, como o Legião Urbana, que eu também gosto muito, que é nacional. Que escreveram letras reflexivas sobre o cenário do país na época.

P: Você acha que é por isso que você gosta, por tudo que representa, pela sonoridade?
R: Pelo que representa, pela sonoridade, eu gosto do estilo musical que é o rock, que surgiu ali com os Beatles e teve suas variações né, porque o rock tem vários estilos né. Mas eu gosto tanto pela sonoridade, como pela história e letra.

P: E o que você sente quando você ouve essas músicas de antigamente? É uma sensação diferente da de quando você ouve uma música atual, por exemplo? É uma experiência diferente?
R: Ah, eu acho, eu... É, o sentimento assim... Não sei, é engraçado porque te dá uma nostalgia de, às vezes de uma coisa que cê não sabe nem que que é, entendeu? Mas é bom, ainda mais pra quem gosta de apreciar música, de escutar, é bom.

P: Você também gosta da música atual? O que, por exemplo? Ou você não ouve muito coisa atual?
R: Não, eu escuto. Agora, que seja assim do cenário, não sei se você quer que eu fale especificamente de estilos?

P: Não, não.
R: Pode ser...?

P: Qualquer coisa.
R: ... Qualquer coisa? Ah, assim, bandas mais recentes assim são poucas, mas eu escuto assim, igual, inclusive, tem uma banda que eu gosto muito e que, inclusive, ela é goiana, mas que eu acho ela assim muito boa, que é o Cambriana, eu acho que eles tem uma qualidade musical muito boa, muito diferente das outras bandas goianas que eu conheço, e eles são recentes né, muito.

P: Mas se fosse pra falar da sua preferência musical, olhando para o seu computador, por exemplo, grande parte das músicas que tem nele são músicas antigas, no caso?
R: Sim. Assim, eu gosto muito de música, então, por exemplo, eu não escuto só rock, sabe? E eu acho que depende do momento, do contexto onde você tá, igual, por exemplo, eu gosto muito de músicas de dançar, pra dançar, entendeu? Então... tem também as músicas dançantes dos anos 80 que eu acho um máximo. Acho que fica pensando nas discotecas daquela época, e eu adoro quando tem essas festinhas em Goiânia que tem essas discotecagens, que ABBA, é... A-ha... Gente, muito bom!

P: E no cenário brasileiro? Porque eu perguntei dos artistas de antigamente e você falou no Brasil, citou Legião Urbana. Você gosta desse rock dos anos 80 brasileiro?
R: Gosto. Gosto muito. E eu acho que teve uma importância muito grande na época, e até hoje né, porque veio né, conseguiu mesmo depois de muito tempo, essas músicas ainda fazerem sucesso hoje em dia. Acho que as bandas daquela época não conseguem mais, é... Atingir, é... Como diz assim... Até as próprias bandas que fizeram sucesso naquela época não conseguem mais fazer músicas tão boas como antes. Tanto que... Ou não conseguem atingir, não sei, não sei dizer direito. Porque você vê shows, por exemplo, Capital Inicial, é... Titãs, eles não, é... Sempre cantam as músicas mais antigas, porque são as músicas que o povo conhece.

P: Você tem uma opinião sobre isso? Sobre o porquê eles não conseguem mais fazer músicas tão boas quanto as que eles já fizeram?
R: Talvez. Não sei. Talvez seja a falta de algum estímulo, né? Na época eles tinham aquela, todo aquele cenário né, brasileiro, que era fim de censura, e hoje eu acredito que talvez, quem sabe, não surjam músicas dessa época que a gente tá vivendo agora né, que eu... Questão das manifestações que tão acontecendo. Enfim, talvez seja por isso, mas até assim, cê vê que os shows de antigamente dessas bandas eram muito diferentes do que é hoje, a

empolgação do público que tava ali, parece que tava ali cantando como uma forma de protesto, é... Justamente pelo tema das músicas.

P: Você mencionou que sente certa nostalgia quando ouve músicas de antigamente. No caso, em relação ao rock brasileiro, você também tem essa sensação quando você ouve? Você sente essa nostalgia?
R: Sim. Sinto. Porque você sente, você sente a nostalgia, mas também você, é engraçado como você consegue pegar a letra das músicas e colocar na, conseguir encaixar ela na época em que você vive. Então, você vê que eles, aqueles artistas, eles estavam à frente do tempo deles.

P: Você acha que a música atual é de menor qualidade se a gente for comparar com a música de antigamente?
R: Olha, eu, antigamente eu pensava isso. Hoje, eu já analiso melhor antes de falar, porque, às vezes, é... O que tá em evidência é o que é de menor qualidade, mas que existem coisas boas por aí, existem. Mas o que hoje está em evidência em mídia, na mídia né, e nas ruas, na boca do povo, é de menor qualidade do que antigamente.

P: O rock que estamos falando, no caso, era o que estava em evidência naquela época...
R: Isso.

P: Então se for comparar entre as duas épocas, você acha que a música que está em evidência hoje é de menor qualidade em comparação com a que estava em evidência antigamente?
R: Acho. Não, assim, não em questão de sonoridade, não de estilo musical, mas de letras, de profundidade, de ser mais superficial, raso. Ás vezes as pessoas cantam e não sabem nem o que que tão falando, é mais sobre isso a questão mesmo.

P: Teve o filme "Somos Tão Jovens" sobre o Renato Russo, Legião Urbana. E tem agora o "Faroeste Caboclo". Você foi ver algum desses? Você se interessou em ver algum desses?
R: Me interessei, eu fiquei muito curiosa pra ver, inclusive, eu já vi o "Somos Tão Jovens", mas ainda não vi o "Faroeste Caboclo". É... O "Somos Tão Jovens", é... Eu gostei do filme, mas achei, eu esperava mais, achei que ele fosse ser melhor, porque eu já tinha visto um "Por Toda Minha Vida" do Renato Russo, e eu achei que ficou faltando eles finalizarem o filme, porque eles contaram desde que ele começou né ali, brincando de escrever as músicas...

P: Você está falando de qual dos dois?
R: O "Somos Tão Jovens", porque o "Somos Tão Jovens" conta a história do Renato Russo, de quando ele começou até quando ele se transformou, ele conseguiu montar o Legião Urbana. Só que não conta também partes, por exemplo, de como é... De depois do Legião. Porque o filme vai até, vai até onde ele consegue montar a Legião Urbana. E depois? Eu acho que o depois foi muito importante pra vida dele, e se eles queriam traçar a caminhada dele, deveriam ter, eu acho que deveria ter complementado né. Acho que faltou um final pro filme.

P: Você pretende ver "Faroeste Caboclo"?
R: Pretendo. Eu quero.

P: O que que te interessou nos dois?
R: Ah, porque eu gosto muito de Legião Urbana, muito mesmo. Inclusive tem, eu conheço muitas pessoas que ai não gostam porque acham que aqui ele não canta, a que as músicas dele são muito faladas, mas eu gosto muito das músicas dele, muito pelas letras, porque eu acho muito bonita as letras dele. E porque eu queria, por exemplo, no caso, "Faroeste Caboclo" eu ainda não vi, mas eu quero ver pra saber né, porque eu acho a letra muito, muito legal, e quero ver se eles conseguiram né... Fazer um filme utilizando aquela letra de uma forma que fique tão legal quanto a música, se eles conseguiram absorver mesmo o que que a música quis passar.

P: Você acha que alguma outra coisa, além assim da música, era melhor antigamente? Você acha que tem alguns aspectos das décadas passadas, do mundo, da atualidade, que eram melhores que hoje? Do comportamento, da juventude, alguma coisa, não sei?
R: Olha, teria uma coisa que eu iria falar, mas que hoje eu não posso falar mais, que tá acontecendo. Eu achei que eu nunca fosse viver pra ver o que tá acontecendo hoje, que é ver os jovens indo pra ruas, se manifestando, lutando pelos seus direitos. Era uma coisa que eu olhava e falava assim: "Cara, eu nasci na época errada, não tem lógica", porque eu sempre achei muito, assim, a época desses anos de ditadura, de luta, e tanto o cenário musical também, muito legal, eu sempre me interessei muito, sempre tive esse espírito, mas eu acho que com o tempo eu fui muito perdendo assim por desânimo mesmo de ver que as pessoas, hoje a cultura da internet que faz com que as pessoas não... As vezes... Essa praticidade de tentar resolver tudo pela internet, mas às vezes não é só pela

internet que a gente consegue resolver, então isso seria uma coisa que eu ia falar que era melhor antigamente, mas se hoje...

P: Então se eu tivesse feito essa entrevista com você um mês atrás você falaria que essa era uma coisa que você acha que antigamente era melhor...?
R: Isso.

P:... sobre a juventude ser mais ativa?
R: Mas eu acho que eu já não posso mais falar isso, por justamente por isso. Eu acho que, sei lá, faltava um empurrãozinho mesmo e eu até parabenizo as primeiras pessoas que insistiram né, ali, porque se não fossem elas não taria acontecendo isso né.

P: E tem alguma outra coisa, algum outro aspecto que você olhando para o passado acha que era melhor além disso? Ou não, é só isso mesmo?
R: Não, não tenho. Acho que cada época tem, a gente sempre vai achar que a época anterior é melhor, melhor né, sempre vai ter isso, mas acho que não, cada época é diferente uma da outra e tem que tentar adaptar.

P: E você já sentiu vontade de ter vivido em outra época? Por quê?
R: Ah, já senti demais, com eu disse aqui né. Justamente por todos esses contextos, nessa época da ditadura, aquela vontade "nossa, eu queria muito ter saído nas ruas, lutado", porque você acaba sentindo esse espírito de patriotismo né, e eu sempre, pessoalmente assim, eu sempre gostei muito de lutar pelos meus direitos, eu acho que as pessoas tem que ser assim, que elas não podem... Que elas tem que correr atrás das coisas, e eu sempre achei, eu sempre falei muito que eu acho que eu tinha nascido na época errada porque, questão musical, eu gosto muito mais das músicas antigas do que as de hoje, não que eu não goste das de hoje, como eu já disse, mas gosto muito mais. Então, já pensei em que queria ter vivido em outra época, mas acho que a gente tem que aproveitar o que tem de bom na época que a gente tá vivendo. Acho que é sempre assim também, a gente sempre quer uma coisa que não é sua, que não é... Mas é isso aÍ.

P: Você falando que gostaria de ter nascido nessa época de ativismo político e tudo mais...
R: Isso.

P: ... Dá pra perceber que você fala muito contextualizando o Brasil, época de ditadura. Quando você ouve rock internacional antigo, você também já teve essa sensação "Nossa, queria ter vivido nessa época", ou é mais uma coisa em relação ao Brasil mesmo?
R: Não, não. Também, assim eu penso quando escuto as músicas, eu fico pensando, por exemplo, de shows que aconteceram de bandas internacionais mesmo. De viver, de, por exemplo, ver na televisão toda aquela, por exemplo, a história do rock né, ter participado disso.

P: Quando isso estava em evidência?
R: Isso. Quando isso tava em evidência.

Entrevista com a L.Q., 19 anos, estudante de Jornalismo, sexo feminino:

P: Por que você foi? O que te fez ir no show?
R: Na verdade, eu conhecia algumas músicas dos Beatles e até mesmo do Paul MacCartney, mas assim, só as mais famosas mesmo. E quando eu fiquei sabendo do show aqui em Goiânia eu achei muito massa, sabe? Porque Paul MacCartney, ele é uma estrela internacional, ele é famoso e ele é uma lenda viva mesmo, sabe? E eu achei que era uma oportunidade única, muito difícil ter um show desse aqui em Goiânia, então... Eu já tinha visto apresentação dele na televisão e ele realmente é muito bom, ele é uma estrela mesmo, e aí eu achei que era uma oportunidade assim que não dava pra perder. E também o preço, não achei que era tão absurdo assim como eu já vi em outros shows internacionais, achei o preço razoável, ainda mais que eu sou estudante, pago meia, então por isso que eu resolvi ir.

P: Você se considera uma fã do Paul MacCartney?
R: Não. Assim, pelas as outras pessoas que eu vi no próprio show, sabe? Que chegaram lá de manhã pra poder ficar lá na frente. Eu não sou fã, eu não conheço todas as músicas, eu não acompanho desde muito tempo, até porque ele não é da minha época, então eu não me considero fã. Eu gosto muito das músicas, mas não sou fã, propriamente dito.

P: Há quanto tempo você gosta das músicas dele? Ou você gosta mais só dos Beatles mesmo? Se só, há quanto tempo também?
R: Hum... Alguns anos atrás. Nessa questão de música eu não tenho uma influência assim dentro casa, por exemplo, meus pais, eu não tenho muita influência disso. Então, eu vou, eu acabo descobrindo as coisas sozinha, sabe? Então, por exemplo, quando você vê alguma apresentação na TV, ou então, vê algum filme, aí tem uma música legal e aí vai procurar mais, eu descubro música assim. Então, alguns anos atrás, assistindo filme mesmo. Há uns 3 anos, eu acho. Mas assim, é bem aleatório, não é uma coisa, realmente eu não sou fã, é uma coisa mais aleatória mesmo. Eu conheço algumas músicas, que leva a conhecer outras, e assim vai.

P: Então você não teve influência familiar? Foi uma coisa mais...?
R: Foi uma coisa mais própria, às vezes de amigos também, mas... É... E também eu acabo conhecendo muitos artistas, por exemplo, quando um artista que eu gosto fala que admira outra pessoa, outro artista, então isso me leva a conhecer esse outro artista, sabe? As influências que influenciaram os artistas que eu gosto. Então acho que isso é o que mais me influência na hora de conhecer artistas novos pra mim. Então, por exemplo, em casa eu não recebi esse tipo de influência musical assim, não muito, foi mais uma coisa que eu...

P: Seus pais não gostavam desse estilo?
R: Não, não. Normalmente quem é fã é porque tem influência dos pais, de alguém dentro de casa, que às vezes até tem os CDs e tal. Mas, no caso, não foi assim, foi uma coisa mais própria mesmo.

P: Então, nesse caso, os artistas atuais às vezes acabam fazendo você descobrir os do passado?
R: Sim, acho que essa é a principal ponte, pelo menos pra mim, que me faz ter mais curiosidade sobre esses artistas do passado.

P: Você assim se emocionou no show? Se sim, por que que você acha que você se emocionou?
R: Sim, eu me emocionei. Porque é... A mobilização das pessoas foi muito grande, eu acho que o show em si teve momentos muito emocionantes, por exemplo, é... Quando... Na canção "Let It Be", que as pessoas fizeram umas movimentações na internet de, por exemplo, é... "Blackbird" é... As pessoas levaram balões pretos, ou então "Valentine" levaram balões vermelhos e tal... E aí em "Let It Be", teve uma mobilização, e essa outras que as pessoas levaram cartazes e tal, foi uma coisa mais de quem tava lá na frente, eu fui de arquibancada, então. Mas em "Let it be" tinha a mobilização de todo mundo acender a luizinha do celular, que antigamente era o isqueiro e hoje em dia todo mundo acende a luz do celular. Então, foi uma coisa que todo mundo pôde participar, foi uma coisa que todo mundo pôde participar, sabe? Então, o estádio inteiro iluminou com as luzes e foi muito bonito mesmo, foi bastante emocionante e também é... Na música "Live and Let Die" que teve os fogos de artifício, foi muito legal também, foi bastante emocionante.

P: Então você se emocionou mesmo?
R: Eu me emocionei mesmo, eu fiquei impressionada assim, acho que até uma semana depois do show eu fiquei meio encantada mesmo, sabe? Cê fica meio lembrando mesmo e tal. Isso eu percebi com outras pessoas que também foram ao show, elas ficaram meio extasiadas assim, foi, tipo, uma semana até volta ao normal porque foi bem numa segunda-feira, sabe? Eu estudei o dia inteiro e trabalhei dia inteiro, mas aí a noite parece que tudo parou e aí foi aquele momento assim que ficou... Parece que tava todo mundo meio flutuando mesmo, foi muito legal o show dele.

P: Desses artistas antigos como o Paul, tem outros artistas que você gosta?
R: Cara, assim... Não muito, normalmente eu gosto bastante de quem ainda faz alguma coisa, por exemplo, Paul MacCartney ainda tá na ativa e tal. Eu gostava muito, eu gosto ainda muito de R.E.M. que é uma banda dos anos 80, mas eles ainda tavam na ativa até acho que 2011. Mas a maioria dos artistas que eu gosto mesmo são artistas atuais, as vezes conhece uma música ou outra que é... "Eternity" dos Guns N' Roses, tem algumas músicas que são eternas, mas eu conheço mais os clássicos mesmo, não sou fã, nem de escutar a discografia toda assim, não.

P: Artistas dos anos 80 também vale, considerando que a gente nasceu na década de 90.
R: É, eu nasci em 90.

P: Mas então você até gosta de algum artista mais antigo, como da década de 80, se ele ainda estiver na ativa? Você começa a ouvir e acaba conhecendo as mais antigas?
R: É porque você conhece mais e aí ouvindo as mais antigas, mas porque ainda tá na mídia e tal. Normalmente é isso que acontece, mas todo mundo conhece, sei lá, alguma música dos Ramones, alguma coisa assim, mas é uma música ou outra, sabe? Só as mais famosas mesmo, não...

P: Não é aquela coisa de olhar seu computador e as pastas estarem cheias de músicas antigas?
R: Não é cheio...

P: Não vai estar cheio de artistas antigos?
R: Não vai achar.

P: Você gosta das músicas das décadas passadas, 60, 70 e 80? Se sim, por que você gosta e o que você sente quando você ouve?
R: É o que eu tava te falando assim, é... Às vezes a gente ouve uma música ou outra, mas não é um hábito meu. Por exemplo, se você for olhar meu celular não vai ter músicas antigas. Mas de vez em quando sempre tem também artistas brasileiros, às vezes Legião, é... Mas, por exemplo, as músicas do Legião que eu mais conheço são as músicas que o Capital Inicial ainda canta, entendeu? Não é... É raro pra mim pegar uma discografia do Legião e ouvir, ou então um artista mais antigo mesmo. E as músicas que a gente conhece é mais pela história mesmo, às vezes, até na aula de História mesmo, alguma música do Chico Buarque, Caetano Veloso, mas é... Realmente eu mais escuto artistas atuais.

P: Então quando você ouve uma música antiga você não tem uma sensação diferente de quando você ouve uma música atual?
R: É diferente, até porque era tudo diferente né, as vezes, é... Eu acho legal também prestar atenção na letra e no contexto histórico, eu acho que eu olho pras músicas antigas com esse olhar assim mais distante mesmo. Porque era uma outra época, então as músicas atuais, às vezes cê ouve porque é legalzinha, mas quando cê vai ouvir uma música mais antiga cê tenta prestar atenção mais na letra, ou então, às vezes, até tentar saber o contexto que ela foi escrita, eu acho que é legal por causa disso também.

P: Você até mencionou o Legião Urbana, tem algum artista brasileiro mais antigo, anos 80 por exemplo, outros que você gosta ou também é do mesmo jeito dos internacionais, mais coisas atuais?
R: Eu acho que da mesma forma, eu... É... E há o movimento dos artistas brasileiros mais nessa época, na época da ditadura tem muitas músicas que você pode ver e ver o contexto histórico nítido ali naquela música, eu acho que isso é muito legal, mas igual eu te falando, eu não ouço esse tipo de música porque eu gosto, tipo tô em casa e vou ouvir, às vezes você ouve mais pelo contexto histórico mesmo do que qualquer outra coisa.

P: Você gosta de música atual. O que de música atual que você gosta?
R: Eu gosto de, na verdade eu gosto, eu acho que é até uma coisa ruim, mas eu escuto mais de artista internacional do que nacional. É, eu gosto muito de rock, rock britânico, indie rock, eu gosto de pop também, às vezes um pouco de hip hop, é isso eu acho.

P: Você acha que a música atual, em algum aspecto, se a gente comparar com a música de antigamente, você acha que a música atual chega a ser de menor qualidade? Ou você acha que é de maior qualidade?
R: Olha, é... Eu não entendo nada de música assim, eu ouço a música que eu gosto e a que eu não gosto eu não ouço, então pra mim é... Questão de qualidade mesmo é difícil pra analisar, mas eu acho que se...

P: Outra forma de perguntar seria assim: Você acha que um ou outro é melhor?
R: Mas eu acho que a música de hoje em dia é feita pra quem vive no dia de hoje, entendeu? Quando você escuta uma música de antigamente, cê ouve porque conta uma história e tal, mas não é pra você, tipo, as músicas de hoje em dia são feitas pros jovens de hoje em dia, então eu acho que é mais fácil ouvir as músicas de hoje, até pelo acesso e também pela mídia, mas é feita de uma forma diferente, é feita pro mundo de hoje e pro jovem de hoje, então, às vezes até é dificil pra uma pessoa mais velha entender e gostar das músicas de hoje em dia acho que até por isso, acho que por isso que eles falam muito que a música de hoje em dia não é tão boa como a de antigamente, mas eu acho que é porque é feita pra uma outra geração, então eu acho que se você procurar e tal vai encontrar música de qualidade. Claro que tem música ruim, mas eu acho que naquela época também devia ter, mas as músicas que ficam são as músicas boas, sabe? As músicas que a gente conhece hoje são as músicas boas do passado, porque as músicas ruins do passado se perderam no tempo. Então eu acho que sempre vai ter música boa e música ruim, mas depende do gosto mesmo.

P: Teve o filme "Somos Tão Jovens" sobre o Renato Russo e Legião Urbana, tem agora o "Faroeste Caboclo". Queria saber se você foi ver algum desses ou teve vontade, ou não?
R: Eu tive vontade, mas eu não fui assistir nenhum. Na verdade, eu acho bem legal esses filmes porque realmente trazem um pouco mais pra perto da gente, mas eu não fui porque, sei lá, o tempo passou, eu acabei não indo, mas, por exemplo, o filme do Cazuza é bem legal. E como eu tava te falando, eu comecei a ouvir Beatles por causa de um filme que chama "Across the Universe" que é tipo um musical que fala, não sei se cê já assistiu,

é depois se cê procurar é tipo um musical e aí os atores vão cantando, ele é todo feito com músicas dos Beatles, e aí é na época dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã, é bem legal o filme e ele trouxe pra mim essa curiosidade de ir atrás, de ouvir mais esse tipo de música, porque assim cê sempre ouve "Ah, os Beatles não sei o que", mas eu nunca tinha tido a curiosidade mesmo de ouvir, sabe? Eu achava que era meio lá, sei lá, mas depois que eu vi o filme eu vi que era legal e aí eu tive essa curiosidade de ir atrás, então eu acho que esses filmes são muito legais pra essa nova geração, pra poder conhecer mesmo e entender mais o contexto histórico do que que tava acontecendo e ter curiosidade de ouvir essas músicas que também são bem legais.

P: Então você gosta desse estilo de filme que aborda um pouco o passado?
R: Eu gosto, gosto bastante.

P: Mas você gosta de filmes antigos também ou você gosta de filmes atuais que abordam o passado?
R: Eu acho que... Na verdade filmes antigos é... Pra cinema eu sou menos curiosa do que pra música, então filmes antigos dificilmente eu assisto, eu gosto de um ou outro, mas dificilmente eu assisto filmes mais antigos. É... Muitas vezes se for um remake, por exemplo, "O grande Gatsby" já foi feito várias vezes e agora tá no cinema, eu vi o novo e aí já me despertou a curiosidade de ver as versões anteriores, sabe? Então eu acho isso vai... Essas atualizações podem despertar a curiosidade das pessoas em procurar as versões mais antigas, que é bem legal.

P: Você falou que até sentiu vontade de ver o "Somos Tão Jovens" do Renato Russo. Essa vontade é por causa disso que você falou, de ver o contexto da época, como que aconteceu?
R: Com certeza, porque querendo ou não ele faz parte da história do país mesmo, sabe? As músicas dele que a gente ouve até hoje são referência. Então, ele foi um cara muito importante e... E é por curiosidade mesmo, por vontade de saber um pouco mais, eu acho que o filme é uma forma bem fácil de você conseguir entender um pouco mais, que acaba acontecendo.

P: E foi também por esse motivo que você assistiu o “Cazuza”?
R: Foi. Também.

P: Você acha que alguma outra coisa, tirando a música, algum aspecto de antigamente, você acha que era melhor do que hoje?
R: Algum aspecto de antigamente?

P: É, culturalmente, comportamento dos jovens, não sei?
R: Olha, eu acho que eu sou um pouco suspeita pra falar porque pra mim, tipo eu não queria ter nascido em outra época. Muita gente fala que queria ter nascido em outra época e tal, mas pra mim essa é a melhor época pra se viver, pela internet, por tudo que tá acontecendo, eu acho que toda época vai ter seus problemas, vai ter as guerras e tudo mais, mas eu acho que o que os jovens lá de trás lutaram pra gente ter hoje, pra gente ter a vida que a gente tem hoje, eu acho que a gente tá melhorando. E eu sempre cresci ouvindo que os jovens de hoje são acomodados e não sei o que, e agora tá tendo todos esses protestos e tudo isso no país inteiro, e eu acho que isso realmente é uma mudança e aí as pessoas tão começando a provar que a nossa geração não é tão alienada assim, e eu acho que até pra ser jornalista e tudo mais hoje é a melhor época que existe, sabe? A internet com essa... É... Nova informação, por exemplo, se eu quiser me informar mais sobre os Beatles eu vou na internet, eu baixo toda discografia, em um dia eu já sei tudo, sabe? É um acesso muito fácil à informação e eu acho que isso é o mais legal. Então, eu não sei se antigamente era melhor, mas eu gosto muito de viver nessa época que a gente vive hoje.

P: Então você não tem aquela visão igual muita gente tem de que o passado era melhor?
R: Não, não.

P: Mas você já sentiu vontade de ter vivido em outra época e por quê?
R: Ah, eu... É eu gosto, tipo assim, é... Por exemplo, a moda era muito legal, as músicas e tudo mais, mas hoje em dia cê tem essa liberdade, por exemplo, a moda, se você pensar moda dos anos 60 cê tem uma coisa, um ideal na sua cabeça, mas hoje em dia tem gente que se veste meio anos 60, tem gente que se veste meio punk, sabe? Não tem essa... Esse... Como se diz, esse padrão, sabe? A pessoa, ela meio que tem a liberdade de se vestir do jeito que quiser e escutar o que quiser, e eu acho que isso é muito legal da época que a gente vive hoje, então eu não tenho muito isso não.

P: Só, assim, uma coisa assim que eu queria perguntar por fora é que assim, cê até comentou comigo no Facebook. É, depois do show do Paul é que parece que você se interessou mais. Não foi algo assim? Pelas

músicas dele e tudo mais? Que você até comentou comigo que parece que você foi atrás das músicas e tal, porque dele mesmo você conhecia pouca coisa, ou não assim?
R: Então, é... Com certeza depois do show, é... Eu continuei escutando, sabe? Eu comecei a... Eu confesso que lá no show eu não sabia cantar todas as músicas e tal, então depois do show eu fui atrás, eu procurei escutar mais e tal, e foi bem legal por isso também, sabe? Eu procurei conhecer mais mesmo, porque, igual eu te falei, foi muito bom o show, foi muito emocionante e tal, então realmente depois do show eu tive essa curiosidade, essa vontade de saber mais.

P: Acabou que a experiência do show, de certa forma, te despertou mais interesse no trabalho dele, não foi?
R: Sim, com certeza.

Entrevista com I.M., 24 anos, estudante de Publicidade e Propaganda, sexo feminino:

P: Por que você foi no show? O que que te fez ir?
R: Eu fui porque eu acho que foi uma oportunidade única, não acredito que ele volte aqui em Goiânia apesar do show ter rendido muito. Ele sempre comenta sobre o show daqui porque teve o louva-deus que ficou. Mas eu acho que foi uma oportunidade única ver os ídolos que eu não, um dos ídolos que eu imaginava que eu nunca veria na minha cidade. Ele já veio aqui no Brasil, já tem uns três anos que ele vem direto, mas eu não tenho condições de ir nas outras cidades. Então, por isso que eu quis ir aqui em Goiânia, achei uma oportunidade única.

P: Você se considera uma fã do Paul McCartney?
R: Eu sou mais fã dos Beatles em si, não só do Paul, do trabalho dele com os Beatles, não unicamente do artista Paul McCartney. Acho que depois do show eu me tornei mais fã dele do que eu era antes.

P: Há quanto tempo você é fã, no caso, dos Beatles? Há quanto tempo você gosta deles, acompanha o trabalho?
R: Eu sou fã dos Beatles deve ter uns... ah, acho que uns 8 anos já que eu acompanho, que eu descobri o que era Beatles e tinha idade o suficiente pra entender o que era a música, coisas assim. Inclusive eu aprendi inglês estudando as letras dos Beatles, muita coisa que eu sei.

P: Mas foi alguém que te mostrou os Beatles ou foi sozinha que você descobriu?
R: Foi sozinha mesmo, assistindo MTV, que as vezes ele falavam, aí a partir disso eu ia pesquisar, ouvir músicas, assim.

P: Você lembra mais ou menos que idade você tinha?
R: Então, eu acho que eu tinha uns 16 anos mais ou menos.

P: Adolescência então?
R: É, uhum.

P: 16 anos mais ou menos?
R: É, mais ou menos...

P: Então foi a MTV?
R: A MTV.

P: Então nenhuma pessoa da sua família gosta de Beatles?
R: Não, minha família não é muito ligada em música. Meus pais, eles não são muito ligados em música. Então eu aprendi mesmo, tudo que eu gosto, eu aprendi sozinha.

P: Você se emocionou no show?
R: Sim.

P: Muito?
R: Sim, em algumas partes sim. Depende das músicas né, se foram as músicas que eu mais gosto. Inclusive eu me emocionei numa musica que é só do Paul McCartney, que não é dos Beatles, que eu gosto muito.

P: E por que você acha que você se emocionou?
R: Igual eu falei, porque foi único sabe? Eu tá vendo alguém que eu via na televisão, eu não imaginava que eu ia tá lá vendo ele, é, pessoalmente.

P: E o que cê achou assim do show?
R: Foi... fantástico. Nunca fui, eu não fui em muitos shows na minha vida, mas esse foi o... o mais especial até agora.

P: Desses artistas mais antigos, tem outros artistas que você gosta?
R: Eu tava até comentando, eu gosto de Raul Seixas, eu gosto muito da Madonna, que ela começou antes de eu nascer, apesar de eu já ser velhinha, mas... Deixa eu ver... Eu gosto dos Rolling Stones também. Essas bandas, bandas que os artistas já morreram, tipo Nirvana; uma que não é muito conhecida que chama Joy Division que eu gosto, que o Ian Curtis morreu, quase não durou a banda né, mas o que durou já é o suficiente pra ter sido boa. Hum... Deixa eu ver qual mais... É difícil ir lembrando assim quando a gente tá, mas eu gosto de muitas bandas antigas. Geralmente eu escuto muito com o meu namorado, ele gosta muito de bandas mais antigas, tipo David Bowie, artistas né no caso né, David Bowie, Iggy Pop, essas coisas também.

P: Eu ia te perguntar se você gosta das músicas das décadas passadas, tipos anos 60, 70 e 80. Mas você já disse que gosta. E por que você gosta dessas músicas mais antigas? O que que você sente quando você ouve?
R: Eu acho que elas era mais simples, não eram tão remixadas igual agora, era só a letra, uma letra simples, a melodia básica, nada demais e mesmo assim ela era, eu acho ela mais especial de uma certa maneira do que as músicas de agora. Uma coisa que eu sou muito ligada também é filmes dos anos 80. Então os filmes tinham muita trilha sonora que eram bem marcantes. Eu sou viciada em filmes dos anos 80, então as músicas dos anos 80, o rock, o pop, eu gosto muito. É, Footloose, Flashdance, essas coisas, eu gosto muito.

P: Mas o que é que você sente quando você ouve músicas antigas?
R: Eu sinto, não é a saudade porque eu não vivi nessa época, sinto vontade de ter vivido a época dessas músicas, de ter estado lá, ter ido no show, ter sentido aquela novidade “nossa, tá saindo essa música”. Porque era bem mais difícil antigamente né, cê não tinha tanta facilidade igual agora. Então cê tinha que esperar pra sair o disco, cê comprar o disco.

P: Você falou de saudade. Então você não sente essa nostalgia não?
R: Eu não sei se é o correto eu dizer nostalgia porque eu não vivi esse tempo né. Mas eu sinto vontade de ter estado lá.

P: Você também gosta da música atual? Se sim, o que?
R: Eu gosto, eu sou bem eclética com música, mas preferencialmente rock e pop. Eu gosto desde de Lady Gaga até bandas de metal que eu escuto. Eu gosto de música mais... eu não gosto de música eletrônica, que é o que eu não gosto, mas o estilo mais calmo, tipo Lana Del Rey, Florence eu também gosto, eu sou bem eclética. Eu não gosto, ultimamente eu não me apego a artistas, eu me apego a músicas, então eu posso gostar de uma música só de um artista e de três de outros, mas eu não sou fã desse artista, eu sou fã da música.

P: Mas você gosta mais de músicas antigas ou é meio a meio entre músicas antigas e atuais?
R: Ah, é meio a meio. Tem músicas que fizeram parte mais da minha infância, que eu até hoje escuto, tipo Spice Girls que eu escuto até hoje. Umas que fizeram mais parte da minha adolescência, que é 'N Sync, que eu adorava. E assim, tem essas que vão aparecendo agora, os artistas que a gente vai conhecendo e vai gostando. Assim, eu sou eclética até em tempos de músicas, eu escuto Pink Floyd, anos 70, e depois eu vou e escuto uma musica que saiu esse ano.

P: Então você não é daquelas pessoas que são meio fissuradas em música antiga não?
R: Não.

P: Você é bem eclética?
R: Mas eu gosto muito de musica antiga, mais de musica antiga do que das atuais.

P: Então você gosta mais das antigas?
R: Mais. Só que eu não me apego só a elas né, eu me abro também.

P: E a década preferida é anos 80?
R: É anos 80.

P: Mas você ouve 60, 70, 90?
R: Depende da música né.

P: Se a gente for comparar com a música de antigamente, você acha que a música atual é de menor qualidade?
R: Eu acho que não, eu acho que é meio preconceituoso falar isso. Até teve uma discussão na aula de Teoria da Imagem sobre musica, que uma colega falou que as músicas atuais estão decaindo. Mas não é assim, eu acho que os gostos vão mudando. Tão sendo criados novos estilos musicais, que não existiam antes, que agora um estilo ele vai saindo e virando vários outros estilos. Mas eu não acho que ela seja melhor, que a musica antiga seja melhor ou pior do que a atual, acho que são diferentes. Realmente tem musica, se for comparar, as músicas antigas tinham uma qualidade porque era tudo mais difícil de ser feito, não tinha tanto remix, Auto-Tune, aquelas coisas todas. Só que agora com os recursos, mesmo não sendo, as vezes atrapalhando, eles também ajudam, sabe? A tornar a música diferente, até boa.

P: Então você não vê a música atual como inferior a de antigamente?
R: Não, não acho que seja inferior não.

P: Teve o filme "Somos Tão Jovens" sobre o Renato Russo e o Legião Urbana. Teve também o "Faroeste Cabloco". Você foi ver algum desses ou se interessou em ver?
R: Eu gosto muito de assistir biografia só que eu não to tendo tempo nenhum de ir ao cinema. Eu queria ter assistido "Somos Tão Jovens", só que eu não pude ir. "Faroeste Cabloco" eu não tive muita vontade de ir, achei, não sei, sabe? Eu não gosto muito dos atores que tavam fazendo o filme, aí eu fiquei meio incomodada, não quis assistir, mas o "Somos Tão Jovens" eu queria ter assistido, infelizmente eu não tive tempo.

P: Por que você queria ter assistido?
R: Porque eu gosto de biografias, eu tinha assistido a do Cazuza, gostei bastante, e de artistas também internacionais, tipo, "Ray" do Ray Charles, "Johnny e June" que é do Johnny Cash, que é outro artista que eu também gosto muito que é das antigas. Só que eu não tive é..., o problema foi o tempo mesmo porque eu acho legal a gente conhecer a trajetória do artista, vê como que começou.

P: Mas então você teve vontade de ver não foi por um apego ao Legião Urbana, ao Renato Russo, às músicas dele não?
R: Não. Eu gosto, eu escuto as músicas do rock nacional, das poucas é, algumas músicas que eu gosto são do Legião Urbana. Só num, é..., eu quis assistir mesmo só pra conhecer mesmo, porque assim eu não sou fã, fã não.

P: Você acha que alguma outra coisa, fora a música, era melhor antigamente?
R: Ah, eu acho. Eu queria ter vivido antigamente, as coisas eram bem mais fáceis. Eu sempre fico me imaginando naquela época. Igual eu falo, eu escuto as músicas eu fico querendo ter estado lá. Era tudo mais fácil. Os ritmos eram fáceis de dançar, era mais bonita, roupa. Cultura era completamente diferente, apesar de pra mulher ser mais difícil antigamente, que até hoje ainda é difícil pra gente, mas eu queria ter vivido mais naquela época do que agora, eu sempre penso isso.

P: Você acha que alguma coisa do comportamento também era melhor?
R: Eram. Acho que as pessoas eram mais respeitosas umas com as outras.

P: E culturalmente você também acha que era melhor?
R: É cultura... as pessoas defendiam mais suas culturas. Agora, com essa globalização, internet, a gente não sabe mais o que é a cultura de cada um né.

P: Você acha que a produção musical também era mais interessante?
R: Eu acho que antigamente eles faziam músicas por fazer musica, não era só comércio, por dinheiro, faziam porque gostavam. O dinheiro vinha depois.

P: Você já sentiu vontade de ter vivido em outra época e por quê?
R: Já. Sempre sinto assim assistindo um filme, ouvindo musica. Eu sempre fico imaginando mesmo. Eu, as vezes eu acho que eu devia ter vivido nessa época, não agora. Porque eu sou muito, é... não sei, eu imagino, eu sou muito sonhadora, fico imaginando. Porque é um coisa, eu devia até ter comentado antes, é que eu vou lembrando, eu sou muito apegada a filmes, eu sou mais de filmes do que de musica, por exemplo. Só que eu gosto de musicais, aí eu gosto de musicais antigos. Então eu assisto, tipo, "Cinderela em Paris" ou "My Fair Lady", eu gosto de assistir e aí eu fico me imaginando naquilo lá sabe? Eu sou muito apegada, eu devia ter falado que eu escuto músicas de musicais no meu celular sabe? Eu tenho essas músicas, que eu não conheço uma pessoa que seja, eu me acho até um pouco estranha porque eu não conheço gente que gosta igual eu gosto de assistir e de escutar as músicas, eu acho. Eu devia ter falado isso antes, mas.

P: Não, não tem problema não. Mas então você gostaria de ter vivido em outra época pra ver isso que você assiste.
R: É. Porque igual a gente só vê né. A gente não vê, não sente o que que é.

P: E, além disso, você acha também que era mais simples viver?
R: É.

P: O show do Paul pra você foi mais uma forma de ter um contato com o que restava dos Beatles?
R: É, foi. Porque o meu Beatle favorito era o George Harrison, só que ele morreu. E, tipo, ele também, ele não era tão famoso quantos os outros, por isso que eu gostava dele, porque ninguém gostavam dele. Aí eu ficava imaginando ir no show pra ver ele. Mas, tipo, o Paul McCartney é o mais perto que eu vou ter de ter visto o George Harrisson, e os Beatles em si né, todos eles. Aí foi especial pra mim por isso, por uma coisa que eu nunca imaginei que eu veria, mesmo ele fazendo show aqui no Brasil, ter ele assim ó (gesto com as mãos) pertinho de mim, escutando a música real sabe? A voz dele meio assim, sem nada, foi muito especial. Eu fui num outro show também que é mais apegado ao passado que é da Alanis Morissette que foi aqui em Goiânia. Eu to tentando aproveitar todas as oportunidades. E aí também ela fez muito sucesso nos anos 90, eu era criança, não gostava, mas eu fui só pra poder falar "Eu fui num show, eu conheci", sabe? Esse ano também eu quero ir no show do Stevie Wonder também que vai ter em Brasília, que é algo também que eu não imaginava que eu poderia ver. Eu posso ver né, posso tá lá. Eu acho importante, não só de ver o artista que você gosta, mas como experiência também. E também eu poder falar pros meus filhos e pros meu netos "Olha, eu fui lá! Eu assisti, eu vi o Paul McCartney", porque ele já não vai estar mais vivo né. Então eu posso falar isso. Foi muito especial pra mim o show.

P: Você então não é muito fã do trabalho solo do Paul McCartney?
R: Algumas músicas. Igual eu falei, eu não sou muito apegada a artista né, eu gosto mais de músicas. Eu gosto das do The Wings né, que ele cantava junto com a mulher dele, então tem algumas músicas.

P: Eu fiquei sabendo que ele tocou muitas músicas dos Beatles no show. O que significou pra você ele ter tocado as músicas dos Beatles? Como foi isso?
R: Ah, foi muito especial assim, que foi "Nossa, não to acreditando que eu to ouvindo". Tipo, ele foi dividindo, ele tocou algumas músicas, ele tocava umas três dos Beatles, uma dele, duas do The Wings, que era a outra banda que ele teve, e aí ele ia intercalando, mas era visível que todo mundo se emocionava muito mais quando era musica dos Beatles, porque tem toda uma história né por trás dos Beatles. Pessoa fica com saudade do John e ele homenageava, por exemplo, teve uma hora que ele homenageou o John Lennon, aí ele falava "Essa é pro meu amigo John", aí teve uma hora que ele homenageou o George Harrisson, aí cantava pra ele e tal, as músicas que eles escreviam, no caso. Aí foi muito bonito o show.

Entrevista com S.C., 20 anos, estudante de Direito, sexo masculino:

P: Por que você foi ao show? O que te fez ir?
R: Eu sempre gostei muito de Beatles, desde de pequeno assim, meus pais colocavam, meu padrinhos. É o tipo de musica que eu gosto mesmo, assim um rock leve. E enfim, a possibilidade de conhecer um Beatle aqui em Goiânia né, não precisar sair pra, por exemplo, São Paulo, Rio, que é onde esse tipo de show acontece, eu acho que foi uma oportunidade única, então isso me motivou muito a querer ir, sem falar o preço que tava em conta pelo tipo de show, que tem artista brasileiro que as vezes vem pra cá e cobra muito mais caro do que ele que cobrou assim relativamente barato pra um show aqui em Goiânia.

P: Então, no caso, teve influência familiar?
R: Teve.

P: Você ouvia desde criança? Seus pais já gostavam de Beatles?
R: Sim, sim. Principalmente meu padrinho, a gente sempre foi muito próximo, e aí ele sempre colocava assim as músicas mais famosas mesmo, "Hey Jude", "Let It Be", e aí eu sempre acompanhei e sempre gostei muito.

P: Você se considera um fã do Paul McCartney?
R: Eu não conheço muito o trabalho dele, só dele mesmo, fora dos Beatles. Tanto é que no show as músicas só dele, eu praticamente eu não conhecia nenhuma, só acho que "My Valentine". Então assim dele especificamente não, dos Beatles com certeza.

P: Mas dos Beatles você se considera um fã?
R: Dos Beatles, com certeza. Não o fã número um que conhece todas as letras, mas eu gosto, curto ouvir.

P: Desde de criança?
R: Desde pequeno, é.

P: Você lembra mais ou menos com que idade você começou a ouvir Beatles?
R: Então, desde que eu era pequeno o meu padrinho sempre colocava muitas essas músicas. Eu falo ele porque ele que sempre foi mais ligado com musica. Meus pais também colocavam, mas nem tanto. Agora, um momento assim, eu lembro de, talvez, a memoria mais antiga é uns 10 anos mais ou menos, por aí. Mas eu tenho certeza que antes eu já deva ter ouvido alguma coisa com eles.

P: Mas a que você lembra mais conscientemente?
R: É. Eu lembro assim, do meu pai, por exemplo, acho que eu tinha uns 11 anos, ele colocar "And I Love Her", assim, sonzinho durante a viagem, por exemplo.

P: Mas o principal foi o seu padrinho, então?
R: É, eu acho que teria sido ele.

P: Há quanto tempo você é fã dos Beatles e acompanha o trabalho?
R: É. Não propriamente acompanhar o trabalho porque o trabalho deles acabaram.

P: É porque a pergunta era sobre o Paul, mas como você mesmo falou que não acompanha o trabalho dele, no caso dos Beatles, você gosta desde a infância?
R: Sim. Pelos trabalhos mais famoso.

P: E depois que os Beatles acabaram você não passou a acompanhar o trabalho de nenhum dos que restaram, de nenhum a solo?
R: É, eu já ouvi algumas coisas, mas assim eu não saberia citar músicas, letras, mas eu já ouvi vídeos assim no Youtube, por exemplo. Mas coisas, coisas esparsas.

P: Você se emocionou no show?
R: Sim, com certeza.

P: Muito?
R: Sim, até por ter alguns momentos.

P: Por que você acha que você se emocionou?
R: Bom, eu acho que tanto por trazer a tona assim esse sentimento de todo mundo junto cantando, isso traz uma emoção muito grande quando, por exemplo, quando ele cantou "Eleanor Rigby" eu nossa! Fiquei extasiado assim, realmente muito emocionado. Eu acho que é por isso mesmo, sabe? Pela emoção da gente todo mundo junto cantando aquilo e vivendo aquilo, "Let It Be" também, que é aquela musica que fala mesmo dessa, de alguma forma tá falando dessa união, e todo mundo ali junto cantando, acho que isso traz uma emoção muito forte. Se deve a isso.

P: Eu fiquei sabendo que ele tocou mais músicas dos Beatles do que dele, não foi?
R: Sim. Sim, foi.

P: E o que isso significou pra você?
R: Uai, eu consegui acompanhar melhor o show, pra começar né porque, como eu disse, eu conheço mais o trabalho dos Beatles, o dele eu quase não conheço. Aí foi muito bom, muito gostoso ouvir, ser embalado por aquelas músicas e assim, eu posso dizer também pelo meus amigos, a maioria deles também conhece mais o trabalho dos Beatles do que do Paul, então foi legal porque todo mundo pode cantar junto e quase todos juntos.

P: O fato de ele ter cantado mais músicas dos Beatles também ajudou nessa questão da emoção? De vocês terem se emocionado tanto?
R: Sim. Teve músicas só dele que ele cantou que eu achei bonitas, mas não teve o mesmo peso eu acho.

P: Tem outros artistas de antigamente que você gosta?

R: Tem. Eu gosto muito da musica brasileira de 60 né, da Bethânia, da Gal, do Caetano. São os artistas que eu gosto muito.

P: Desses artistas de antigamente, você gosta mais de artistas brasileiros, ou internacionais também?
R: Não, eu gosto também de alguns artistas internacionais de antigamente. Mas assim, mais brasileiros sim, até porque é mais próximo da nossa cultura. Mas assim, alguns estrangeiros também, Sinatra, a Nina Simone, certo.

P: A década que você mais gosta é década de 60?
R: 60 por aí, aham.

P: O pessoal fala do rock brasileiro dos anos 80, você não é muito ligado a ele não?
R: Não, eu gosto um pouco, eu gosto de Legião, Engenheiros eu gosto mas não conheço tanto, já Legião eu conheço bastante assim.

P: Você tem mais ligação então é com a MPB dos anos 60?
R: Sim, sim, é muito mais o meu gosto.

P: Você gosta das músicas das décadas passadas, como a de 60. Por que você gosta?
R: Acho que também por causa um pouco dessa tradição familiar de também ouvirem isso, meu padrinho também ouvia muito, meus pais. Apesar de que assim eu ouvia muito quando eu era criança, eu passei um período assim sem ouvir muita musica, e aí eu fui voltar a ouvir e fui pesquisando algumas músicas desses artistas mesmo. E foi o que mais entrou em sintonia comigo, com o meu gosto mesmo.

P: Então esses artistas brasileiros dos anos 60 que você gosta também foi influência familiar?
R: Foi, foi. Tem alguma influência.

P: O que você sente quando você ouve essas músicas de antigamente? Como é a experiência musical?
R: Ah, é prazeroso, não saberia dizer muito bem. Eu gosto, quando eu ouço eu também não estou pensando assim "Ah, são músicas da década de 60", não necessariamente.

P: Mas e em comparação com a música atual? Você sente uma diferença quando você ouve?
R: Sim, sinto, sinto. Eu acho que, eu concordo que tem mais assim uma qualidade estética maior, sabe? Isso é algo que todo mundo assim observa e critica muito.

P: Te causa alguma sensação diferente, algum sentimento diferente quando você ouve uma música de outra época, ou não?
R: Depende do estilo da musica né, se for uma musica as vezes mais suave, mais romântica, a gente pode se emocionar, se for mais pesada a gente também fica mais agitado. Dança conforme a música por assim dizer.

P: E você gosta também da música atual? Se sim, o que?
R: Gosto, mas não ouço tanto assim.

P: Você tem preferência por músicas antigas?
R: É... artistas que também continuam cantando como esses que eu citei, por exemplo, Betânia, eu gosto muito da Betânia e acompanho o trabalho dela desde da década de 60 até os últimos cds dela.

P: Então a preferência seria por artistas que estão na ativa há muito tempo?
R: É, sim. Acho que seria isso.

P: Você acha que a música atual é de menor qualidade se a gente for comparar com a música de antigamente?
R: Eu acho que em relação ao meu gosto estético e tal, eu acho que sim. Mas, enfim, é uma manifestação cultural como outros e aonde isso vai dar a gente não sabe ainda. Mas acho que tem o seu valor nesse espaço que existe, nesse momento que existe, mas assim, não me agrada, não bate comigo, mas ok assim.

P: Por que não bate com você?
R: Não sei. Por exemplo, o sertanejo universitário eu não gosto, mas eu gosto, gosto de ouvir um sertanejo de raiz mais tradicional, eu não tenho problema, eu acho bom, eu acho que tem um expressão que realmente fala daquela população, daquele grupo que vivia naquela época. Enquanto que o sertanejo de hoje em dia, esse sertanejo universitário, eu acho bobo, eu acho que tá falando aquela mesma coisa, não sai muito disso. E como eu disse, aquele trabalho estético, artístico que num é muito forte.

P: Para você então a música antiga tem mais significado do que essa música atual?
R: Dependendo sim, não o significado, mas mais trabalho mesmo em cima daquela letra, com mais possibilidades e significação. Porque assim, eu acho que as letras de hoje em dia, não se baseia tanto nas letras as músicas, mas mais no ritmo, em comparação com as músicas de antigamente em que a letra tinha um peso muito mais forte, muito maior. Acho que é essa a diferença.

P: Teve o filme "Somos Tão Jovens" do Renato Russo e Legião, e teve também "Faroeste Caboclo". Queria saber se você foi ver algum desses, se te interessou?
R: Eu vi "Somos Tão Jovens", eu não vi "Faroeste", tô querendo ver, aliás. Eu vi, assim em relação a ter gostado eu não gostei muito, mas eu também eu tava com a expectativa de que fosse ser narrada toda a trajetória do Legião e toda a história do Renato, eu acho que muita gente também esperava isso. E aí como o filme tratou só daquele período de inicio ali da gênese da banda aí ficou um pouco preso aquilo, aí nesse sentido eu não gostei muito, mas foi legal pra conhecer a história do Renato e da banda.

P: Mas por que você se interessou em ir ver?
R: Eu acho que meu gosto por Legião. Basicamente é isso.

P: O fato de você ser fã?
R: É o fato de eu ser fã e querer saber as vezes que histórias que tem por trás de algumas músicas são apresentadas no filme, isso conta também.

P: Eu ia perguntar o que você achou do filme, mas você não gostou tanto, certo?
R: É, eu não gostei tanto.

P: Você acha que alguma outra coisa, além da musica, era melhor antigamente?
R: Não, eu acho que talvez algumas coisas sim, outras não. Eu acho que o tempo passa, as coisas mudam e a gente fica as vezes com essa sensação de perda de alguns aspectos positivos da sociedade, mas assim eu acho que a gente teve muito melhoria também, não é porque a musica em alguma medida pode ter um lado que decaiu que o resto da sociedade também decaiu. Eu acho que tem coisas positivas na arte de antes, no mundo, na sociedade, são mudanças naturais.

P: Não tem nada de comportamento, culturalmente, que você ache que era melhor antigamente?
R: Não. Algumas coisas eram muito especificas, os hippies na década de 60 assim, era um momento de efervescência elevado, e não significa que os hippies, por exemplo, hoje não vivem um momento bom, que não condiz com o tempo de hoje. Mas assim, naquela época era uma efervescência, por isso fazia muito sentido naquela época. Tipo, são manifestações que acontecem a cada época e são válidas naquele momento, mas não são melhores ou piores do que as de antes. Agora, o trabalho que elas fazem, os efeitos que elas causam, eles tem diferença de gradação.

P: Então você acha que da mesma forma que certos aspectos positivos se perderam, outros aspectos positivos também surgiram?
R: Isso.

P: Existe meio que um equilíbrio?
R: É, eu acho que é o processo histórico, é um processo natural isso. Ganham-se algumas coisas, perdem-se outras.

P: E você não acha que foi uma perda, do tipo que mais se perdeu do que se ganhou?
R: Não, não, é um processo natural mesmo. Acho que a gente não perdeu, como as pessoas as vezes acham.

P: A última pergunta é se você já sentiu vontade de ter vivido em outra época?
R: Por curiosidade sim. Gostaria de ter vivido em muitas épocas já né, pra ver como é que realmente as coisas funcionavam, porque só de ler nos livros de História, nos livros literários, de entrevista é uma coisa, outra coisa é viver aquele momento, sentir. Então eu teria interesse, não trocaria o mundo em que eu vivo propriamente, mas assim, realmente ver como é que funcionavam as coisas.

P: Por conta disso, por curiosidade?
R: Por curiosidade, interesse.

P: Mas a sua vontade era de voltar em um passado bem distante ou nesses passados mais recentes?
R: Ambos, ambos, conhecer como funcionava, como era na Grécia Antiga, como era o mundo em Roma, também como era essa efervescência cultural, Paris em 68, Brasil, tudo isso.

P: O fato de você ter assistido o show do Paul McCartney te fez ter mais interesse na obra dele? Depois que você assistiu o show você foi buscar alguma coisa só do Paul mesmo?
R: Sim, eu dei uma olhada em algumas coisas, mas também não aprofundei totalmente não na obra dele. Acho que porque eu ainda tava muito embalado por ter cantando no show eu fui atrás de ouvir mais algumas coisas dele e também dos Beatles.

P: Mas então não chegou a ser uma coisa muito forte, só te estimulou um pouco a abrir os horizontes?
R: Eu acho que é a nostalgia do show, acho que se deve mais a isso.

Entrevista com J.R., 24 anos, estudante de Psicologia, sexo feminino:

P: Por que você foi? O que te fez ir no show do Paul?
R: Ué Luana, quando eu fiquei sabendo que tinha o show do Paul McCartney achei que era uma oportunidade única. Cê imagina Paul McCartney em Goiânia? Uma coisa que eu acho que a gente nem imaginava assim. Então eu achei imperdível, achei que era uma oportunidade única.

P: Mas você se considera uma fã do Paul McCartney?
R: Não. Não sou, assim eu admiro o trabalho dele, mas assim eu não tenho nem disco dele em casa. Então eu admiro assim a história dos Beatles e tal né. Mas eu não sou fã dele.

P: E você se considera uma fã de Beatles ou também não?
R: Parece que é assim uma coisa muito mais por moda né e tal. Eu não conheço muito a obra dos Beatles, mas eu achei assim interessante ir lá conhecer um Beatle, ouvir, vê-lo pessoalmente né, num show dele. Foi muito mais isso que me motivou do que realmente... é... eu não fou fã assim, eu admiro, não sou fã.

P: Então mesmo você não sendo fã dos Beatles, o que te levou a ir no show é o fato do Paul ser um ex-Beatle?
R: Exatamente, é.

P: Do que ele por ele mesmo?
R: É, exatamente. Eu o reconheci como um dos Beatles muita mais do que como Paul McCartney.

P: Eu ia perguntar há quanto tempo você é fã , mas você mesmo falou que não é. Então há quanto tempo você conhece?
R: Assim, é, eu conheço os Beatles desde que eu nasci, meus pais ouviam Beatles assim.

P: Seus pais ouviam?
R: É. Aham.

P: E eles colocavam pra você ouvir?
R: Não, ouvia em casa, nada assim que me chamasse muita a atenção, mas eles ouviam assim muito os Beatles.

P: Não chegou a ser uma paixão compartilhada não?
R: Não, não.

P: Era uma coisa mais deles?
R: Era mais deles. Eles não propagaram isso assim, não passaram isso pra mim nem pra minha irmã não.

P: Mas eles eram fãs mesmo?
R: Eles gostavam assim, eles sempre gostaram muito de musica, musica popular brasileira e tal. E eu sempre me lembro deles ouvirem assim os Beatles né.

P: Você se emocionou no show?

R: Demais. Achei muito lindo o show.

P: Por que você acha que você se emocionou?
R: Eu acho que é a postura do Paul, assim ele me pareceu uma pessoa muito simples. Durante o show tinha muitas mariposas, muitos insetos, houve uma invasão de insetos assim no palco, e ele assim tratando, ele cantou algumas músicas com o louva-deus pousado no braço dele, o respeito dele assim. Achei ele uma pessoa muito simples né, por toda essa dimensão que tem a figura dele aí né, eu achei ele assim uma pessoa muito simpática, muito carismática. E aí quando passaram e tocaram aquelas músicas mais lentas né, "Let It Be", "Yesterday", acaba que isso mexe com a gente né.

P: E por que você acha que mexe?
R: Então, porque eu acho que tá nessa memoria meio afetiva assim né. É uma coisa que remete a gente a infância. Imagina, o Paul McCartney tá aí há quantos anos né? Querendo ou não, não tem ninguém que nunca tenha ouvido essas músicas e que não, não sei, foi muito lindo assim. E as pessoas acederam as luzes do celular, então assim, foi um momento muito bonito, muito emocionante mesmo.

P: Você gosta de outros artistas mais antigos?
R: Eu sou fã do Chico Buarque. Assim esses sim, meu pai e minha mãe assim, acho que minha mãe colocava pregado na barriga dela né as músicas. Então assim, é meio que eu já nasci fã do Chico Buarque. É... internacionais... não assim não. U2 minha mãe e meu pai curtem também, eu gosto muito. Mas assim não, acho que são esses assim dos mais antigos assim.

P: E brasileiro? Tem outros ou é mais Chico Buarque mesmo?
R: Assim, o ídolo é Chico Buarque, mas eu gosto muito do Gilberto Gil, gosto do Caetano, adoro a Bethânia também. Mas assim o top pra mim é o Chico Buarque.

P: E foi influência familiar?
R: Total, essa aí foi total.

P: Você gosta das músicas das décadas passadas, como 60, 70 e 80, de algum outro estilo, talvez? E se sim, por que você gosta?
R: Eu gosto muito das músicas dos anos 80 assim. Tanto as internacionais, eu não sou muito boa pra gravar nome assim dos cantores, mas eu gosto muito das músicas dos anos 80. Assim, acho que foi um período feliz assim das músicas né, são músicas que tocam até hoje, são conhecidas. Então eu acho que foi um período assim que a humanidade tava bem inspirada.

P: E qual estilo você gosta mais?
R: Ah eu gosto de música romântica, eu gosto de MPB, adoro MPB, gosto assim mais dessas músicas mesmo.

P: O que você sente quando você ouve essas músicas mais antigas?
R: Então, é isso que eu falo, parece que vem uma emoção mesmo assim né. São músicas que atravessam gerações né. Então eu imagino que essa coisa aí fica gravada em algum lugar na alma da gente, não sei.

P: Você também gosta da música atual? Se sim, o que, por exemplo?
R: Luana, eu penso assim que a música atual, claro, raríssimas exceções, a gente não pode generalizar nada né, claro que tem gente muito boa, que tem poetas né contemporâneos e tal, mas assim eu ando assim, eu tenho achado as letras muito pobres assim nessa geração atual né. Cê vê funk né, por mais que no funk eles tão sempre denunciando algum problema social, alguma coisa, as vezes a letra até que sai, mas assim sai algumas coisas. Mas eu tenho achado assim as letras muito pobres, não tenho achado que a gente tá num momento de muita inspiração não.

P: Você acha que a música atual é de menor qualidade, de alguma forma, se a gente for comparar com a música de antigamente?
R: Então, eu fico com medo de dizer isso assim, porque acho que de repente se generalizar a gente tá de desrespeitando alguns artistas. Mas no geral as músicas que tem tocado nas rádios, as músicas que tão aí despontando são músicas muito pobres né. Assim, é uma vulgarização sexual né, umas coisas assim que não me agradam muito não.

P: Teve o filme "Somos Tão Jovens" sobre o Renato Russo e Legião Urbana, e teve também "Faroeste Caboclo"...

R: Ai eu adoro eles. Esqueci de falar que eu gosto muito do Renato Russo.

P: Você gosta muito?
R: Gosto, mas eu não vi o filme.

P: Então rock brasileiro da década de 80 você gosta?
R: Gosto, eu gosto dos Titãs, gosto do Legião Urbana, gosto deles, gosto muito deles.

P: E o que você sente quando você ouve essas músicas do Legião, dos Titãs?
R: Ué, eu sinto uma admiração, eu sinto uma emoção boa dentro de mim assim, eu gosto, eu acho interessante. E aí se a gente for olhar as letras né, são letras que falam de alguma coisa, que assim tem uma mensagem ali, e que realmente são mensagens que vão ficar pra todo o sempre né, são coisas que foram criadas lá, mas que ainda são atuais né.

P: Eu falei dos filmes "Somos Tão Jovens" e "Faroeste Caboclo"...
R: Não vi nenhum Luana.

P: Não viu nenhum, mas você teve interesse de ver?
R: Eu quero assistir, mas ainda não priorizei isso.

P: Por que você quer assistir?
R: Por isso assim, eu admiro muito o Renato Russo, a história dele né. Um cara ali de pertinho né, de Brasília, e que conseguiu aí falar tanta coisa legal né, deixar tanta mensagem boa. Quero assistir pra realmente pra me enriquecer culturalmente.

P: Você acha que alguma outra coisa, além da música, era melhor antigamente?
R: Não, não sou tão saudosista assim não. Assim, eu tenho achado que os jovens hoje, os jovens sempre usaram drogas, as drogas sempre tiveram aí né, mas me parece que aumentou a oferta né, e aumentou é... como é que eu digo assim... antes eram menos drogas, hoje em dia cada vez existem mais novas drogas né, e isso me preocupa muito assim. Mais isso assim, eu acho que essa coisa assim, antigamente claro que a droga sempre existiu, mas parece que era uma coisa mais voltada pra, mesmo a busca social era meio que usado mais como uma rebeldia né, e eu acho que hoje a gente tem usado mais drogas mesmo assim por um vazio, alguma coisa né. Buscando alguma coisa que não tem aí fora né.

P: Mas então é só isso? Você não acha que algum aspecto comportamental, político, que alguma outra coisa antigamente era melhor?
R: Não, assim não, nada que me ocorre assim. Não, eu acho que, claro que as gerações passadas elas fizeram uma coisa que agora que a gente tá fazendo né, essas manifestações aí na rua, essa busca por uma politica mais justa né, denunciando esse sistema aí. Claro, salvo exceções, que no meio da galera que é séria, que tá realmente procurando um país melhor, tem sempre os vândalos que se aproveitam disso pra fazer baderna né. Mas assim eu acho que a gente tem que ser feliz com o que a gente tem agora né, não dá pra ficar achando que o passado foi melhor, o tempo é agora.

P: Você já sentiu vontade de ter vivido em outra época? Se sim, por quê?
R: Não. Não, não senti não, eu sou feliz com o que eu vivo hoje.

P: Nunca teve essa sensação?
R: Não, não, nunca tive.

P: Mesmo você não sendo fã, você acha que o fato de você ter crescido com seus pais ouvindo Beatles meio que te influenciou a ir no show? Pode ter alguma ligação?
R: Ah, claro né Luana. Assim, de alguma forma meus pais trouxeram, me apresentaram né os Beatles assim, e claro que eu fui porque amigos iam né, era uma noite especial pra nossa cidade e tal, mas é claro assim que a gente, tudo que a gente é tem a ver com o que a gente viveu né. Então acho que tem, com certeza, mesmo que tenha sido lá no fundo, houve influencia dos meus pais mesmo nessa minha decisão de ir no show.

Entrevista com S.L., 20 anos, estudante de Engenharia Civil, sexo feminino:

P: O que te fez ir no show do Paul? Por que você foi?

R: Por que que eu fui?

P: É.
R: É... tá. Primeiro: é o Paul McCartney. Eu acho que ele por si só é um show né, você vai querer ir a um show dele, ele é "o" nome, ele é "a" história. E, segundo: é porque eu sempre gostei dos Beatles, daí ele canta a maior parte do show dele são as músicas dos Beatles. E no fim das contas a gente descobre, foi o que eu descobri no show, que é não só as músicas dos Beatles que eu gostava, eram as músicas do Paul mesmo, da carreira dele solo e que canta com a ultima banda que ele teve. Que são músicas super famosas e a gente nunca, eu nunca tinha me tocado que são dele. Foi o que motivou, tipo, ele é um espetáculo, sabe? Isso a gente já sabe porque vê vídeo, essas coisas, então, ah, só ele mesmo. O artista, ele é um artista completo pra mim.

P: Então, o que te motivou a ir no show foi o fato de ele ser um ex-Beatle?
R: É e não é. Sim, porque, tipo, quem conhece o Paul conheceu porque conheceu os Beatles, não é? Mas eu admiro ele também. Ele é um artista fantástico, tipo, ele existe independente dos Beatles.

P: Mas você se considera uma fã dos Beatles?
R: Sim, sim, me considero uma fã dos Beatles.

P: E fã do Paul do McCartney na carreira a solo? Você se considera uma fã também?
R: Depois do show dele sim.

P: Depois do show?
R: Depois do show dele eu me considero.

P: Há quanto tempo você é fã dos Beatles?
R: Nossa... desde que eu escutei "Imagine", então foi... e nem é dos, é do John né, mas a partir daí que eu fui procurar e tal. E é há muito tempo, desde que eu era criança, então coloca aí mais de 10 anos.

P: Se você era criança, então foi alguém que te apresentou, certo? Quem foi? Os seus pais ouviam?
R: Gente, eu não lembro como foi. Assim, eu imagino que tenha sido na escola porque eu estudei no Externato São José e lá eles tinham esse trabalho com musica assim, sabe? Eu comecei a escutar MPB por causa da escola. Então eu acho que deve ter sido na escola que eu escutei "Imagine".

P: Então não foi uma coisa de convivência familiar com os Beatles?
R: Não, não. Aqui em casa, assim, meus pais gostam de musica, meu pai, ele fez assim, não fez musica, o curso, mas ele fez, ele fez aula de violão, por exemplo. Enfim, eles tem uma educação musical bacana e tal, e eles pasS.L.m isso pra mim, mas a gente não escuta, entendeu? Mas assim, ah tá no carro ta passando rádio é sempre uma radio que vai tocar MPB ou que vai tocar os Beatles, entendeu? E aí foi assim. Claro que teve esse ponto familiar, mas não foi a minha família que me apresentou.

P: Então você acha que você gosta desde criança? Desde quando você ouviu a primeira música?
R: Uhum. Mas eu só fui ouvir mais quando eu entrei na pré-adolescência, mas assim eu gostava desde de criança.

P: Só quando você entrou na pré-adolescência que você conseguiu ir mais atrás da obra deles?
R: É, é. Antes, quando cê é criança cê fica só no raso né, aquilo que todo mundo já conhece, aquilo que tá disponível de forma imediata né. Porque na minha infância internet não era uma coisa, mas eu acho que por isso né.

P: Você se emocionou no show?
R: Nossa, sim.

P: Muito?
R: Várias vezes.

P: Por que você acha que você se emocionou?
R: Porque era um clássico atrás de outro, e são músicas emocionantes. Sei lá, aquele momento que cê pensa assim "Uau!", eu nunca pensei, esses caras são parte da história da música, sabe? Eles são nomes, o Paul é um nome assim "Uau!" e aí você tá lá e cê tá escutando ele cantar é uma oportunidade assim. Ah, eu fiquei

deslumbrada é a palavra. E é difícil alguma coisa me deslumbrar, eu fiquei bem deslumbrada. É uma coisa boba mesmo, sabe? Tanto que coisas que emociona a gente não tem muita explicação.

P: Então você se emocionou muito mesmo?
R: Bastante.

P: Até porque ele tocou várias músicas dos Beatles, não foi?
R: E até as deles, tipo, não vou falar nome de música porque eu não sei nenhuma, nome de música nenhuma, sou péssima com nomes, mas as músicas que ele tocou que eram dele também só porque vieram depois dos Beatles, elas são muito famosas e muito emocionantes. Ele tem esse estilo de emocionar as pessoas, apesar dele ser brincalhão né, ele tem isso.

P: Desses artistas antigos, como o Paul, os Beatles, tem outros artistas que você gosta?
R: Sim, tem. Sei lá, as bandas bem clássicas assim, tipo, Eagles eu gosto, Scorpions, é... todo mundo escuta um pouco The Rolling Stones, e sei lá, é pensando no rock né? Guns N' Roses, e pode citar outras coisas assim?

P: Pode, pode. O que você quiser.
R: MPB toda! Toda aquela geração, tipo, Gal, Caetano, Toquinho, e Vinícius, Tom Jobim, e etc. E Cazuza, o próprio Legião, tipo, não é da minha geração né, o cara morreu no ano que eu nasci, eu acho. Aí cê tem os sambistas também, o João Nogueira, Cartola, e, tipo, muitos nomes. Mas sim, eu sou meio saudosista com musica, escuto muita musica que não é da minha geração, apesar de ultimamente eu tá escutando muita musica atual né, feita agora.

P: Por que você acha que você gosta dessas músicas antigas, que não são do seu tempo, como você mesma disse?
R: Aprendizado. Eu aprendi, é o que eu falei, na escola. Desde de os primeiros anos na escola eles faziam todo ano um projeto com um compositor, tipo, desde os três anos de idade fazendo esse trabalho, entendeu? Então foi Vinícius num ano, Toquinho no outro ano, teve o Chico outro ano. Então foi meio que o aprendizado mesmo, sabe? Tem também, agora sim tem a questão familiar mesmo, tipo, quando a gente escutava rádio, por exemplo, meu pai sempre as vezes falava “Ah, muito boa essa banda!”, entendeu? “Nossa, muito bom isso! Era do meu tempo”, e eu gostava quando eu escutava, então aí eu fui criando isso. E quando eu entrei na pré-adolescência, no ensino médio na verdade, ainda tava adolescente, eu conheci uma amiga e ela conhecia muito disso né, principalmente o rock. E aí ela foi me mostrando algumas coisas e aí eu fui vendo que era parecido com o que eu já escutava, mas era uma coisa nova, e aí eu fui puxando mais.

P: Então, no caso principalmente desses artistas brasileiros de MPB, você acha que teve uma certa influência familiar porque seus pais gostam?
R: Uhum. Mas o principal foi a escola, de verdade, foi o principal. Eu fico muito feliz de ter tido essa educação, não sei, nem todo mundo tem a oportunidade de, tipo, conhecer assim desde pequeno, escutar e aprender a gostar.

P: Essas músicas que são bem antigas, não fazem parte do seu tempo, o que você sente quando você ouve elas? É diferente?
R: Do que escutar música atual?

P: É.
R: Não, não acho. Eu não acho que seja diferente, tipo, depende assim claro, se for atual ou antiga e for do meu gosto, geralmente elas me transmitem coisas parecidas, porque as músicas que eu gosto que são contemporâneas, ela parecem muito com as antigas, entendeu? Influência das antigas e, ah, não sei. Sabe uma coisa que eu escuto que é antigo e eu não citei, mas eu gosto? É modão. Modão mesmo, raiz. Eu não gosto de sertanejo, porém gosto de modão, eu gosto muito. Isso foi influência do meu pai, meu pai e minha mãe, eles viveram a primeira infância deles na fazenda e aí eles aprenderam a escutar isso né, era o que se escutava, e é bonito quando cê escuta, é bonita as letras, a mensagem, não sei, é bonito, eu acho bonito. E esse, por exemplo, quando eu escuto é uma sensação diferente porque é como se eu tivesse sendo transportada pro passado por causa da linguagem que é usada, entendeu? É legal.

P: Então, fora o modão, a sensação que você sente quando você ouve uma música antiga e uma música atual, o sentimento que te desperta é mais ou menos o mesmo?
R: É, a menos que a musica tenha esse estilo que não se repete, não se reproduz hoje em dia, sei lá, aqueles sambas bem raiz, bem antigos, ou... ai esqueço o nome do cantor, dos cantores, daqueles cantores que tem

aquelas vozes robustas, o nome eu esqueci. Tá, eles fazem parte de um estilo de época que não existe hoje, entendeu? E aí quando eu escuto eu me transporto pro passado. Mas assim, essas músicas, tipo o rock, até, sei lá, o indie que chegou agora, eles pegam muito essa influencia do passado, eles tem essa batida, essa pegada assim, e acaba que quando cê escuta o antigo e o atual, eles se misturam. Então, não sei, não há mais aquela sensação de "ah, to ouvindo uma coisa que não existe mais", entendeu?

P: É aquela sensação de que tudo se repete?
R: Aham.

P: Você tem preferência por alguma década musical, como anos 60, 70 ou 80? Ou não?
R: Hum... Ah, não sei. Eu gosto muito da década de 60, até porque tudo que se produziu ficaram variando nas décadas né, tipo, ah, não sei, não tenho uma preferência por uma década.

P: Você falou que também gosta de música atual. O que você ouve de música atual? É MPB também?
R: Sim. Esses nomes, esses novos nomes de MPB tipo Karina Buhr, Ana Cañas, essas meninas da MPB e, não só, eu gosto do indie, adoro folk, mas folk também não é tão atual né, Bob Dylan, folk é bem antigão. Que mais? Ah, eu não sei se eu posso falar que é atual, mas Zeca Baleiro, é porque é década de 90 né, mas é minha década então. Ai e aí cê tem um bocado, tipo, Lenine, Leoni. Ah cê tem o pessoal do rock da década de 90, eu gosto, mas aí também é tão estranho pensar que a década de 90 é a década de 90, não é mais algo contemporâneo.

P: Mais ou menos por aí?
R: Aham.

P: Você acha que a música atual, se comparada de alguma forma com a música de antigamente, é de menor qualidade?
R: Não, não acho. Eu acho que existia porcaria naquela época assim como existe hoje, e existe coisa boa hoje assim como existia antigamente. Eu não tenho essa ideia de que só o que era do passado era bom, sabe? Não é mesmo, sabe? Nossa eu escuto, até porque é aquela coisa, se eles pegam influencia do passado eu vou falar que eles são ruins? Eu gosto do passado, mas eu não gosto dos caras que pegam a influencia do passado? Ah, eu acho bobagem cê ficar, eu acho que hoje em dia eu não conheço tanta gente que tá nesse saudosismo todo assim "Ai, só o que é antigo é bom". Eu não acredito nisso não. O que é antigo é bom também e merece ser revisitado, merece ser escutado, e se não fosse tão bom não taria aí até hoje, sabe? Mas o que é novo também é bom e eu acredito que muita coisa que é nova vai ficar como o Paul ficou, entendeu? Então, é isso.

P: Teve o filme "Somos Tão Jovens" sobre o Renato Russo e Legião, teve também "Faroeste Caboclo". Eu queria saber se você foi ver algum desses, se você se interessou em ver?
R: Eu não fui. Não fui por dois motivos, eu não escutei bem, as pessoas que foram ver não me falaram bem e eu, geralmente, eu geralmente não vou ver esses filmes que tão no cinema, tipo, no circuito, sabe? Porque quando eu vou no cinema, eu vou no Cine Cultura, eu vou no Cine Ouro, ou então eu baixo o filme que eu acho que vai ser interessante. Então dificilmente eu vou no cinema mesmo. Eu até fiquei curiosa na época, mas acabou que, sabe quando não surgiu a oportunidade? Eu não fiquei assim tão empolgada pra ver e aí também não surgiu oportunidade e ficou por isso mesmo.

P: Mas e antes do pessoal te falar que era ruim, você estava com vontade de ver? Se sim, por que você estava com vontade de ver?
R: Ah, tava. Falei "Nossa, vai lançar!", e eu fiquei assim "legal, né", talvez eu vá ver. Mas não foi aquela vontade, eu não sei, talvez porque eu já tinha, eu já vi alguns, não documentário, é, tipo, documentário da vida do Renato, da banda, do Legião e tal. E eu pensei assim, ah, repetido, sabe? Coisa que eu já sei, então. Mas eu achei legal, porém, não foi uma coisa que ficou na minha cabeça, sabe?

P: Já que você não considera que a música de antigamente era melhor, você acha que alguma outra coisa, que algum aspecto do passado era melhor que hoje? Alguma coisa do comportamento, da cultura, da vida, não sei?
R: Qualquer aspecto?

P: É, qualquer aspecto.
R: Uau! Deixa eu pensar pra responder essa pergunta.

P: Qualquer aspecto que te chame a atenção.
R: Ai gente! Eu vou puxar pra parte musical. Eu acho a transgressão da década de 60 assim muito interessante, muito interessante mesmo, e aí ela refletiu muito na musica. E os períodos de tensão, do pós-guerra assim, e que

no Brasil foi o período militar, esses períodos que são de tensão, historicamente falando, eles fazem com que se produzam músicas politizadas, uma musica militante, e aí eu acho, nesse sentido, muito interessante, sabe? As músicas são instigantes, elas são, ah, não sei, essa pressão faz com que se produzam muitas pérolas. E eu, hoje eu não reclamo né, porque estabilidade é uma coisa fantástica, e eu não quero que "Ai nossa, podia tá acontecendo uma guerra, a gente podia tá sendo ameaçado por bombas atômicas nesse momento. A gente vai morrer amanhã por isso que todo mundo vai ter essa veia artística forte". Não, pelo contrario, acho que né. Né? Não sou idiota. Mas o que ocorreu, ah, sei lá, o pensamento feminista, a liberdade sexual, sabe essas coisas que foram vindo com a musica da década de 60? São bonitas, são lindas, e marcaram, e definem muito do como nós somos hoje, apesar da gente ainda ser muito, eu não sei, eu acho que hoje a gente é muito mais careta do que naquela época, é muito engraçado. Existe muito gente mais careta do que naquela época. Mas, não é mesmo? A gente pode ser inspirar, as músicas não são, a gente não inspira com o passado? Então vamos inspirar com a atitude do passado também.

P: Você já sentiu vontade de ter vivido em outra época? Se sim, por quê?
R: Ah, não sei, eu acho que já senti vontade de viver uma outra época, mas é uma época que eu não conheço porque eu já senti vontade de viver no futuro. Eu não acho que eu tenho que reclamar né do que eu vivo. O passado, eu sou mulher, sabe? O passado pra mim não é uma vantagem. Eu sei disso, eu tenho consciência disso. Então assim eu não quero viver num passado em que as coisas eram mais difíceis pra mim, sabe? A mulher era bem mais, era restringida, ela não podia fazer nada, ela era punida. Nós somos punidas ainda, mas não tanto quanto naquela época. E um fator que eu queira viver no futuro é isso também, sabe? É pensar num mundo assim que talvez esteja menos fechado a possibilidades, sei lá, sabe? Eu penso num mundo que a questão da homossexualidade não seja um problema, sabe? Não seja um, entendeu? Então, essa é minha vontade de viver no futuro. Talvez eu ia gostar de escutar musica do futuro se fosse possível, mas não é.

P: Então quando você ouve uma música antiga ou vê um filme antigo, você não tem aquela vontade de voltar naquele tempo, de viver um pouco daquilo?
R: Não. Eu acho super curioso. Eu acho algumas coisas bonitas, a estética, quando você escuta a musica ou quando cê vê um filme né, cê observa né, a linguagem da época. Tudo isso cê vê, é legal, é conhecimento de mundo, mas assim eu não tenho vontade de voltar, não mesmo, não tenho.

P: Você não idealiza muito o passado?
R: Não, eu não acho que as coisas eram perfeitas não, sabe? Não eram mesmo. Até quando cê conversa com pessoas mais velhas ou idosas, os meu avós, por exemplo, você vê como era, sabe? A forma como eles pensam o mundo é a forma como eles pensavam o mundo naquela época. E eu não acho deslumbrante a forma como eles veem as coisas, sabe? Há um embate de gerações, eu não concordo com muita coisa que, eu não sei, eu sou realista nesse ponto. Se produziu coisas boas, o passado tem suas vantagens, assim como o presente, sabe? E os dois tem desvantagens e eu não tenho vontade de voltar pro passado.

P: Quando a gente estava falando de música, você chegou a se autodenominar de saudosista. Por que você acha que você é saudosista? O que significa pra você?
R: Ai, seria isso né de querer voltar, mas não é porque eu quero voltar, é porque eu admiro, sabe? O que se produziu, aí eu fico, não sei, eu admiro mesmo, é uma questão de admiração, de gostar, de escutar o modão e pensar "Uau! Teve isso, foi assim". Mas não dá vontade de voltar, sabe? Me dá vontade de apreciar mesmo, acho que saudosismo não é a palavra então, fui pensar agora, não sei, admiração.

P: Mas você é saudosista em relação a música, no caso? Porque até o que você ouve atualmente segue uma estética mais antiga, certo? Então você prefere essa estética, essa musicalidade do passado?
R: Apesar de eu não ter citado, por exemplo, eu gosto de eletrônico. Eu gosto do que é produzido hoje. Apesar que o que eu escuto mais é isso né, do que vem do antigo. Mas eu escuto musica eletrônica, eu escuto, tipo, sei lá. É eu gosto de coisas antigas.

P: No caso, é uma preferência. Não quer dizer que você se limite só aquilo, mas é uma tendência, certo?
R: Certo. É isso mesmo.

Entrevista com M.A., 20 anos, estudante de Letras, sexo masculino:

P: Por que você foi no show? O que te fez ir?

R: Era o que eu sempre brinquei com os meus amigos, eu falei “Gente, eu to indo porque ele é um ex-Beatle”, sabe? Porque eu sou muito fã dos Beatles, sempre fui. E isso minha mãe me passou, essa vontade de gostar dos Beatles, porque ela ouve desde de sempre, então eu cresci ouvindo os Beatles, e aí quando eu fiquei sabendo da oportunidade, de que ele estaria aqui em Goiânia, eu não poderia perder né. Então eu fui mais por esse fator de ser um ex-Beatle, porque eu não conheço a carreira do Paul McCartney depois do fim da banda.

P: Então o que pesou mesmo foi o fato de ele ser um ex-Beatle?
R: Foi, foi. Pela carreira passada dele.

P: Você não se considera um fã em si do Paul McCartney, mas você se considera um fã dos Beatles?
R: Sim, e por ser fã dos Beatles eu me considero fã do Paul McCartney. Foi bom o show que eu aproveitei e conheci algumas músicas dele, da carreira a solo. E a partir do show que eu pude conhecer melhor a carreira solo dele, gostei de algumas músicas, mas foi o show que me motivou.

P: Mas em relação aos Beatles é mais do que simplesmente gostar, você se considera fã mesmo?
R: Sim, aham.

P: Isso foi devido a sua mãe, foi influência familiar, então?
R: Foi influência familiar.

P: Total?
R: Foi, total. Porque foi o meu primeiro contato com a língua estrangeira, com a língua inglesa, foi com os Beatles. E minha mãe também, ela sempre gostava muito de MPB e os Beatles era a única banda de língua estrangeira que a minha mãe ouvia. E os Beatles foi muito mais pra mim do que um grupo musical, foi também um ensejo pra eu aprender a língua inglesa também.

P: Acabou te instigando?
R: Foi, aham.

P: Há quanto tempo você é fã dos Beatles? Começou na infância?
R: Sim, na infância. Eu lembro, eu lembro de ter por volta de sete, não, de nove à dez anos, a primeira musica que eu ouvi deles foi “Yesterday”, e a primeira vez que eu ouvi eu já gostei, minha mãe também gostava muito, e eu me forcei a aprender a cantar e cantava tudo errado, óbvio, com dez anos, nunca tinha feito inglês, mas foi com dez, nove, dez anos.

P: Então era uma coisa muito do ambiente familiar mesmo, sua mãe colocava música e ouvia enquanto vocês estavam em casa?
R: Sim. Isso.

P: E ela também é fã dos Beatles?
R: Também.

P: Ela foi no show?
R: Não, não foi. Porque ela tinha feito uma cirurgia e não pode ir.

P: Ela ficou chateada?
R: Ficou.

P: Você se emocionou no show? Se sim, por quê?
R: Eu me emocionei, mas não de emocionar de chorar, me emocionei de sentir arrepios, aquela coisa, pelo fato de ele tá aqui né, em Goiânia. E eu gostei muito do fato dele cantar muito bem ao vivo também, isso me emocionou também. Porque eu sempre tenho um pouco de preconceito com o cantor que canta ao vivo e eu nunca sei se vai ser a mesma coisa do disco, então eu gostei muito, e isso ajudou, claro, a me emocionar.

P: Eu fiquei sabendo também que ele cantou várias músicas dos Beatles, não foi?
R: Sim, aham. Foi esse um dos motivos também de eu ter ido no show, porque se ele cantasse a maioria das músicas dele só, talvez eu poderia não ter ido.

P: E foi emocionante ouvir um ex-Beatle cantando?

R: Nossa! Foi muito emocionante. E ele é muito carismático. Então eu acho que, ele sabe o que ele faz, sabe? Então eu acho que ele emocionou não só a mim, mas quase todo mundo que tava no estádio.

P: Desses artistas antigos como o Paul, que não são da nossa época, tem outros artistas que você gosta?
R: Sim, gosto muito do Freddie Mercury e, principalmente, do Pink Floyd, que é outra paixão que eu tenho. Hum, em relação ao feminino eu sempre gostei muito da Madonna, não sei se ela é dessa época, e da Cyndi Lauper, também gosto muito.

P: Isso foi influência da sua mãe também? Ou de alguém da sua família?
R: Não, esse já foi quando eu já, é porque eu tenho um cursinho de língua inglesa e aí eu fui catando mesmo artistas, e ouvia as músicas pra ver se eu gostava. Mas o que eu gosto mais é dessa geração mesmo, contemporânea e tal, contemporânea a mim né. Mas dos anos 80 é isso mesmo que eu te falei.

P: Você gosta das músicas das décadas passadas, anos 60,70 e 80? Você tem alguma década preferida?
R: Eu acho que a década de 80. Eu não sei muito fazer essa distinção entre o que é de 60, 70 e 80, mas em relação a discos lançados eu prefiro os discos lançados na década de 80.

P: E por que você acha que você gosta dessas músicas que não são atuais?
R: Ah, eu não sei. Eu acho que pelo fato de eu estudar a língua inglesa, acho que isso influencia muito, sabe? Porque eu entendo o que eles cantam e também eu estudei musica, eu estudei musica durante oito anos, fiz teclado, e esses artistas eram os que eu tocava no teclado também.

P: O que você sente quando você ouve essas músicas de antigamente é diferente das músicas atuais?
R: Sim, a gente percebe a imensa diferença. Eu me sinto nostálgico, sabe? Eu queria que eles ainda tivessem presentes, mas como isso não é possível eu me contento a escutar os CDs.

P: Então a sensação é diferente mesmo?
R: É, é diferente.

P: Você também gosta da música atual? Se sim, como o que?
R: Sim. A música brasileira, inglesa?

P: Tanto faz.
R: Sim, gosto, eu gosto muito. Eu gosto muito de Coldplay, eu gosto muito do pop que tá aí, principalmente com os americanos, e MPB também pra mim acho que vai ser sempre assim, MPB atual, não só a antiga, mas principalmente a atual também.

P: Você chega a ter uma preferência por músicas de artistas antigos? Ou não, é bem dividido?
R: Não, é bem dividido.

P: Você acha que a música atual, de alguma forma, é de menor qualidade se a gente for comparar com a música de antigamente?
R: Então, o senso comum eu acho que diz que sim né, com essas bandas aí que a gente ouve, Restart e tudo, banda Cine, essas coisas. Mas eu não sei, eu acho que a musica ela tá aí pra satisfazer o gosto de uma sociedade que exige, que a exige, entendeu? Então eu acho que se existe esse tipo de música é porque tem gente pra ouvir esse tipo de música, entendeu? Então, é o que a sociedade atual exige da música. Então talvez isso seja um menor refinamento de gosto estético, não sei. Só sei que eu fico longe disso, sabe? Essa musica me incomoda, sabe? Eu prefiro sempre escutar uma coisa que tenha uma melodia mais elaborada, que tem mais instrumentos compondo a musica e eu procuro também uma composição né, principalmente eu que faço Letras, eu estudo poesia, eu também me ligo muito a composição poética da musica. E essas músicas que tem muitas frases repetidas e um melodia fraca eu não gosto.

P: E no contexto do Brasil? Igual, por exemplo, o rock dos anos 80, você gosta de alguma coisa ou não?
R: Renato Russo é dos anos 80?

P: É.
R: Se for, pra mim ele é o ícone principal. Cazuza também eu gosto muito, mas mais de Legião Urbana.

P: E teve o filme “Somos Tão Jovens” sobre Renato Russo e Legião, e também o “Faroeste Caboclo”. Eu queria saber se você foi ver algum desses ou se você se interessou em ir?

R: Não, não fui, mas eu pretendo, quando lançar na locadora eu pretendo ver. Porque eu não fui foi somente por falta de oportunidade mesmo, mas eu pretendo assistir os dois filmes.

P: Por que você quer ver?
R: Pra se conhecer mais da historia da vida dele, eu gosto muito de como o cinema coloca a vida dos artistas. Eu geralmente gosto de quase todos os filmes biográficos que lançam de um ícone. Então eu tenho uma grande expectativa sobre esses filmes do Renato Russo.

P: Você deixou bem claro que também tem música boa hoje, mas, de forma geral, você acha que alguma outra coisa era melhor antigamente? Algum aspecto cultural, comportamental, alguma coisa que você admira?
R: Uma coisa que eu admiro tanto na música estrangeira quanto brasileira, principalmente brasileira, era que a música ela tinha um papel também engajador, que com problemas de ditadura, de crise financeira nos países, a música ela absorvia isso, e ela absorvia os problemas históricos e transpassava isso, e geralmente, nem sempre, de maneira explícita, mas de maneira subliminar, que a gente percebe. E eu gostava do fato dessas músicas, quando a gente ouve elas hoje, a gente percebe essa vontade de mudança, de revolução. O que eu consigo pensar dessa pergunta é isso. É esse fator histórico que a música pode carregar também.

P: E que hoje você não vê mais?
R: Não, não vejo mais. Eu acho que a sociedade de hoje ela é muito apaziguada em relação a isso e a musica acaba sendo influenciada por isso também.

P: Então pra você comparando o presente com antigamente é só mais a questão da música mesmo, não tem outros aspectos da vida que você ache que era melhor?
R: É. Aham.

P: Você já sentiu vontade de viver em outra época e por quê?
R: Nossa, eu sinto isso a todo momento. Principalmente quando, essa vontade mesmo de ouvir o que eu gosto que não tá mais presente entre a gente né. Tanto é que sempre quando tem essas banda covers eu sempre vou pra tentar resgatar, sabe? Uma faísca assim do que era. Por isso eu já fui no show dos Beatles cover, no Bolshoi, Pink Floyd, Renato Russo, é isso, tentando reviver isso e como eu não posso mais né, a não ser através dos discos.

P: Mas então pra você o desejo de viver em outra época é mais pela questão de ver aqueles artistas?
R: Sim, mais pela questão de tá presente no show e ouvir eles cantando ao vivo.

P: E não de realmente viver aquela época?
R: É, não, não, não. Eu sou bem contente com a época que eu vivo.

P: Você é meio saudosista só em relação a música?
R: Só, aham.

P: Na sua família música é uma coisa forte, muito presente?
R: Nossa! É muito forte. O meu pai ele cantava em bares, foi assim que minha mãe conheceu ele, e aí ele passou num concurso e deixou esse lado da musica, mas ele ainda faz shows particulares, as pessoas contratam ele. Ele toca violão, cavaquinho, esses instrumentos de corda mais ou menos parecidos com o violão ele toca quase todos. A minha irmã toca violino, e eu toquei teclado durante oito anos e hoje em dia eu faço aula de piano. Então a musica ela é muito forte na minha família. E minha mãe ela sempre quis ser cantora, mas ela não tem a voz muito bonita, mas ela canta o dia inteiro dentro de casa.

P: Então seu ambiente familiar era permeado de música?
R: Nossa, permeado de musica. E não só o meu ambiente familiar, mas irmão do meu pai, irmão da minha mãe, sabe? Sempre alguém toca um instrumento musical e é muito interessado por musica.

P: Você acha que os gostos, as preferências musicais da sua família te influenciaram de alguma forma?
R: Eu acho que é mais da minha mãe porque meu pai ele sempre foi muito ligado a esse sertanejo raiz e essa musica sertaneja nunca me agradou muito. Mas minha mãe não, minha mãe ela sempre foi mais pro lado do rock, do pop, aí se eu devo alguma influencia musical foi a minha mãe. O meu pai eu devo mais é admiração porque acho que ele canta bem e tudo, mas não nesse gosto musical.

P: Você se identifica mais com a sua mãe, certo? Nesse sentido ela foi mais presente pra você do que qualquer outro familiar?
R: Sim. Sim, aham. E eu vejo isso porque eu influencio a minha irmã, é incrível, o que eu gosto a minha irmã também gosta, aí então eu vejo que esse processo de influencia familiar ele é muito forte assim em relação a musica.

Entrevista com F.G., 19 anos, estudante de Engenharia de Software, sexo masculino:

P: O que te fez ir no show? Por que você foi?
R: Eu fui mais pelo fato dele ter sido uma pessoa muito importante, quando ele tava nos Beatles, sabe? Eu acho que ele contribuiu muito para o que os Beatles contribuíram para a musica em geral assim.

P: Então você foi mais pelo peso de ele ser um ex-Beatle?
R: Isso.

P: Do que pela carreira dele a solo?
R: A carreira dele solo, eu nem... não acompanhei muito a carreira dele. Eu fui mais por eu ser fã dos Beatles, eu fui por isso.

P: Então você se considera um fã dos Beatles?
R: Ah, eu me considero. Eu acho que eles transformaram a musica de uma forma que poucas bandas fizeram e isso fez eles serem tão populares. Eu gosto muito das músicas deles, eles tentam, pelo menos tentaram assim, chegar a fazer algo que fosse inédito quando eles faziam musica, que a gente pouco vê hoje em dia.

P: Mas em relação ao Paul, você não se considera um fã não?
R: Do Paul eu não me considero tanto fã assim não.

P: Há quanto tempo você é fã dos Beatles? Você lembra?
R: Olha, eu comecei, acho que assim a primeira musica que eu ouvi dos Beatles foi “Let It Be”, que meu pai comprou um DVD com alguns clipes de músicas antigas e eu acabei assistindo e achei algo assim, uma musica muito boa, tanto é que minha favorita dos Beatles é “Let It Be”, principalmente o clipe que tá assim, meio que é o começo do final dos Beatles né. Achei ela bem interessante.

P: Você lembra mais ou menos qual idade você tinha nessa época?
R: Olha, eu tinha acho que uns onze anos, doze no máximo.

P: Seu pai também gostava? Foi uma coisa meio de família ou não?
R: Não, meu pai ele gostava, ele gosta mais assim de discoteca de ABBA, Bee Gees, essas coisas. Aí acabou que ele comprou esse DVD com esses clipes, e um deles era dos Beatles.

P: Então você que foi atrás sozinho da obra deles?
R: É, foi, foi. Eu que escolhi ir atrás mesmo das músicas, da historia.

P: Na sua casa a música era muito presente? Ou não?
R: Assim, o rádio era bem presente, sabe? O que tocava mais na minha casa era mais a musica mais regional assim, mais sertanejo, mais o que dessa década de 90, 2000, que tocava muito Leandro & Leonardo, João Paulo & Daniel, essas coisas mais, e também o sertanejo raiz tocava muito. Mas acabou que eu fui mudando o meu gosto e passei mais pra esse lado do rock.

P: Você se emocionou no show?
R: Olha, de certa forma sim. Principalmente assim pelo fato de eu tá tendo uma oportunidade que provavelmente assim a minha geração poucas pessoas tiveram, sabe? Porque o Paul McCartney ele é uma pessoa muito importante dentro da musica até hoje. E assim eu achei bem espetacular o fato dele assim com oitenta e alguns anos de idade, acho que oitenta e dois, não sei, ele ainda fazer um show tão bom, sabe? Ele ser tão presente assim no palco, ter todo o publico dele nas mãos deles assim, eu achei que isso acho que foi assim o mais, o fator que eu mais me emocionei assim no show. E também porque ele tocou “Let It Be” que eu acho uma música sensacional.

P: Então foi isso que fez você se emocionar?

R: Foi.

P: Eu fiquei sabendo também que ele tocou muitas músicas dos Beatles. Isso foi muito emocionante?
R: Foi. O repertório dele assim, dele mesmo, acho que ele ficou alternando entre uma dos Beatles e uma dele mesmo, sabe? Acho que isso foi bem interessante também até pra eu conhecer um pouco do que ele, do que é a carreira dele solo.

P: Você gosta de outros artistas antigos?
R: Olha, tem alguns. Um dos que eu sou mais fã é do Raul Seixas, com certeza. Eu gosto também de, até influenciado pelo meu pai, eu gosto de ABBA, de Bee Gees também, eu acho bem interessante. Gosto muito de Muddy Waters, que foi um dos, bem importante no Blues, Chuck Berry gosto muito também, os que me vem a cabeça nesse momento é isso. Jimi Hendrix também é importante, boa as músicas dele, acho que é isso.

P: Você tem alguma preferência em relação a década? Você gosta das músicas das décadas de 60, 70, 80?
R: Assim, eu não tenho muita preferencia, eu acho que os artistas que eu gosto eles são mais assim definidos pelos discos e não pelas décadas. Mas eu acho muito interessante a musica da década de 60, sabe? Porque eu acho que teve uma transformação muito grande nessa época, soltaram muita coisa boa assim, foi muita coisa boa feita na década de 60.

P: Por que você gosta dessas músicas que não são atuais, não são do tempo que a gente vive? Por que você acha que você gosta?
R: Olha, eu acho que eu gosto pelo fato de ser algo inovador pra mim, porque quando eu tinha, sei lá, passei até uns oito, nove anos só ouvindo música sertaneja, ouvindo, sei lá, as músicas que tocavam no rádio assim É o Tchan!, essa coisas assim, sabe? E pra mim foi, cada dia eu descubro algo inovador pra mim, sabe? Algo inédito pra mim. Eu acho que isso é o que faz eu ter mais interesse na música.

P: O que você sente quando você ouve essas músicas de antigamente? É diferente de ouvir uma música atual?
R: Ah, com certeza. Eu acho que as músicas de antigamente, as bandas eles faziam com, sei lá, com mais emoção, sabe? Eu acho que as músicas de hoje em dia elas tão muito comerciais. Um exemplo disso é que eu acho a musica "Ouro de Tolo, do Raul Seixas, eu acho ela uma musica muito tocante, sabe? Porque ele descreve mesmo como é que se teve uma realidade de um algum brasileiro, é claro que jogando aquela ideia que ele teve na hora assim, querendo passar uma mensagem ao mesmo tempo protestando ali, tentando fazer uma pessoa mudar, uma pessoa abrir sua cabeça, sabe? Agora hoje em dia o pessoal faz uma musica simplesmente por fazer, sabe? Pra depois fazer um show qualquer aí, começar a vender essa musica. Eu acho que antigamente tinha muito mais emoção nas músicas quando eram feitas do que hoje em dia.

P: Pra você a diferença ao ouvir a música de antigamente é que você sente mais emoção? Você sente mais emoção com as músicas antigas?
R: É, assim eu sinto que ela foi feita, assim é claro que ela foi feita pra vender né algumas, mas ela foi feita não por falar assim "Ah, vou colocar essa musica aqui só porque uma parcela da sociedade gosta de uma batida, e ela vai ser assim e não precisa fazer uma letra muito importante porque ninguém vai reparar", essas coisas. Agora, antigamente eles faziam uma musica "Tá, eu vou fazer uma musica de protesto, eu vou colocar isso aqui pra se uma pessoa entender a mensagem que eu tô falando já tá muito bom pra mim", e também assim as músicas, pra mim, elas tem um cuidado maior, sabe? Tem um cuidado com a letra, um cuidado com a representação que essa musica ia ter. Ela é mais delicada assim, sabe? Mais trabalhada.

P: Você também gosta de alguma coisa de música atual ou não?
R: Olha, o mais atual assim que eu gosto mesmo, sei lá, é... eu gosto muito do Jack White, eu gostei quando ele ainda tava no White Stripes, gosto do trabalho dele de hoje em dia. Gosto duma banda também do Jack Black chamada Tenacious D, não sei se cê conhece, eles são uma banda muito boa. Mas assim, atual assim eu acho meio difícil, sabe? Pelo menos assim, eu não conheço bandas que tão inovando hoje, atualmente, sabe? É muito poucas assim. Alguma que de vez em quando eu ouço é Tame Impala que é uma banda também, que eles fazem uma coisa mais psicodélica, um trem assim. Ah, uma banda que eu gosto, na verdade que eu gosto muito, que é atual assim chama Hellbenders, é uma banda aqui de Goiânia que eu acho que os caras tão fazendo um trabalho muito bom, sabe? Tão fazendo umas músicas com força, mas hoje em dia é muito difícil.

P: Então realmente sua preferência musical é por músicas antigas, artistas mais antigos mesmo?
R: É, porque eu acho que assim chegou a um ponto que se você não tiver talento pra inovar uma musica hoje em dia é muito difícil porque já foi criado tanto no passado, tantas experiências musicais, que hoje em dia tá difícil criar alguma coisa nova.

P: Você acha que a música atual de alguma forma é de menor qualidade do que a música de antigamente?
R: É, eu acho. Eu acho que a música atual ela, eles não tentam inovar nela, eles tentam só fazer o mais do mesmo, mais do mesmo que vende, sabe?

P: De música brasileira você falou Raul Seixas. Mas e do rock anos 80, por exemplo, Legião Urbana, Cazuza, tem alguma coisa que você goste ou não?
R: Olha, uma coisa que acontece muito é ouvir o pessoal falar de Legião Urbana pra mim e eu falar que eu nunca ouvi, sabe? Porque assim nunca me despertou interesse. Grande parte das pessoas que eu conheço adora Legião Urbana, acha uma banda muito boa, mas pra mim, eu não tive a curiosidade suficiente pra achar Legião Urbana uma banda boa. Mas dos anos 80?

P: Pode ser de qualquer década também. Tem alguma coisa?
R: Olha, artista nacional eu gosto muito do Raul Seixas, gosto Mamonas Assassinas, quem não gostava né? Acho interessante também as músicas do Zé Ramalho, acho que ele consegue fazer umas músicas muito boas. Tim Maia, Tim Maia eu acho ele assim sensacional, o que ele fez, as músicas que ele fez. Bem, nacional acho que é pouco, sabe? Que eu gosto. Cazuza assim, eu gosto de algumas músicas, eu nunca procurei ouvir a discografia dele, mas tem algumas músicas muito interessantes. Mas nacional assim eu não gosto muito assim, mas é de casos isolados que nem o Raul, o Tim Maia, esses assim.

P: Teve o filme "Somos Tão Jovens" sobre o Renato Russo, e também "Faroeste Caboclo". Você foi ver algum desses ou quis ir ver?
R: Não, eu não fui ver não, mas também acho que assim não tinha muito o que ver não, sabe?

P: Não te interessou?
R: Não.

P: Você acha que alguma outra coisa, além da música, era melhor antigamente? Qualquer coisa, de comportamento, cultural, enfim, qualquer coisa da vida era melhor antigamente?
R: Olha, eu acho que a cabeça das pessoas, assim até uma certa época, era melhor do que as de hoje em dia, sabe? O pensamento delas. Porque antigamente você, sei lá, pelo menos aqui no Brasil né, cê tinha a ditadura, então cê tinha pessoas pensando em como acabar com a ditadura, pessoas pensando em, sei lá, fazer uma revolução. Só que hoje em dia, agora, principalmente depois dessas revoltas né, dessas passeatas, o pessoal tá abrindo mais a cabeça pra isso, mas eu acho que o pessoal de antigamente eles tinham uma ideia mais assim, eles eram mais... como que eu vou te explicar... eles formavam mais ideia do que o pessoal de hoje em dia, sabe? E também na musica eu acho que eles inovavam mais, mas eu acho que é mais isso.

P: Você já sentiu vontade de ter vivido em outra época? Se sim, por quê?
R: Ah não, com certeza. Acho que eu queria ter vivido na, sei lá, na época que tinha esse boom de inovação da musica, sabe? De ter, sei lá, de ir no show das grandes bandas, acho que isso aí seria fantástico assim, sabe? Principalmente quando eles viessem aqui pro Brasil, não só essas bandas, não só as bandas que eu gosto mesmo, mas eu acho que assim as bandas de fora elas fazem shows muito bons, eu acho mesmo eu não gostando eu iria curtir ter ido no show de alguma banda famosa do exterior ou outra assim.

P: Então sua vontade é em relação de poder ir aos shows e coisas assim?
R: É assim viver, sei lá, viver como um fã estaria vivendo com o seu astro ali no top das paradas do mundo, sabe? Acompanhando ali dia-a-dia e tal, ouvindo uma notícia de que sei lá vai ter um show, acompanhando isso.

P: Mas você gostaria de viver aquela época mesmo, completa, na sua totalidade?
R: Olha, eu acho que assim tem alguns poréns né. É claro que hoje em dia a vida tá bem mais avançada assim do que antigamente, cê tem diversas curas pra várias doenças, cê tem muita tecnologias ao seu favor e tal, mas eu acho que, na verdade o que eu queria viver mesmo era, sei lá, uns cinquenta anos pro futuro assim. Porque aí teria, acho que teria acabado muitos problemas que a gente tem hoje em dia, sabe? Mas seria assim, eu viver no passado seria mais só por essa causa mesmo de viver, sei lá, viver como um verdadeiro fã né, de acompanhar e tudo mais, e não pela sociedade, não pela vida que eles viviam, mas pelo fato das bandas ainda assim serem jovens e tal e tá inovando.

P: Quando você ouve uma música antiga, você já sentiu uma certa nostalgia, um certo saudosismo? Ou não?
R: Ah não, com certeza. Assim é uma coisa que eu reparei muito é que as músicas do Rage Against the Machine, elas, sei lá, elas despertam em mim um sentimento meio que anárquico, sabe? Meio que contra o sistema. Eu

acho que tem determinadas músicas que elas mudam meus sentimentos, sabe? Na hora assim. Elas conseguem assim tocar de uma forma que hoje em dia, as músicas de hoje em dia elas não conseguem.

P: Seu pai também gosta um pouco de música antiga? Não do mesmo estilo que você, que gosta é mais rock, mas ele também "curte" bastante música antiga?
R: Curte.

P: Você falou que ele gosta mais da discoteca?
R: É, porque assim ele nasceu em 60, então ele pegou essa época dos anos 70 e 80 né. Aí ele ouviu as músicas internacionais que ele ouviu eram mais essa parte de discoteca mesmo.

P: Você acha que as preferências musicais de algum dos seus familiares acabaram te influenciando?
R: Eu acho que as preferências dele, no caso da música internacional, acabaram me influenciando de tal forma que eu tivesse assim uma curiosidade pra conhecer, sabe? Mas, é, acho que só no caso das músicas internacionais mesmo, de assim abrir uma porta pra mim falando "Olha, fora do país tem coisa muito interessante".

P: E você até falou que você também acha interessante ABBA, que também gosta um pouco. Você pegou isso um pouco do seu pai, não foi?
R: Aham.

Entrevista com T.B., 23 anos, estudante de Letras, sexo feminino:

P: Por que você foi no show do Paul McCartney? O que te fez ir?
R: Bom, é minha banda favorita. Assim, de todas, de longe, é a minha favorita, e o meu sonho sempre foi ir num show deles, como ele é a ultima pessoa que eu posso ir no show, então eu fui. E tava muito barato também, então a hora que eu vi que ia ter aqui em Goiânia eu falei que eu daria até o carro da minha mãe pra ir, eu iria, então eu fui. Eu gosto demais.

P: Então, por qualquer preço você iria?
R: Qualquer preço eu ia.

P: Você se considera uma fã do Paul McCartney?
R: Sim.

P: Dele em específico?
R: Também. Os dois. Eu prefiro ele com os Beatles do que ele sozinho, mas dele também.

P: Você acompanha o trabalho dele solo?
R: Sim, sim.

P: Há quanto tempo você é fã do Paul?
R: Desde de que eu sou criança, assim, eu aprendi a gostar dos Beatles por causa do meu padrasto, então desde que minha mãe tá com o meu padrasto, isso tem o que? 2010... tem o que? Uns trezes anos então. Ele tem todos os CDs, então ele ficava ouvindo e eu aprendi a ouvir também desde criança, aí eu viciei.

P: Você se considera mais fã dos Beatles do que do Paul?
R: Do que do Paul. Isso. É.

P: Mas você também é fã da carreira solo dele, você acompanha?
R: Sim.

P: Você não foi ao show só por conta de ele ser um ex-Beatle, então?
R: Isso, exatamente.

P: Eu ia te perguntar há quanto tempo você é fã dos Beatles, mas então é desde de criança. Você lembra mais ou menos a idade que você tinha?
R: Ah, eu tinha por volta de uns onze anos. É, por aí.

P: Então foi seu padrasto que...
R: Foi.

P:...ninguém mais da família?
R: Não.

P: Só seu padrasto mesmo?
R: Uhum.

P: Você se emocionou no show?
R: Eu não sou muito de me emocionar não, eu sou uma pessoa meio, não sei como dizer, mas é... eu fico emocionada, mas assim tem gente que chora, minha mãe por exemplo chorou, eu não chorei. Eu fiquei emocionada, mas não ao ponto de chegar a chorar né. Eu fiquei emocionada porque eu achei muito legal porque sempre foi o sonho da minha vida ver um show dele, nesse quesito assim agora chegar ao ponto de chorar não.

P: Mas você ficou eufórica?
R: Fiquei louca. Tava louca, no dia anterior eu já tava doida, não tava nem acreditando que tava chegando o dia.

P: Então, isso é emoção também, não é?
R: Conta, conta. É porque tem gente que chora né, eu não choro.

P: Sua mãe também foi, seu padrasto?
R: Fora, foram. Meu padrasto gosta demais também dos Beatles aí eles foram, aí como o meu padrasto ia minha mãe empolga também e vai. Mas minha mãe gosta, minha mãe não é fã, mas ela gosta né e foi também.

P: Sua família inteira? Sua irmã?
R: Minha irmã, eu, minha mãe e meu padrasto.

P: Sua irmã também é fã?
R: Não tanto quanto eu, mas sim.

P: Mas ela gosta bastante?
R: Curte.

P: Por que você acha que você se emocionou no show, mesmo que da sua forma?
R: Da minha forma, é. Porque, como eu falei, sempre foi meu sonho ver, além dele ser um ex-Beatle, ele é um ídolo meu por vários motivos. E cara, eu acho que um show desses em Goiânia foi uma coisa de outro mundo. Eu nunca imaginei que o cara fosse vir em Goiânia, então eu fiquei doida, sério, eu não tava acreditando que era verdade, juntando com o preço também porque foi muito barato. Como sempre foi meu sonho ver ele eu vou em todos os shows que tem por exemplo de cover dele ou dos Beatles, então quando eu vi que era Paul McCartney eu falei “Cara, eu tenho que ir”. Não tem jeito de não emocionar, o cara é perfeito, o show dele é muito bom.

P: Eu fiquei sabendo de uma coisa que fez a felicidade de muita gente que estava lá, que foi ele ter tocado muitas músicas dos Beatles. Como foi isso pra você?
R: Nossa! Quase morri! Foi bom demais!

P: Então foi muito emocionante mesmo o clima, o ambiente?
R: Foi, foi muito bom.

P: Desses artistas antigos, como o Paul e os Beatles, tem outros que você gosta?
R: Elvis, Elvis. Nossa senhora, desculpa o termo, mas eu perco a calcinha pro Elvis. Gente, eu sou a-pai-xo-na-da. Eu só gosto de artista antigo. Porque também se eu for para pra pensar eu não lembro os nomes de todos, mas assim os meus dois favoritos Beatles e Elvis. Cara, pra mim é imbatível.

P: Mesmo?
R: Muito! Sério.

P: E do Elvis você começou a gostar foi também por influência de alguém ou não?

R: Também do meu padrasto, porque assim, não porque ele ficasse ouvindo, porque ele não é de ouvir muito, mas é porque ele tem um CD de presente de um amigo e eu vi que era do Elvis falei assim "Ah, vou ouvir né", eu devia ter uns quinze anos. Aí eu peguei o CD e passei pro meu computador, apaixonei.

P: Então indiretamente seu padrasto foi quem...?
R: Foi. É. O cara só tem CD bom! Aí eu pego os CDs dele, eu vou ouvir aí eu gosto das bandas dele.

P: Seu padrasto acabou sendo o responsável por muito do seu gosto musical, então?
R: Muito, muito. Minha mãe também porque minha mãe na verdade ela só ouve MPB né, a maior parte das músicas, então assim eu passei minha infância inteirinha cantando Marisa Monte no carro com a minha mãe enquanto ela dirigia, então é outra coisa que eu sou apaixonada também.

P: Você é muito fã de MPB?
R: Muito! O pessoal pergunta o que que eu ouço, eu falo "Eu ouço Bossa Nova, Elvis e Beatles, serve?", só.

P: No caso, sua mãe e seu padrasto foram cruciais pra o seu gosto musical?
R: Sim. Graças a Deus eles não ouviam sertanejo. Senão eu provavelmente eu ouvir.

P: Sua família tem uma coisa muito forte com música ou não?
R: Não. Da família do meu padrasto tem o pai dele né, meu avô, ele gosta muito de musica clássica e balé clássico, ele fica o dia inteiro em casa ouvindo musica clássica, mas fora isso não. Eu também nem sou muito chegada a musica clássica. Fora isso não.

P: Então sua família não é muito de ficar ouvindo música?
R: Não.

P: Quais desses artistas antigos brasileiros você gosta?
R: Todos esses de MPB antigos, todos eu gosto.

P: Aliás, você falou que gosta só de música antiga praticamente, não é?
R: Praticamente. As atuais que eu ouço são muito raras e é porque algum amigo meu ouve, eu acabo ouvindo e gosto aí eu baixo na Internet, só.

P: Mas você mesma é mais música antiga?
R: Música antiga. Uhum.

P: Você gosta das músicas das décadas passadas, de 60,70 e 80...?
R: Demais.

P: Muito?
R: Muito. A Cyndi Lauper, gente a Cyndi Lauper ela é perfeita, não tem jeito. Aquela mulher, adoro ela.

P: Mas você tem preferência por alguma década ou não?
R: Eu posso falar 60 por causa dos Beatles?

P: Pode.
R: É, por aí. Pode ser, por aí. Acho que sim, acho que é 60.

P: Por que você gosta de música antiga?
R: Não sei, porque é melhor. Não sei, sei lá, acho que as letras eram diferentes, não sei, eu sei lá, hoje em dia musica pra letra anda meio tosca né.

P: O que você sente quando você ouve música antiga? Tem diferença?
R: Ah, deixa eu pensar. Não sei cara, só porque eu gosto de ouvir musica que me faz sentir bem né, então. As vezes eu fico de bom humor porque eu coloquei pra tocar alguma coisa que eu gosto no computador, sei lá.

P: Então você não se sente diferente quando você ouve uma música atual de quando você ouve uma música antiga? Alguma sensação ou só felicidade mesmo com o que você gosta de ouvir?
R: Não, acho que não sinto nada de diferente não. Acho que não.

P: Você também gosta de música antiga brasileira. Tem alguma década também que você prefere?
R: Ah, acho que não. Acho que qualquer uma pra mim tá boa.

P: E em relação ao rock dos anos 80, você tem alguma ligação ou não muito? É mais MPB mesmo?
R: Ah não, tem também. Eu gosto muito de musica brasileira, aliás eu prefiro musica brasileira até porque as internacionais que eu ouço são a maioria Beatles ou é Elvis, a maioria, e algumas outras bandas assim que eu curto que hoje em dia já nem existem mais. Mas se você pegar meu playlist do computador a maioria é musica brasileira, sendo MPB, Bossa Nova, Rock, qualquer coisa, a maioria é brasileira.

P: Você também gosta de alguma coisa de música atual? O que, por exemplo?
R: Ah gosto, mas eu não presto muito atenção porque eu não ouço radio, então eu não sei muito o que que tá rolando na musica, também não vejo TV, então aí eu já não vejo show nem nada, eu odeio ver clipe. Então assim, as vezes eu ouço porque eu conheço algum amigo meu que ouve ou é alguma banda tipo Skank, sei lá, eles lançam uma musica nova aí eu vou lá e baixo, alguma coisa assim. Mas só também porque o pessoal que eu gosto eles parecem que pararam de fazer musica, Skank, Rita Lee, esse pessoal assim. Mas só, eu não tenho paciência pra ouvir rádio, aí eu acabo que eu nem sei que que tá acontecendo na musica hoje em dia. Eu, pra mim, é tudo sertanejo ou é funk aí eu não tenho paciência pra ouvir rádio, nem a pau.

P: Você acha a música atual de menor qualidade, ou inferior de alguma forma, comparada com a música de antigamente?
R: Não, depende do tipo de música. Funk eu não considero música, o povo fala que é pra representa a favela lá, não, uma coisa que rebaixa as pessoas eu não considero música. Então eu acho que depende do tipo de música, a questão de ser atual ou antiga eu não sei, mas com certeza sem duvida nenhuma hoje em dia existem muito mais música tosca do que no passado.

P: Elvis e Beatles era o que estava na mídia na época deles. Então se a gente for comparar o que está na mídia, se a gente for considerar essa música massificada?
R: Bom, assim, na minha humilde opinião eu acho que as antigas eram melhores, assim as letras eram melhores, porque o que toca hoje na radio é esses Lady Gaga né, esses troço, eu não vejo sentido nas letras daquelas músicas, então eu não gosto. Então assim eu acho que as antigas são de melhor qualidade, em questão das letras né.

P: Não em questão de sonoridade?
R: Não. Sonoridade a única coisa que eu não gosto é Rap ou Heavy Metal, eu não gosto de gente gritando na minha cabeça e nem gente conversando durante a musica porque Rap pra mim não é cantando, o cara tá falando, então. Fora isso.

P: Teve o filme “Somos Tão Jovens”...
R: Ou, eu não assisti.

P: ... sobre o Renato e Legião Urbana, teve “Faroeste Caboclo” também. Eu ia te perguntar se você tinha visto, ou se você se interessou em ver?
R: Me interessei, mas eu não sei porque que eu não fui. Não sei, devia ter ido. Porque assim eu ficava atrás de alguém pra ir comigo, meu namorado não ia, o fulano não ia, falei “Ah, não vou sozinha não no cinema”, acabei esquecendo. Mas não fui não, mas eu vou baixar pra assistir ainda, eu quero ver porque eu gosto muito do Legião Urbana.

P: Por que você quer ver? Por que você gosta?
R: É porque eu gosto, eu gosto banda e assim eu quero ver de qualquer modo o filme e porque ultimamente eles andam fazendo alguns filmes brasileiros mais interessantes então vamos ver se esse ficou bom.

P: Você acha que alguma outra coisa, além da música, era melhor antigamente? Qualquer coisa, cultural, ou de comportamento, ou algum aspecto da vida, não sei?
R: Essa pergunta é tensa. Alguma coisa antigamente? Ow não sei, acho que não. Não sei.

P: Você não é do tipo que acha que as coisas eram melhores antigamente?
R: Acho que não.

P: Você não é saudosista a esse ponto?
R: Não, sou não. Nem um pouco. Eu gosto de tecnologia, acho que eu prefiro hoje em dia mesmo.

P: Você já sentiu vontade de ter vivido em outra época?
R: Ah já, com certeza. Eu queria ter vivido na década de 60, não no Brasil né. Mas sei lá onde, Inglaterra, Estados Unidos, algum lugar, na Europa provavelmente. Agora o porque não sei, acho que crise de identidade, só, hoje em dia pra mim tá bom do jeito que tá. Mas quando eu era mais nova eu pensava que eu preferia ter nascido, sei lá, na época dos Beatles, ter ido no show, na época do Elvis, na época de todos os artistas que eu gosto.

P: Mas é mais pra ir no show e não pra viver realmente aquela época?
R: É. Exatamente. Eu acho que na verdade eu queria que eles fossem da minha época, porque aí seria mais interessante.